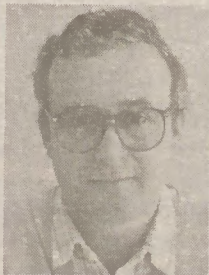


# Ano perdido no turismo

Para além dos atrasos na Legislação, tarda a implementação de uma política nacional de turismo.



■ Carlos Luís Figueira

Pág. 10

# Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 26 de Dezembro de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1204 • Director: Carlos Brito

## CGTP traz à rua problemas reais Pág. 5

# 40 HORAS SÃO PARA CUMPRIR!

## Petrogal cede à greve de fome

Após uma greve de fome, um dirigente sindical é readmitido ao trabalho. Mas a luta dos «disponibilizados» continua.

Pág. 11

## Crise no Básico

A grave situação que se vive no 1.º Ciclo do Ensino Básico é a consequência do abandono a que sucessivos governos votaram este grau de ensino.

Pág. 8

## ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

### Em defesa da olivicultura

Parlamento aprova projecto do PCP

Pág. 24



## Ainda o Congresso

• Brasil

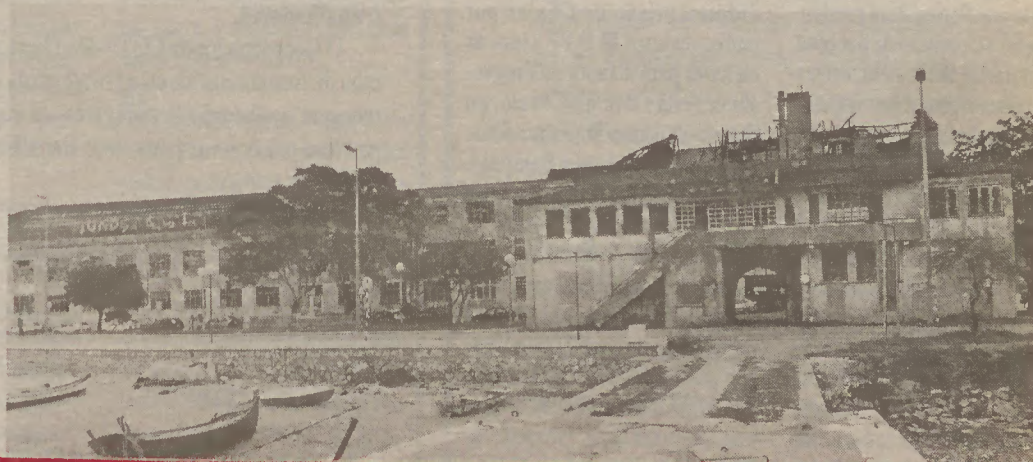
### A luta do PCB e do Movimento dos Sem Terra pela Reforma Agrária

Pág. 14

• Intervenções de Direcções Regionais

Págs. 15 a 17

## Mundet do Seixal E da fábrica se fará Universidade



O Poder Local a construir o futuro

■ Henrique Custódio

Centrais





A CGTP manifestou-se em Lisboa, na quinta-feira

## RESUMO

### 18 Quarta-feira

Os estudantes do Instituto de Engenharia de Coimbra encerram a escola protestando contra a inexistência há quatro anos de um professor de uma cadeira ■ A Polícia Judiciária desmarca a greve convocada para os dias 30 e 31 ■ O Tribunal Constitucional chumba a lei das vagas adicionais no Ensino Superior ■ Ramos-Horta reage positivamente à notícia do adiamento da próxima ronda de conversações sobre Timor-Leste, inicialmente agendada para sábado, em Nova Iorque ■ Inicia-se o Congresso do PC Francês, em Paris ■ O movimento Tupac Amaru faz centenas de reféns na Embaixada do Japão em Lima, reivindicando a libertação de companheiros presos ■ Seis cidadãos russos são assassinados nas suas casas na capital tchetchena, Grozny ■ Kofi Annan, no seu primeiro discurso como secretário-geral das Nações Unidas, pede aos Estados-membros da organização que não a deixem enfraquecer ■ A propósito do alargamento da NATO, a Rússia considera «prematura» a proposta de troca de oficiais de ligação ■ Na Jugoslávia, no dia em que se cumpre um mês de manifestações contra o partido no poder, o presidente Milosevic contesta uma decisão da justiça que reconheceu a vitória da oposição nas eleições municipais de Novembro em Smederevska Palanka.

### 19 Quinta-feira

A CGTP-IN organiza uma manifestação em Lisboa ■ A Inspeção Geral do Trabalho divulga os números dos trabalhadores clandestinos nas grandes superfícies: cinco a sete mil pessoas ■ Um minitornado fustiga a localidade algarvia de Ferragudo, causando prejuízos materiais da ordem dos 150 mil contos ■ É noticiado que Portugal irá presidir em Janeiro à Comissão de Sanções contra o Iraque ■ No Peru, centenas de pessoas continuam sequestradas na Embaixada do Japão ■ O governo jugoslavo admite a possibilidade de se realizarem novas eleições autárquicas ■ O jornal «Bilt» noticia que Rita Sussmuth, presidente do Bundestag e a segunda figura do Estado alemão, fez 31 viagens particulares em avião oficial ■ De regresso ao Zaire, o presidente Mobutu substitui a chefia do exército ■ Fragmentos do vaivém norte-americano Challenger, destruído numa explosão há mais de dez anos, dão à costa numa praia da Flórida ■ Marcello Mastroianni, actor de filmes como «Oito e Meio», «La Dolce Vita» ou «Três Vidas, Uma Só Morte», morre em Paris vítima de cancro no pâncreas.

### 20 Sexta-feira

É assinado o acordo estratégico. A CGTP-IN fica de fora ■ O Presidente da República concede um indulto natalício a 27 reclusos ■ Colegas do guarda de Évora acusado de matar um jovem ameaçam entregar as armas e os crachás ■ Chuva intensa e ventos fortes fustigam, uma vez mais, todo o país ■ Inicia-se a retirada dos soldados portugueses da Bósnia... ■ ...enquanto uma nova força de intervenção militar, denominada Sfor («Força de Estabilização»), com um mandato de 18 meses, substitui a Ifor ■ O astrónomo Carl Sagan morre.

### 21 Sábado

Os pescadores de Matosinhos anunciam que irão fazer greve no dia 1 de Janeiro para exigir, entre outras reivindicações, o pagamento do subsídio de Natal ■ A CGTP exige a demissão do secretário de Estado do Trabalho ■ O Presidente Fujimori, do Peru, fala pela primeira vez desde o sequestro de diplomatas na embaixada do Japão, afirmando que o seu Governo não aceita negociar com o Movimento Tupac Amaru ■ Um grupo terrorista sueco ameaça pôr bombas nas grandes cidades do país, reivindicando benefícios sociais para idosos, doentes e reformados ■ O primeiro-ministro búlgaro, Jean Videnov, demite-se evocando um «perigo real» de que o seu país não possa reembolsar as suas dívidas externas e internas.

### 22 Domingo

O guarda Severino, presumível autor do disparo que vitimou um assaltante em Évora, é agredido na prisão de Caxias por outros reclusos ■ O PP vence as eleições para a Junta de Freguesia de Vila Cova do Covelo, no distrito de Viseu ■ O Presidente da República, Jorge Sampaio, envia mensagem de Natal a todos os portugueses que vivem no estrangeiro ■ D. Ximenes Belo, bispo de Díli, afirma em entrevista à RTP e à Lusa que não tem recebido apoio para Timor-Leste por parte dos Estados membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, à excepção de Portugal ■ Termina em Paris o 29º Congresso do PCF, cujo processo de «renovação» passa pela saída de algumas figuras históricas e pelo abandono da foice e do martelo da bandeira do partido ■ Registam-se novos confrontos em Hebrón entre palestinos e colonos judeus.

## EDITORIAL

# A estratégia da concertação

# A

assinatura na passada sexta-feira do chamado Acordo de Concertação Estratégica entre o Governo e as confederações patronais, acolitadas pela UGT, põe sobretudo em evidência, não a definição pelas partes de qualquer estratégia para o desenvolvimento do país, mas o conluio entre elas sobre uma estratégia para concertação.

O primeiro-ministro, António Guterres, voltou a invocar a «moeda única» para salientar a necessidade de «um novo espírito nas relações laborais» que deve ser marcado pela «moderação reivindicativa» por parte dos trabalhadores e por uma firme política de «contenção salarial».

Os patrões rejubilaram com «este novo espírito» e em especial com a inscrição no acordo da possibilidade de novas revisões da legislação laboral.

A UGT pretendeu fazer valer «os trinta dinheiros» por que vendeu a sua assinatura, chamando a atenção para a possibilidade do período de férias pagas aumentar de 22 para 24 dias úteis e para o eventual referencial de 3,5 por cento para os aumentos de salários do próximo ano.

Curiosamente, também Cavaco Silva se pronunciou nestes dias sobre a matéria da concertação explicando que os sindicatos «vão ter de substituir uma cultura de conflitualidade por uma de concertação» e insistindo, tal como Guterres, em que os sindicalistas «terão de reconhecer que se os salários aumentarem mais do que os dos nossos parceiros comerciais a consequência é o aumento de desemprego».

Segundo esta lógica, os portugueses estão condenados para todo o sempre a auferir, como agora acontece, salários que correspondem a metade dos que se praticam em Espanha, um terço dos que se praticam em França e um quarto dos que se praticam na Alemanha.

Esta foi, afinal, a lógica que Cavaco Silva seguiu na sua governação, provando-se que, apesar do sacrifício imposto à população laboriosa com o congelamento de salários, o desemprego não deixou de saltar para os números avassaladores com que agora nos debatemos.

O que é surpreendente, é ver a fracassada lógica de Cavaco Silva ser pomposamente transformada por António Guterres numa estratégia para a concertação, que significa: os trabalhadores que suportem todos os custos da competitividade das empresas e ainda por cima a factura da corrida para a moeda única.

É claro que uma tal concepção da concertação, onde são cada vez mais acentuadas as tendências para corporativizar as relações laborais, não pode ter a participação dos verdadeiros representantes dos trabalhadores.

Por isso mesmo, tal como aconteceu com o «acordo a curto prazo», o movimento sindical unitário distanciou-se e opôs-se à chamada «concertação estratégica», o que a reduz ao que realmente significa: um acordo entre o Governo e os patrões para intensificar a exploração dos trabalhadores.

O Coordenador da CGTP-IN, Carvalho da Silva, denunciou de forma cáustica esta estratégia da concertação ao afirmar que o «Acordo Estratégico» «é tripartido porque tem patrões, patrões e patrões, mas trabalhadores não tem», ao

mesmo tempo que classificava as «benesses» do «Acordo», cantadas pela UGT, de «mais uma tentativa de vigarice».

Entretanto, a escandalosa interpretação da Lei da flexibilidade e da polivalência feita pela chamada «comissão de acompanhamento» no Conselho Económico e Social e patrocinada pelo Governo, continuou a ser combatida e desmascarada, tanto no plano da luta dos trabalhadores, como no plano institucional.

As grandes manifestações de Lisboa, na passada quinta-feira, e no Porto, no passado sábado, bem como numerosas outras acções, especialmente nas empresas têxteis e de calçado, demonstram que os trabalhadores estão firmemente decididos a prosseguir e a ganhar a luta pela redução efectiva do período semanal de trabalho, no caminho da autêntica semana das 40 horas, ainda que por enquanto no quadro da lei da flexibilidade e da polivalência.

No plano institucional, merece destaque a posição de todos os grupos parlamentares da Assembleia da República a favor da tese da CGTP de que as pausas e as mudanças de turno não podem deixar de contar para o período normal de trabalho.

Particularmente importante é o parecer do Provedor de Justiça, vindo a público em alguns jornais, segundo o qual:

«um diploma que pretende reduzir o período normal de trabalho, deve efectivamente vir a determinar uma redução do tempo de permanência na empresa e do período de trabalho efectivo, e nunca a manutenção, ou mais grave, o aumento do período normal de trabalho».

Estas posições contribuem para pôr em evidência o carácter verdadeiramente anti-social da estratégia de concertação em que o Governo está envolvido.

O comportamento do Governo PS na concertação social é uma das provas mais flagrantes de como se tornou

executor da política de direita que vinha dos anteriores governos do PSD e em alguns aspectos agravou mesmo.

Esta realidade que todos os portugueses podem constatar, e que está a ser especialmente sentida pelos trabalhadores que votaram PS, ajuda a atirar por terra as acusações de sectarismo com que alguns pretendem rotular as posições do XV Congresso do PCP em relação ao Governo PS.

A propósito, convém lembrar as palavras de Carlos Carvalho na abertura do Congresso. Afirmou ele: «Ao definirmo-nos como oposição de esquerda ao Governo PS, contribuímos decisivamente para deixar claro que não é a «esquerda» - mas tão-só o PS - que está no Governo e que não é uma política de esquerda - mas uma política de direita - que está a ser realizada.»

E, mais à frente, o Secretário-Geral do PCP esclareceu: «Com isto, estamos a caracterizar uma política e não estamos de forma nenhuma a duvidar dos sentimentos e aspirações de esquerda de portugueses que confiaram e ainda confiam no PS ou que nele militam.»

Não é naturalmente irrelevante que se comecem a ouvir, vindas do interior do próprio PS, manifestações de incomodidade pela política de direita que este está a realizar no Governo.

Os factos dão plena razão à análise do PCP. O desenvolvimento da luta também confirma a necessidade de se mudar de política.

*O que é surpreendente, é ver a fracassada lógica de Cavaco Silva ser pomposamente transformada por António Guterres numa estratégia para a concertação, que significa: os trabalhadores que suportem todos os custos da competitividade das empresas e ainda por cima a factura da corrida para a moeda única.*

## Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Socieiro Pereira Gomes  
1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Socieiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.  
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,  
7º-A, 1100 Lisboa.  
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47058.  
NIF — 500 059 440

DISTRIBUIÇÃO:  
DISTRIBUIÇÃO ADE'S  
Editorial «Avante!» — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,  
1100 Lisboa  
Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada sexta-feira:  
Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra  
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B L. 227 — 4470 Maia  
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87 / 815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão  
Heska Portuguesa, SA  
R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova — 2700 Amadora  
Depósito legal nº 205/85

### TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA
50 números: 6 750\$00; 25 números: 3 487\$50	50 números: 24 750\$00
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA
50 números: 13 300\$00	50 números: 39 950\$00
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00	

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.



## Nem o pãozinho, senhores?!

Em relação à sardinhita, parece que nos safámos, por agora. O Ministro voltou de Bruxelas muito contente. Por enquanto, não precisamos de abater mais barcos e podemos continuar a pescar as mesmas quotas, se nos portarmos bem. Os senhores de Bruxelas conderam-se da nossa pobreza e o grande senhor alemão, com muito espírito de Natal, até nos cedeu uma quota, que não utiliza, para a pesca da palmeta.

Em relação aos cereais é que nada feito. Os senhores de Bruxelas acham que nos alambazámos para a nossa condição de pobrezinhos, que fomos uns exagerados a aumentar a produção e a produtividade.

É claro que Portugal já importa cerca de 60 por cento dos cereais que consome. Mas os senhores de Bruxelas acham que devemos produzir ainda menos e importar ainda mais.

A este quadro confrangedor chegámos pela política de integração seguida pelos anteriores governos e continuada pelo actual, com a submissão servil e sistemática às imposições de Bruxelas, de Maastricht, da reforma da PAC, muitas vezes disfarçadas com cantos de vitória pelos subsídios e fundos comunitários a troco obtidos.

Os fundos comunitários não são, é claro, em si mesmo uma maldição. «Há as auto-estradas», dizem os apologetas, e ninguém o nega. E há outras aspectos positivos também.

Mas há a regressão industrial do país responsável por uma larga quota do meio milhão de desempregados. Há a crise das pescas com a queda brutal das capturas e o desmantelamento e o abate de uma parte considerável da frota. Há o afundamento da agricultura que agravou a limites inadmissíveis o nosso défice agro-alimentar e se tornou um dos mais sérios factores da desertificação e do despovoamento do interior do país.

Ao contrário do que anunciava a propaganda oficial, os fundos comunitários foram incapazes de contribuir para impedir esta evolução ruïnosa do aparelho produtivo nacional, em grande parte provocada pelos impactos da integração.

O risco de pesados cortes nos subsídios aos produtores de cereais e oleaginosas, há dias anunciado, é um exemplo ilustrativo de como os fundos e os subsídios comunitários podem servir muito-mais para manter a

dependência e o atraso do nosso país do que para ajudarem ao seu desenvolvimento e ao seu progresso.

É uma grave ofensa à nossa dignidade de portugueses que o fundamento invocado para eventuais sanções financeiras seja o «excesso de produção» e o «aumento da produtividade», num país que nem cobre 50 por cento das necessidades do consumo e que tem das mais baixas taxas de produtividade de toda a Europa.

É igualmente ofensivo que se pretenda penalizar com outros cortes de subsídios os produtores nacionais de milho, trigo e girasol por alegadamente «terem ultrapassado os limites das áreas cultivadas», num país onde uma parte da terra arável está abandonada e onde se alarga assustadoramente a desertificação.

Que raio de Governo temos nós em Portugal que aceita estes ultrajes?

É caso para dizer: nem o direito de procurarmos produzir o nosso próprio pãozinho sois capazes de assegurar, senhores?!

■ Carlos Brito

## Dívidas dos «terceiros mundos»

**Crédito bonificado asfixia 100 mil famílias** - anunciava há dias um jornal. «São famílias que devem hoje o dobro ou mais do valor inicial que pediram» (Público, 17/12/96).

Tal é, com efeito, a situação das pessoas que, na década de 80 caíram na armadilha do «crédito bonificado» para compra de casa: uma das medidas do cabaz de promessas demagógicas que faziam parte dos programas eleitorais da AD (PSD mais CDS e PPM, se ainda se lembram). Acreditando em tais promessas, umas 110 mil pessoas (na maioria jovens) assinaram com a Banca contratos num montante global superior a 600 milhões de contos.

Que resultou da aplicação desse negócio que o PSD e parceiros apresentaram com o slogan «uma casa para cada família»?

Apesar de terem estado a pagar aos bancos desde há 10 ou mais anos prestações de valor crescente (que atingem actualmente os 100 contos mensais), a esmagadora maioria dessas famílias vê a sua dívida aumentar de ano para ano «como uma bola de neve».

Afinal, a bonificação trombeteada pela AD acabou por «bonificar» os bancos, que além de embolsarem as prestações crescentes dos compradores, ainda recebem anualmente do Estado muitos milhões de contos à conta da bonificação: só neste ano de 1996 foram 59 milhões! (Público, 17/12.)

Este caso faz lembrar o garrote da dívida externa dos países do chamado «terceiro mundo», na sequência dos empréstimos feitos sob a

égide do FMI, Banco Mundial e quejandos, como «ajuda» para saírem do subdesenvolvimento. Ao fim de cerca de 30 anos verifica-se que quanto mais pagam - mais ficam a dever. A dívida era de 75.000 milhões de dólares em 1970, subiu para os 2.000.000 milhões em 1996.

Em 1989 receberam 48.000 milhões de dólares de empréstimo, mas pagaram a título de «serviço da dívida» 178.000 milhões de dólares. Os juros pagos pelos países da América Latina correspondiam em 1990 a 32% das exportações. Subiram em 1996 a 40%. «Cabe perguntar: quem ajuda quem? quem financia quem?» (XIII Congresso do PCP). «Cada criança da América Latina e Caraíbas está já endividada ao nascer em 30 mil dólares» (idem). Em quanto estará endividada, ao nascer, cada criança das casas bonificadas pelo crédito da AD?

**Terceiro Mundo:** é uma designação que perdeu razão de ser no actual quadro geopolítico mundial. Mas, curiosamente, continua a ser generalizadamente aplicada. Talvez por resumir numa designação simplificada aquela parte do mundo mais cruelmente explorada pelo grande capital dominante do «primeiro mundo». Por formas variadas, como se vê. Não só na produção como através do financiamento e do consumo.

Afinal, quantos «terceiros mundos» não haverá também entre nós?

■ Aurélio Santos

## Sacrifícios para alguns

Na última «Visão», em crónica com um título - «Sacrifícios para alguns» - que parecia copiado ou das páginas do «Avante!» ou dos materiais de esclarecimento produzidos pelo PCP, o economista Daniel Amaral contestava explicitamente a política de «contenção salarial» do Governo PS em torno das actualizações nominais de 3%.

Assinalando que, comparativamente com outros países da UE, em Portugal o factor distributivo «assume uma gravidade maior» pois «Portugal deverá ser o país europeu com maior concentração de rendimentos», Daniel Amaral observava que «agora juntemos estes factos à política que se desenha - aumentos salariais de 3% num cenário em que a conjugação da inflação com a produtividade é de 5%». E rematava: «É óbvio que resulta uma concentração acrescida, na medida em que

se transferem rendimentos dos que ganham menos para aqueles que ganham mais. O que é quem? Que batamos palmas?»

E, com os limites próprios de assumido defensor da moeda única e dos correlativos sacrifícios, Daniel Amaral escrevia que o que contestava era «a irracionalidade do modelo: se está em causa um objectivo colectivo, que pressupõe sacrifícios, a que título é que os sacrifícios não-de ser suportados por uma banda só? Porque é disso que se trata: toda a gente exige dos trabalhadores que sacrifiquem o seu salário; mas não se vê ninguém exigir das empresas que sacrifiquem a sua margem de lucro».

E, já no final do seu texto, Daniel Amaral escrevia que «se ainda nos governasse o PSD, seria fácil concluir este artigo: tratar-se-ia de um partido de

direita, objectivamente defensor de um modelo de desenvolvimento económico em que os trabalhadores não passam de instrumentos ao serviço do capital, blá-blá. Mas quem nos governa agora é o PS, que se autodenomina de esquerda. O embaraço é notório».

Tendo tudo isto, e deixando de lado que o embaraço só é notório para quem gostosamente se quiser deixar embaraçar, parece pois que a terrível falta cometida pelos comunistas em relação ao PS e ao seu Governo está não tanto no que dizem sobre a política do Governo e que outros, mais coisa menos coisa, também dizem, mas na inadmissível circunstância de serem capazes de somar dois e dois e concluírem que dá quatro, serem capazes de ver as árvores e também a floresta, serem capazes e terem o atrevi-

mento de um pensamento de conjunto que articule e julgue politicamente a multiplicidade de factos, rastos e sinais deixados pela política do Governo PS.

Há catorze meses, ocorreu em Portugal uma coisa nunca antes vista e que muitos então apenas quiseram ver como um dos tais inocentes sinais enviados para tranquilidade dos «mercados»: António Guterres, o líder do partido vencedor das eleições, escolhia como sua primeira reunião pública uma reunião solene com a Conferência dos Presidentes da CIP.

Viu e percebeu bem quem logo viu e percebeu que naquela reunião o que se sagrava era a verdadeira matriz política do novo Governo PS e a real e substantiva coligação de interesses que efectivamente representa e serve.

■ Vítor Dias

## PERISCÓPIO

**1.** Nunca é demais afirmá-lo: o Prémio Nobel atribuído a Ramos Horta e a D.Ximenes Belo é o resultado de uma luta tenaz e heróica do povo maubere.

Com esta luta, o povo maubere tornou mais curta a margem de manobra da Indonésia e dos seus amigos ocidentais. A opinião pública ficará mais atenta. Em Portugal é preciso fazer mais. A nível institucional e da União Europeia e ao nível da opinião pública. A maré é favorável e há que aproveitá-la.

Num fim de século em que por todos os cantos se proclama o fim da História, o situacionismo e a impossibilidade da esperança se tornar realidade, a atribuição do Prémio Nobel aos dois timorenses é a confirmação segura que lutar nunca é em vão. Só quem luta pelos seus objectivos os poderá alcançar. Os que desistem perdem.

**2.** Mobutu regressou ao Zaire. O auto-intitulado «leopardo» diz-se ferido. E ameaçou a oposição. Fê-lo em desespero e contando com as costas quentes dos seus amigos franceses, belgas e outros. Sem esses apoios Mobutu há muito não seria o Presidente do país mais corrupto do mundo.

Não deixa, entretanto, de ser curioso que para este grande país africano, os países ocidentais não reclamem a democracia, nem o multipartidarismo. Todos caladinhos que nem ratos, apostando no velho «leopardo», gasto por tantos anos de usurpação do poder, de repressão e opressão. O Ocidente gosta de Mobutu e protege-o.

**3.** Na Sérvia as coisas já piam mais fino. Aí o Ocidente apoia manifestações, lança ultimatoss e até poderá de novo decretar sanções económicas contra Milosevic. Segundo os manifestantes, os resultados eleitorais foram manipulados. Os tribunais estão a apurar. Milosevic recebeu os manifestantes e prometeu-lhes que as violações da lei seriam reprimidas. Mas olhando para outros países onde não se realizam eleições (Arábia Saudita, Indonésia, Emiratos, entre outros) os países ocidentais não ameaçam com sanções. Entendem-se com essas ditaduras e beneficiam desse relacionamento.

**4.** Em Israel, contra o direito internacional e as decisões da ONU, Netanyahu prossegue a sua política expansionista contra os palestinianos e os árabes. Nas cadeias israelitas continuam milhares de palestinianos, prosseguem os colonatos. Aumenta a violência contra os palestinianos. Os territórios ocupados são literalmente fechados. Netanyahu lá vai poisando nas várias capitais ocidentais. Em busca de uma compreensão antiga.

**5.** No Peru de Fujimori, sujeito ao tratamento de choque do FMI, com a democracia amordaçada, os homens do TUPAC AMARU tomaram de assalto a residência do embaixador do Japão. Exigem a libertação de todos os presos pertencentes ao TUPAC AMARU. Qualquer que seja o desfecho, as coisas, no Peru, irão provavelmente continuar a ser mexidas pelos cordelinhos do FMI e BM com Fujimori ao leme. As lutas organizadas dos trabalhadores e do povo peruano pelos seus direitos acabarão por ter lugar. São essas as que conduzirão a vitórias difíceis mas certas.

**6.** Por último, os EUA fizeram eleger Kofi Annan secretário-geral da ONU. O outro já não servia. Este está mais ao jeito da viragem que os EUA querem imprimir à situação internacional. Por isso dobraram a França, que acabou por aceitar.

■ Domingos Lopes



## SEMANA

## Expo'98 em derrapagem

Os partidos da oposição pronunciaram-se todos pela realização de uma audição parlamentar ao Governo que permita esclarecer o que já é considerado um caso de clara derrapagem nas contas da Expo'98. A questão foi suscitada pelo aumento do volume de despesas ocorridos nos últimos oito meses, acréscimo na ordem dos 15 por cento para o qual não foram apresentadas até ao momento informações que o

justifiquem. Quem afirma estar igualmente preocupado com a situação é o ministro da presidência, António Vitorino, que enviou uma carta ao comissário Cardoso e Cunha, responsável pela Expo'98, indagando sobre a situação actual, bem como o ministro Jorge Coelho que, em declarações públicas a uma rádio, expressou desconfiança quanto à saúde financeira da Expo'98, admitindo que no final haja uma

"conta pesada". A existir derrapagem, como tudo indica, a responsabilidade é do Governo e da gestão do empreendimento, no entender do PCP, que, pela voz de João Amaral, considerou ainda "um absurdo que o Governo em vez de prestar contas à AR mande um ministro falar a uma rádio local, como dirigente partidário, para «denunciar» uma situação, como se não fosse o próprio Governo responsável pela Expo'98".



## Estudantes de enfermagem em protesto

Provenientes de todo o País, respondendo ao apelo da sua Federação Nacional, mais de dois mil estudantes das Escolas Superiores de Enfermagem manifestaram-se em frente dos Ministérios do Ensino e da Saúde. Entregar um caderno reivindicativo, conten-

do as suas queixas e preocupações, foi o motivo que os trouxe de todo o País, indiferentes às fortes chuvadas que então se abateram sobre a capital. Na origem do protesto, explicaram, os atrasos no pagamento das bolsas, o regime de faltas nas cadeiras teóricas, a

excessiva carga horária, a obrigatoriedade de dois anos de estágio antes da especialização que lhes abre caminho à licenciatura.

Depois de serem gorada a intenção de serem recebidos na 5 de Outubro por Marçal Grilo, notícia que inflamou ainda mais a insa-

tisfação e o protesto, os estudantes rumaram em direcção ao Ministério da Saúde, conseguindo chegar à fala com Maria de Belém, de quem receberam a promessa de medidas susceptíveis de irem ao encontro das suas reivindicações.



## Homenagem a Carlos Paredes

Três concertos de homenagem trouxeram de novo ao palco a arte e a universalidade da música de Carlos Paredes, artista que de modo raro com a sua sublime sensibilidade e paixão soube arrancar sonoridades ímpares da guitarra portuguesa. Os concertos, que decorreram nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, constituíram momentos únicos onde foi possível ouvir a Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida pelo maestro Miguel Graça Moura,

interpretar peças de António Vitorino de Almeida, Pedro Osório e José Eduardo basedas no tema "Verdes Anos" de Mestre Paredes. Composições suas foram ainda interpretadas pelo músico Pedro Caldeira (guitarra portuguesa) e pelo quarteto de jazz formado por Bernardo Sasseti, António Frazão, Carlos Barreto e Mário Delgado. A primeira parte do concerto, dedicada a cordofones, esteve sob a direcção do guitarrista clássico José Vaz de Carvalho.



Carlos Paredes na primeira Festa do "Avante!", na FIL, em 1976



## 200 mil famílias pobres

Mais de 1,7 milhão de pessoas, correspondendo a cerca de 18 por cento das famílias

portuguesas, vivem em situação de extrema pobreza. Os dados constam de um estudo do Ministério para a Qualificação e o Emprego agora revelado, no qual se apontam como principais causas para tanta pobreza as reformas ou pensões baixas, bem como os baixos salários e a doença. Entre os chamados "grupo desfavorecidos" incluem-se pessoas com muito baixos rendimentos, desempregados de longa duração, certas minorias étnicas e culturais, imigrantes, tóxico-dependentes, reclusos e ex-reclusos, prostitutas. No total são mais de 200 mil famílias que se vêem privadas da satisfação de necessidades básicas, sobrevivendo nas margens de um sistema que os exclui e lhes veda o acesso a bens essenciais, seja no apoio social ou na saúde, seja na alimentação, no vestuário ou a uma habitação condigna.

## Morreu Marcello Mastroianni

Com 72 anos, faleceu em Paris, na sua residência, Marcello Mastroianni. Figura maior do cinema europeu e mundial, o actor não resistiu a um cancro no pâncreas, perdendo o - s e a que ele que foi considerado por Federico Fellini como o seu actor favorito. No decorrer da sua fabulosa carreira trabalhou sob a direcção de praticamente todos os grandes cineastas italianos, tendo igualmente contracenado com as principais estrelas do cinema. "Áfirma Pereira", de Roberto Faenza, adaptação de

Antonio Tabucchi, trouxe-o em filmagens num passado recente ao nosso país, onde, assim o quis a vida, rodou também o seu último filme, "Viagem ao Fim do Mundo", sob a direcção de Manoel de Oliveira. Talentoso e permanente sedutor, como era visto, Mastroianni deixa o seu nome ligado a filmes como "A Noite" (do realizador Antonioni), "O Acontecimento Mais Importante Desde que o Homem Chegou à Lua" (Jacques Demy), "A Doce Vida" e a "Cidade das Mulheres" (Fellini), "As Noites Brancas" e "O Estrangeiro" (Visconti), "Que Pena Seres Vigarista" (Vittorio de Sica), "Não Toques na Mulher Branca" (Marco Ferreri), "A Noite de Varennes" (Ettore Scola), "Os Olhos Negros" (Nihita Mikalkov).

## Sequestro no Peru

Um comando armado da organização Tupac Amaru (MRTA) ocupou a embaixada do Japão em Lima fazendo cerca de quatro centenas de reféns, entre os quais 18 embaixadores e dois ministros peruanos. Um português, representante da União Europeia na capital do Peru, encontrava-se também entre os sequestrados, na sua maioria diplomatas, altos funcionários e homens de negócios, presentes na recepção oferecida

pela representação diplomática do Japão para assinalar o aniversário do imperador Akihito. Entre as exigências do Tupac Amaru, que foi buscar o nome a um chefe índio que lutou no século XVIII contra o colonizador espanhol, está a libertação dos cerca de 500 elementos do grupo a cumprirem penas em cadeias peruanas, bem como uma mudança na política económica do país dirigido por Fugimori.

## FRASES

"Não travamos batalhas só para ganhar. Não. Travamos batalhas que são justas."

Carlos Carvalhas, Público, 18-12-96

"Quantos milhares de trabalhadores e trabalhadoras da têxtil e do calçado que fizeram estas greves votaram no PS? Estou convencido que mais de metade (...). E, 14 meses depois, estão a fazer uma greve contra a legislação do PS."

Idem

"Nós é que somos o partido enganado? Quem poderá ser é o povo português que acreditou na regionalização do PS. Quem poderá ser é o Fernando Gomes, é o Narciso Miranda, é o presidente do grupo parlamentar do PS."

Idem

"Não acho nem que o Estado deva vender o cinema português ao desbarato, como certamente iria acontecer - e aliás não vejo quem o compraria -, nem que o Estado deva ser o proprietário do cinema português."

Manuel Maria Carrilho, ministro da Cultura, a propósito do «Cineregócio», Diário de Notícias, 19-12-96

"Agora tenhamos paciência. Não tenho de informar ninguém de quando decido tomar uma decisão."

Idem

"Não há dívidas eternas. Têm todas uma prescrição, vem no Código Civil."

Idem

"Refere-se muitas vezes aos valores cristãos e da família como de grande significado para ele. Estamos aqui para lhe recordar que a família portuguesa é muito mais do que meia-dúzia de capitalistas que andam todos sorridentes em torno dele."

Carvalho da Silva, na manifestação da CGTP-IN contra a aplicação da Lei das 40 horas, referindo-se a António Guterres, Jornal de Notícias, 20-12-96

"(...) uma senhora que gosta muito pouco de ouvir."

Jornalistas d'A Capital não identificados, referindo-se a Helena Sanches Osório, Público, 20-12-96

"Não notei nada."

Helena Sanches Osório, referindo-se ao esforço dos jornalistas d'A Capital para garantirem duas edições diárias, Público, 20-12-96

"Por que é que o dr. Monteiro ameaçou atirar-se do parapeito exterior do prédio e depois regressou ao quarto pela janela?"

Suplemento «Vida» do Independente, 20-12-96

"O pouco dinheiro que haverá para a campanha do PSD deve ser os 400 contos que eu doeie ao partido."

Amorim Pereira, PSD-Porto, Independente, 20-12-96

"O PSD não vai a parte alguma; mas quem vai a parte alguma, com certeza por muitos anos, é o PS."

Idem



## TRABALHADORES

Manifestação na baixa lisboeta  
e em São Bento

# CGTP traz para a rua os problemas reais

A inversão da política económica e laboral, de modo a garantir emprego, salários justos e direitos sociais, foi reclamada dia 19 nas ruas da capital por alguns milhares de trabalhadores e sindicalistas dos distritos de Lisboa e Setúbal.

Respondendo ao apelo das estruturas da CGTP, trabalhadores de diversos sectores e empresas onde as dificuldades são mais sentidas e onde estão em curso lutas laborais, concentraram-se quinta-feira à tarde no Terreiro do Paço. Às faixas de protesto e aos homens-sanduíche os manifestantes acrescentaram alguns tons próprios da época, desde os «pais-natal» — que encabeçaram o desfile até ao Rossio e daqui para a residência oficial do primeiro-ministro, depois de descer a Rua do Ouro e prosseguir pela Rua do Arsenal até à D. Carlos I — até aos «presentes» que os trabalhadores do comércio deixaram na árvore de Natal colocada na Praça da Figueira.

A manifestação, numa tarde de aguaceiros, acentuou os problemas de trânsito que fazem parte do dia-a-dia da baixa lisboeta, levando um ou outro automobilista a dirigir aos manifestantes as buzinas e os piropos com que costumam premiar o condutor do carro da frente.

Com esta acção, as uniões de sindicatos de Lisboa e Setúbal e a CGTP pretenderam chamar a atenção do Governo e da opinião pública para os muitos problemas que persistem e se agravam no mundo laboral, com destaque para a destruição do aparelho produtivo, a liquidação de postos de trabalho, a violação de direitos reconhecidos nas leis e na contratação colectiva, os salários baixos e a perda de poder de compra dos trabalhadores.

Junto à residência oficial de António Guterres, em São Bento, o coordenador da CGTP fez uma breve intervenção sobre os motivos que estiveram na origem da manifestação. Carvalho da Silva denunciou as «ofensivas muito grandes» desencadeadas já em pleno período natalício contra direitos dos trabalhadores e lembrou ao primeiro-ministro — que «refere muitas vezes os

valores cristãos e da família» — que «a família portuguesa é muito mais do que aquela meia dúzia de capitalistas que andam todos sorridentes em volta dele e a quem tem dado benesses e benefícios».

O dirigente sindical reclamou do Governo, em vez de repetidas promessas de um futuro melhor, palavras e medidas concretas para os trabalhadores ameaçados de desemprego, para os que não recebem salários a tempo e horas, para os que têm direito a uma efectiva redução dos horários de trabalhos.

Sobre a forma como alguns patrões, com a cobertura do Governo, tentam aproveitar a entrada em vigor da Lei 21/96 para deixar de considerar no tempo de trabalho as pausas e os intervalos, que foram objecto de livre negociação e se praticam há décadas, Carvalho da Silva saudou as lutas em curso, frisando que «as 40 horas são para cumprir e os trabalhadores não irão abdicar deste direito».

O coordenador da Inter apelou a que o primeiro-ministro não fique surdo perante os problemas reais do País e considerou que o Acordo de Concertação Estratégica (que no dia seguinte seria assinado pelas confederações patronais, o Governo e a UGT) é «um acordo do País do faz-de-conta» e «um Cabaz de Natal recheado para os senhores do capital».



## ● Auto Europa em marcha-atrás

A Auto Europa aproveitou a entrada em vigor da Lei 21/96 para tentar retirar aos trabalhadores o direito a dois pequenos intervalos de 7 minutos, o que levou a Comissão de Trabalhadores da empresa a denunciar publicamente a manobra e convocar plenários do pessoal no passado dia 18.

«A única coisa que reclamamos são os 14 minutos de intervalo que foram estabelecidos pela própria empresa em 1994, quando do início da produção, quando em todo o Mundo a Ford e a VW dão aos seus trabalhadores 20 minutos» - sublinha a CT, num comunicado que fez chegar à nossa redacção.

A CT já levou o protesto às presidências da República e do Conselho de Ministros, e foi recebida pelo administrador-delegado, Ralph Richard Rosignolo. Iniciaram-se negociações, mas a administração «mantém a posição inicial sobre o problema, mostrando um comprometimento com o patronato do sector automóvel», atitude a que a CT atribui «cunho político» e perante a qual decidiu avançar para a realização dos plenários da semana passada. «Para além disto, estamos na disposição de, durante o ano que se aproxima, continuarmos com esta luta e solidarizarmo-nos com outras que venham a ser tomadas por organizações representativas dos trabalhadores da empresa», afirma a CT.

## ● Aveiro: excepções significativas

O plenário da União dos Sindicatos de Aveiro verificou, como «tendência dominante» no distrito, o «cumprimento efectivo da Lei 21/96 na esmagadora maioria das empresas dos diversos sectores, facto a que não são alheios o esclarecimento e acção sindical desenvolvidos».

Numa nota de imprensa divulgada após a reunião efectuada dia 18, a USA/CGTP aponta «casos significativos de não cumprimento da lei, particularmente em sectores como os têxteis, calçado e material eléctrico», onde várias empresas «fazem de conta que reduzem o horário, porque não consideram as pausas para a bucha como tempo efectivo de trabalho, como vinha sucedendo há décadas». São utilizados «processos que vão da intimidação e ameaças, até ao fecho dos portões», para evitar que os trabalhadores, respondendo aos apelos e pré-avisos de greve, abandonem o trabalho à hora a que têm direito.

Mereceu especial menção do plenário de sindicatos, numa moção de solidariedade e incentivo à continuação da luta dos trabalhadores, o caso da Cordex, de Esmoriz, empresa que, «num comportamento jagunheiro, ameaçou os trabalhadores, insultou de forma cavernosa os dirigentes sindicais

e ameaçou mesmo fechar o portão para que ninguém saia, a não ser à hora que eles estipularam».

## ● Patrões da hotelaria resistem

Muitos estabelecimentos hoteleiros não reduziram o horário de trabalho em duas horas, até ao máximo das 40 semanais, afirma o Sindicato da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Norte. Num primeiro balanço, são apontados os que não aplicaram a lei nos distritos de Braga (Hotel Turismo, Carandá, Estação, Mãe de Água, Castelo Bom Jesus, Fundador), Bragança (Hotel Bragança), Porto (Hotel Império, Internacional, S. José, Bolsa, Menfis, Casa Branca, Inca, Douro), Viana do Castelo (Hotel Caminha, Parque, Valença do Minho, Lara) e Vila Real (Palace Vidago, Tocaio, Miracorvo, Aquae Flavie, Trajano). Quanto às empresas que reduziram o horário, afirma o sindicato, fizeram-no na sua maioria não cumprindo a lei: impondo um regime de polivalências desqualificantes e ilegais, desrespeitando os intervalos mínimos previstos e alterando horários unilateralmente.

Na restauração as empresas, «na generalidade», não reduziram o horário, prevendo o sindicato que, devido aos elevados índices de trabalho ilegal e clandestino e a falta de eficácia da Inspeção do Trabalho, se mantenham as jornadas de 10 ou 12 horas, praticadas em muitas firmas.

## ● Trabalhadores têxteis em greve

Os trabalhadores têxteis e da cordoaria dos distritos de Aveiro, Porto e Braga continuaram no sábado, dia 21, a sua greve pela efectiva redução do horário de trabalho, a caminho das 40 horas em cinco dias por semana.

A federação do sector (Fesete/CGTP) convocou para aquele dia concentrações de representantes dos trabalhadores dos têxteis, vestuário e calçado de todo o País, que foram protestar junto à sede da associação patronal, na Rua Gonçalo Cristóvão, e frente à delegação do Ministério do Emprego, na Avenida da Boavista, contra «as posições prepotentes dum parte significativa do patronato e dum secretário de Estado do Trabalho ao seu serviço, os quais pretendem transformar a lei das 40 horas no «conto do vigário» e violar os direitos contratuais livremente negociados».

Na nota em que anuncia esta jornada, a Fesete informa que, «apesar da UGT ter dado cobertura às posições mais retrógradas da CIP e do patronato do sector», a luta «é feita desde o seu início em conjunto pela Fesete e o Sindetex/UGT».





## TRABALHADORES

DUAS PRENDAS  
PARA ALJUSTREL

O pessoal das Pirites Alentejanas, em plenário realizado na semana passada na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira, em Aljustrel, reagiu à demissão da administração da mina (que se mantém em funções até final do mês), reclamando do Governo duas «prendas de Natal».

Para a administração, o plenário pediu que Augusto Mateus e António Guterres a deixasse «ir passar o Natal com a família, já sem qualquer vínculo às Pirites». Para os trabalhadores, uma boa prenda seria a nomeação de uma nova administração, «não só com pessoas novas, mas, sobretudo, com novas atitudes de respeito pelas garantias dadas pelo Governo, nomeadamente quanto aos postos de trabalho, à normalização da actividade na empresa e à actualização dos salários».

## PARADOS PELO SUBSÍDIO

Os trabalhadores das Sedas Vizela, empresa com capitais de risco da Norpedip (ligada ao Ministério da Economia), iniciaram uma greve às 6 horas da passada quinta-feira, com concentração nas instalações, exigindo o pagamento da totalidade do subsídio de Natal.

A administração decidiu aplicar em material parte do dinheiro destinado aos subsídios de Natal e anunciou que dia 20 de Dezembro apenas pagaria metade do 13º mês. «Face a esta descarada e vergonhosa provocação, aos trabalhadores mais não restou do que o caminho da luta», afirma o Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes, em nota enviada à comunicação social.

## A BORDO COM PROMESSAS

O Sindicato da Pesca do Norte voltou a exigir ao primeiro-ministro e à ministra do Emprego «medidas concretas relativamente à alteração das condições de vida e trabalho dos profissionais da pesca», segundo informou numa nota de imprensa divulgada na véspera de uma reunião na Assembleia da República. Na subcomissão parlamentar de Pescas, o sindicato enviou à AR um protesto contra os atrasos e eventuais acordos entre Governo e armadores acerca do regime jurídico do trabalho a bordo das embarcações pesqueiras.

Na nota, o sindicato refere que, «com o resultado das eleições de 1 de Outubro de 1995, os trabalhadores, em geral, e os pescadores e trabalhadores da pesca, em particular, criaram grandes expectativas no sentido da necessária alteração das rudes e desumanas condições de trabalho e vida no sector, que o sr. primeiro-ministro, em campanha eleitoral, teve oportunidade de conhecer». Só que, «apesar de terem sido aprovados dois projectos de lei para Regime Jurídico do Contrato de Trabalho a bordo das embarcações de pesca, apesar de ter sido aprovado o DL nº 88/96 sobre subsídio de Natal e até de alguns passos dados no que se refere a aplicação do rendimento mínimo garantido, tudo continua na mesma, apesar de várias insistências nossas, do domínio público, continuando-se a desrespeitar e espezinhar os poucos direitos estabelecidos» - protesta o sindicato.

## AS MÃOS NO BINGO

O Governo deve fazer rapidamente um estudo rigoroso da situação nas salas do jogo do bingo, para «identificar as causas que estão na origem dos problemas e que estão a pôr em perigo milhares de postos de trabalho que têm de ser urgentemente defendidos», reclama a Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo de Portugal, numa moção aprovada na última reunião da sua Direcção Nacional. Entre outras medidas que o Governo deve tomar, a Feshot/CGTP exige uma actuação imediata para «pôr termo à utilização indevida e fraudulenta das verbas provenientes das receitas das salas de bingo».

O sector do bingo, segundo a federação, emprega mais de dois mil trabalhadores, directa e indirectamente, e os graves problemas económicos que enfrenta provocaram já o encerramento de algumas salas, «prefigurando-se o encerramento de outras, com o inevitável desemprego dos trabalhadores, se não forem tomadas medidas a curto prazo».

JOÃO ROCHA  
NÃO PAGA SALÁRIOS

A empresa Têxtil Lopes da Costa, do ex-presidente do Sporting João Rocha, deve cerca de 24 mil contos de salários aos trabalhadores, disse à Agência Lusa um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Alta. Segundo Carlos João, «há pouco mais de um ano a empresa recebeu uma injeção de 100 mil contos, graças a um empréstimo avalizado pelo presidente da Câmara Municipal de Gouveia». «As promessas - acrescentou - foram então mais do que muitas e o Natal de 95 foi de menos angústia.»

Passado um ano, os 300 trabalhadores da empresa têm 13 meses de salários em atraso e «vão para casa sem o subsídio de Natal e sem o salário de Dezembro e, sobretudo, sem esperança no futuro». Se a situação não for ultrapassada até princípios de Janeiro, os trabalhadores irão encetar formas de luta, adiantou o sindicalista.

Frente Comum exige negociação suplementar  
Recusada imposição salarial  
na Administração Pública

A actualização salarial anunciada pelo Governo para fechar as reuniões com as estruturas sindicais da Administração, na semana passada, apenas obteve o acordo da Fesap/UGT.

Reunida no dia 18, a coordenadora da Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública - que integra 31 organizações sindicais da CGTP e independentes - reafirmou a rejeição da proposta do Governo. Esta prevê aumentos salariais de 3 por cento, fixa o subsídio de refeição em 580 escudos, actualiza as pensões de aposentação e sobrevivência em 2,9 por cento e em 3,75 por cento as pensões mais degradadas (calculadas com base nos salários em vigor até Setembro de 1989).

## Dois pesos...

Para a coordenadora da Frente Comum, é «inaceitável que o Governo continue a usar dois pesos e duas medidas, impondo novos sacrifícios aos trabalhadores da Administração Pública, em nome da moeda única e da integração europeia». Na nota divulgada à imprensa no final da reunião, realça-se que, «além de socialmente injustos», estes novos sacrifícios não

encontram justificação no Orçamento para 1997, «pois existem verbas suficientes para aumentos superiores aos propostos pelo Governo».

A Frente Comum também não aceita «que o Governo aumente a já de si escandalosa diferença entre os salários mínimos da Função Pública e nacional, criada pelo Governo anterior, em vez de a reduzir e eliminar».

Na reunião foi decidido «exigir a abertura de um período de negociação suplementar, que permita discutir um aumento salarial que salguarde a dignificação das funções públicas, com o aumento real dos salários, a não exclusão dos trabalhadores da Administração Pública dos ganhos de produtividade nacional e encontrar uma solução, ainda que faseada, para a eliminação do diferencial entre os salários mínimos».

Na primeira semana de Janeiro deverá realizar-se nova reunião da coordenadora da Frente Comum de Sindicatos, «com o objectivo de planificar as acções de luta a desenvolver

em defesa do poder de compra e da valorização dos salários da Administração Pública e do cumprimento do acordo de Janeiro de 96, nomeadamente em relação a matérias como o emprego precário, as carreiras profissionais, o subsídio de risco, a negociação colectiva ou as ajudas de custo».

Integração  
dos «precários»

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores anunciou que vai promover várias formas de luta com vista à integração dos trabalhadores com vínculo precário na Administração Central.

Em conferência de Imprensa realizada em Faro, os dirigentes do STFP/SA/CGTP denunciaram recentemente que o Governo rompeu o acordo celebrado em Janeiro com as organizações sindicais do sector, o qual previa a integração dos 40 a 50 mil trabalhadores que se encontram naquela situação em todo o País (1500 dos quais no Algarve).

Vítor Ruivo considerou ultrapassado o decreto-lei que previa a assinatura de contratos

a prazo, com vista à sua integração a partir de Maio de 1997. «O decreto-lei de Junho já não tem valor e não serve para nada», sublinhou o dirigente sindical, citado pela Agência Lusa, referindo que, até ao momento, não foi celebrado um único contrato com aqueles funcionários.

«Os sindicatos continuam a reivindicar a integração directa dos trabalhadores na Administração Pública em Maio do próximo ano», esclareceu Vítor Ruivo, para quem o Governo «anda a enganar os trabalhadores e a ter uma conversa mole».

Salientando que os trabalhadores da Administração Central são apenas uma parte dos cerca de 80 mil trabalhadores da Administração Pública naquela situação, o sindicalista considerou escandaloso que o Governo tenha criado, desde Janeiro, nos diferentes ministérios, «milhares de postos de trabalho» também com vínculo precário.

O dirigente sindical denunciou também a situação dos desempregados que trabalham em serviços públicos, graças à portaria dos programas ocupacionais (POCs), e ganham apenas o subsídio de desemprego, considerando que são explorados pelo Estado.



Os problemas que os trabalhadores trouxeram a Lisboa chegaram às instituições comunitárias através do eurodeputado comunista

Honório Novo questiona Bruxelas  
sobre apoios à Riopele

A têxtil Riopele, de Famalicão, anunciou recentemente a caducção dos contratos de mais 94 trabalhadores, despedidos sem indemnização, poucos dias depois de terem sido disponibilizados para a empresa 3,4 milhões de contos de apoios comunitários. O eurodeputado comunista Honório Novo - revelou a Direcção da Organização Regional de Braga do PCP - endereçou à Comissão Europeia um conjunto de interrogações suscitadas por este facto.

Começa por referir que a Riopele é uma grande empresa que tem vindo a reduzir significativamente o volume de emprego: dos cerca de 5 mil trabalhadores que ocupava há alguns anos, restam hoje menos de metade; só nos últimos meses liquidou cerca de 500

postos de trabalho, por meio da figura de rescisões por mútuo acordo e a troco de indemnizações muito baixas (cerca de 300 ou 400 contos).

Sabendo que a Riopele recebeu financiamentos comunitários durante o 1º Quadro Comunitário de Apoio, que a empresa se candidatou a financiamentos no actual QCA e que teriam sido aprovadas as candidaturas, Honório Novo solicita informação sobre o montante dos financiamentos e se estes pressupunham ou não a manutenção do volume de emprego. Se estava prevista a redução deste, o deputado quer saber que verbas estavam previstas para fazer face aos problemas sociais.



## PIDDAC/97

## PS e PP inviabilizam obras fundamentais

O acordo entre PS e PP deitou por terra todas as esperanças de fazer aprovar na especialidade as muitas centenas de propostas que o PCP apresentou na Assembleia da República com vista a incluir importantes obras no Plano de Investimentos, algumas das quais correspondiam a promessas feitas pelos socialistas na última campanha eleitoral. Os prejuízos estão à vista e são quantificados pelas organizações regionais.



## Coimbra

Os comunistas de Coimbra afirmam que o voto contra do PS e a abstenção do PP prejudicaram o distrito em cerca de um milhão de contos. Recordando as propostas que divulgaram em 12 de Novembro, a DORC do PCP chama a atenção que é já a segunda vez consecutiva que PS e CDS/PP inviabilizam a aprovação de dotações do Orçamento de Estado para importantes obras.

## Portalegre

A contradição entre as promessas eleitorais e a prática é igualmente sublinhada pela DORPOR do PCP que acusa o Governo de «fazer o País andar para trás». Concretamente, os comunistas lamentam que tenha sido chumbada a proposta do PCP que visava a construção da barragem do Pisão.

## Viana do Alentejo

Por seu lado, a Concelhia de Viana do Alentejo saúda o esforço feito pelo Grupo Parlamentar do PCP que conseguiu fazer aprovar na AR a proposta de dotação orçamental no valor de 180 mil contos para beneficiação do troço da estrada que liga a localidade e Évora. Em contraste com o empenhamento dos comunistas, um deputado socialista que se tinha comprometido perante uma delegação de eleitos do concelho a lutar pela execução da obra, nem sequer se dignou a comparecer no hemiciclo no momento da votação.

## Salários em atraso na Sourearte

Urge dar resposta à grave situação que os 136 trabalhadores da Sourearte - em luta pelo pagamento dos três meses de salários e subsídio de férias em atraso - estão a atravessar. A denúncia cabe à Comissão Concelhia de Soure do PCP que diz que esta situação só é possível ou por má gestão ou porque as políticas económicas e sociais de cariz estritamente neoliberal dos governos PSD e PS a isto conduzem.

Depois de se interrogarem sobre o que andam a fazer o Ministério do Emprego e a Inspeção de Trabalho, os comunistas afirmam que «o patrona-

to anda à rédea solta e ninguém lhe pede contas». E enquanto para salvar as empresas e responder às necessidades dos trabalhadores não há nem medidas adequadas nem dinheiro, para indemnizações aos agrários o Governo prevê no Orçamento de Estado 60 milhões de contos, ao mesmo tempo que contempla os banqueiros e seguradoras com benefícios fiscais no valor de outros 160 milhões.

Há no concelho de Soure uma grande falta de emprego, prossegue a Concelhia do PCP, pelo que a Câmara Municipal investiu na criação de uma



## Aveiro

Insistindo na necessidade de várias obras e apoios a instituições, a DORAV do PCP lembra que elaborou 18 propostas de alteração ao PIDSAC, todas elas infelizmente chumbadas na AR, com os votos contra do PS e a abstenção do CDS/PP. A DORAV sublinha ainda que o PSD, que agora votou favoravelmente as propostas dos comunistas, sempre as inviabilizou enquanto foi Governo e ainda no ano passado se absteve em propostas idênticas.

Por outro lado, o PCP congratula-se com a inclusão de uma verba para a recuperação do edifício da capitania, considerando como «uma vitória para Aveiro e uma vergonha para o PS».

A história é de facto curiosa. O Grupo Parlamentar do PCP deu entrada da referida proposta na Comissão em 28 de Novembro. No dia seguinte, foi a vez do PSD apresentar outra com o mesmo teor e já a 3 de Dezembro são os deputados do PS eleitos pelo distrito que avançam com uma terceira proposta sobre a recuperação da Capitania (uma das duas únicas que elaboraram). Na votação a proposta do PCP foi chumbada pelos deputados socialistas que procuraram deste modo ficar com os louros da recuperação do ex-libris de Aveiro. Tal sectarismo, contudo, foi demonstrado pelo parlamentares do PCP que em nome dos interesses da cidade, e dando uma lição de democracia, votaram favoravelmente a proposta dos socialistas. A DORAV afirma em conclusão que no interesse de Aveiro nem se incomodaria «se Afonso Candal e os seus pares tivessem feito em relação a todas as outras propostas que o PCP apresentou para a região, o mesmo golpe que fizeram em relação ao edifício da capitania».

## Amadora

Em conferência de imprensa, a Concelhia da Amadora considera que o Orçamento/97 discrimina o concelho e que não cumpre as várias promessas feitas pelos socialistas. Designadamente, o PCP refere que não está previsto o prolongamento da linha de Metropolitano até à Falagueira, obra que permitiria que serviria dezenas de milhar de pessoas; enquanto que a construção do tribunal, anunciado pelo ministro da Justiça como primeira do distrito, recebe um dotação de apenas 10 mil contos, o que não chega sequer para o projecto. Em contrapartida, o tribunal de Cascais (que não era prioritário) recebe 705 mil contos, decisão que «talvez não esteja desligada do facto de a câmara ser de maioria PS», observa a Concelhia da Amadora.



## Braga

No concelho de Vila Verde, a população já saiu à rua para reivindicar uma nova Ponte sobre o Cávado em Prado e a variante às estradas nacionais 101 e 102. A DORBraga lembra que foram o PS e PP que inviabilizaram a verba para o rápido arranque da obra e apela à luta pela construção da Ponte com quatro vias e das variantes sublinhando que são projectos essenciais não só para a resolução do problema do trânsito como para o desenvolvimento dos concelhos de Vila Verde, Terras de Bouro, Ponte de Lima, Pontes da Barca, Arcos de Valdevez, Monção entre outros. O PCP avisa que caso o Governo abandone o projecto, como tudo leva a concluir, irá pedir explicações na AR, até porque os terrenos já foram expropriados e as respectivas indemnizações pagas.

## Barcelos

O PCP apresentou várias vezes na AR uma proposta para recuperação e melhoria da estrada nacional 204 que liga Barcelos a Ponte de Lima e cujo mau estado representa um perigo constante para a circulação. O PSD quando estava no Governo sempre votou contra e o PS, em 1994, aquando do corte da estrada pela população, veio imediatamente a terreiro colocar-se ao lado dos manifestantes e defender o arranjo da via.

Hoje, porém os socialistas dão o dito por não dito e recusam incluir verbas no orçamento para as obras necessárias. Os comunistas apelam à população para se mobilizar contra o adiamento constante das obras, referindo que apesar de o Governo ter mudado, a luta e o protesto continua a ser o caminho.

## Esposende

A Concelhia de Esposende do PCP observa que o PIDDAC/97 reduz substancialmente as verbas para o concelho e estranha que o PS local não tenha reagido a esta quebra de investimentos. Em contraste, os comunistas lembram que fizeram chegar à AR um amplo conjunto de projectos em áreas como as vias de comunicação, Saúde, Educação, recuperação do património.

## Almada

## Governo favorece especulação

Depois de uma «intolerável» espera de três anos, ao longo dos quais foram «variando os argumentos para a não aprovação do PDM de Almada», o Conselho de Ministros acaba por aprová-lo, dele excluindo três áreas correspondentes a 1/3 do território concelhio - Margueira, Arsenal do Alfeite e 300 hectares do Plano Integrado de Almada.

A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP contesta «veementemente» esta decisão, considerando-a uma opção política que favorece interesses estranhos ao desenvolvimento do concelho de Almada.

A retirada do espaço dos estaleiros da Margueira (Lisnave) aposta na desindustrialização do concelho e favorece a especulação imobiliária, diz a DORS do PCP. Quanto ao Plano Integrado de Almada, ele afronta a «forma como foi elaborado o PDM», que na sua

comissão de acompanhamento teve a participação e acordo de várias entidades governamentais, entre as quais o IGAPHE. Com estas decisões, o governo prossegue, por um lado, uma política de favorecimento dos capitalistas em detrimento dos trabalhadores e da população e desrespeita as decisões do Poder Local, por outro promove uma desajustada construção de habitação, de que resultará uma forte densidade habitacional com «gravíssimos» prejuízos para a qualidade de vida dos residentes na zona.

Os comunistas condenam ainda a substituição de espaços verdes e equipamentos colectivos pela construção desenfreada, apoiam as posições e iniciativas levadas a cabo pelos órgãos autárquicos e consideram que a decisão governamental deve ser revista.



## NACIONAL

# Crise no 1.º Ciclo do Ensino Básico

A falta de professores no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) é uma situação grave, assume mesmo o carácter de crise, mas nada tem de surpreendente - é a consequência lógica do abandono a que sucessivos governos lançaram as escolas deste grau de ensino.

Neste momento, há professores a trabalhar 70 horas por semana, das quais 50 em actividades directas com os alunos. É o resultado da acumulação de funções docentes no 1º Ciclo, que tem sido o recurso utilizado para remediar a incapacidade técnica e política para solucionar a falta de docentes neste sector.

Porquê esta falta de professores no 1º Ciclo, num momento em que se assiste à diminuição de crianças destes níveis etários?

Razões não faltam, como foi nestes últimos dias denunciado pela Federação Nacional dos Professores (Fenprof).

Em primeiro lugar, está em causa uma grande insatisfação profissional, derivada também

de uma clara diferença salarial em relação aos outros ciclos de ensino, a que acresce a profunda instabilidade - em muitos casos os professores mantêm-se, 8 anos ou mais, em situações de contractos sucessivos, sem terem sequer direito a subsídio de desemprego quando não são colocados.

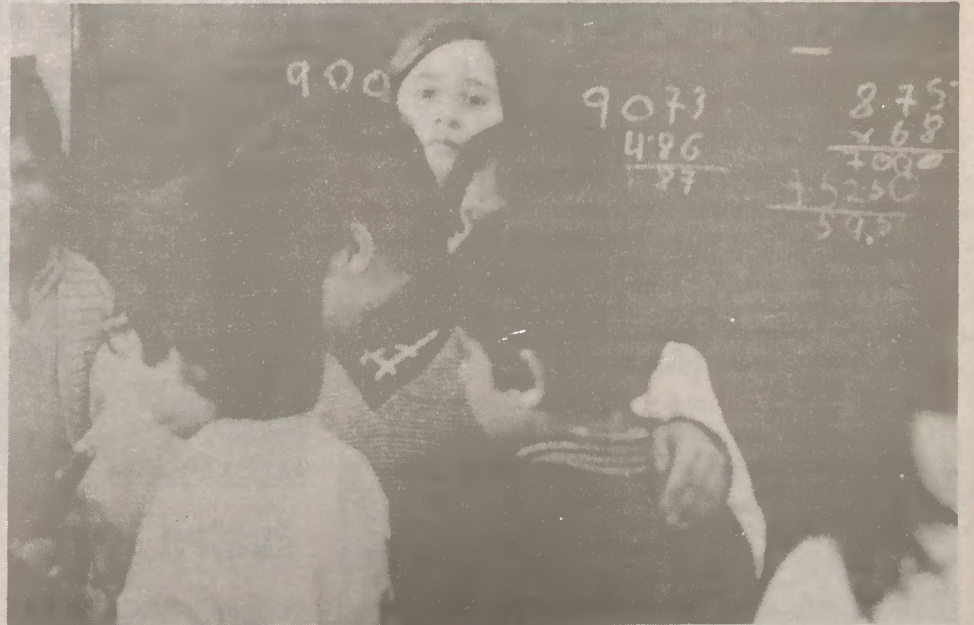
As condições de aprendizagem são outro factor de desmotivação.

Regra geral as escolas estão muito mal apetrechadas e - mercê da ambiguidade quanto às competências e meios financeiros atribuídos às autarquias - grande parte dos seus recursos continuam a ser "o quadro, o giz, os manuais escolares e os materiais de desperdício (nem orçamento próprio têm para ini-

ciarem um miniprojecto educativo)", como refere a Fenprof em comunicado divulgado a semana passada.

"Uma rede de escolas dispersas, isoladas, em que os problemas das escolas rurais não foram resolvidos nem se perspectiva qualquer resolução; ausência de apoios educativos - professores de apoio, psicólogos, Medicina Pedagógica, Assistentes Sociais... - exigidos pela Reforma Educativa" - um quadro tanto mais difícil de superar quanto "a ausência de autonomia de gestão das escolas deste ciclo não tem permitido que ao nível destas escolas se encontrem soluções locais para um conjunto de problemas que de outra forma seriam de fácil resolução".

Neste deteriorado contexto, centenas de professores estão a leccionar duas turmas, muitas vezes em escolas diferentes - uma situação insustentável para professores e alunos, já que as condições pedagógicas e de trabalho são inevitavelmente afectadas.



As escolas do 1º Ciclo carecem de condições mínimas para o ensino

Para este estado de ruptura, a Fenprof tem algumas soluções, que considera urgente pôr em prática.

\* Licenciatura específico para os professores deste sector - e não, como o Ministério da Educação (ME) propõe, redução do bacharelato para 2 anos, com o que claramente se pretende

embaratecer a formação de professores, numa lógica estritamente economicista.

\* Alteração da rede escolar "com o envolvimento real das comunidades".

\* Atribuição de subsídio de isolamento.

\* Vinculação dos professores contratados - e concretamente de todos os docentes com 2 ou mais anos de serviço.

\* Alteração das condições de trabalho e clarificação das com-

petências das autarquias e do ME.

\* Nova regulamentação da direcção e gestão das escolas - com atribuição urgente de um orçamento e criação de amplos espaços de autonomia.

\* Valorização profissional e social da carreira.

Face a esta situação de crise no 1º Ciclo do Ensino Básico, vai realizar-se, entre 19 e 21 de Fevereiro, em Lisboa, na Aula Magna, a III Conferência Nacional do 1ºCEB.

■ Carlos Gonçalves

## A K7 pimba do PS e o fado do ceguinho

É sabido que o PS, a sua direcção e o seu governo, tocam a música consoante o auditório. Varia o registo, o ritmo, o tom e mesmo a melodia e os executantes, mas as músicas cabem todas na K7 das políticas de direita.

A K7 do PS é pimba. Como tudo o que é pimba, tem por objectivo o lucro fácil e imediato, tem como tutela os interesses financeiros e como "princípios" a mais leviana falta de palavra e a mais popularcha das manhosices.

A K7 do PS é pimba, as músicas que toca visam os mais rasteiros interesses partidários; os "rapazes" nos "tachos" já são mais de 3000, as Comissões e Grupos de Trabalho mais de 200, engordam os sacos azuis para a manipulação eleitoral e a compra de clientelas, desenvolve-se o comércio de bens do Estado, isenções fiscais e subsídios, por ilegítimos apoios político-partidários.

A K7 do PS é pimba, as melodias que executa são versões da monumental opereta da "globalização" neoliberal e do poder incontestado do capital financeiro em integração maastrichtiana, da regressão da própria democracia política e do comando do poder político pelo poder económico; o devaneio de originalidade está garantido pela tonitroante tuba da CIP e pelo violino pianíssimo da "caritativa" Opus Dei.

A K7 do PS é pimba, é um plágio da partitura do marketing político, da ópera bufa das promessas para não cumprir, das mil e uma instrumentações da cantilena do diálogo, com a novidade guterrista de ter os ouvidos (e a carteira do Estado) bem abertos com o grande capital, o PSD e o PP, e ser cego, surdo e perverso com os trabalhadores e o PCP.

A coreografia da K7 pimba do governo PS está pontuada por reminiscências do "cavaquismo" - o "oásis" (rosa), o "deixem-nos trabalhar", o "nós ou o caos"; está preme de aflorações autoritárias diversas contra o exercício de direitos, liberdades e garantias, contra os direitos sociais e dos trabalhadores.

No fundo nem se estranha que políticas no essencial semelhantes às do PSD gerem fenómenos idênticos, quebrando o verniz do diálogo laboriosamente afivelado ao sorriso do Engenheiro Guterres, imagem de marca do governo PS.

Nem se estranha que, desconfortavelmente mal enjorçados os "Estados Gerais" 2, confrontados com um ascenso que não previram da luta popular e preocupados em esconder os acordos com o PSD e/ou o PP para preterir a regionalização, impor o OE da estagnação e da moeda única, ou consumir uma revisão muito negativa da Constituição, a direcção do PS vocifere contra o PCP cobras e lagartos.

A caracterização como "irresponsável" e culpado do "clima de agitação social", ou de "imobilismo", "igual à 20 anos atrás" e com "renovação de ideias zero", referindo-se ao PCP, aparecem assim como mera reedição seródia, sempre em K7 pimba, das bafiantes marchas anticomunistas do tempo da "outra senhora".

Não se estranha que o PS, de cedência em cedência, de aliança em aliança, sempre à direita, feche na gaveta (de que escondeu a chave) os valores essenciais da esquerda, a identificação com os excluídos e oprimidos e o objectivo de "um novo projecto de transformação da sociedade inseparável da liberdade e da ideia democrática como princípio, meio e fim"<sup>(\*)</sup>.

Nem se estranha que com o PS ainda haja muitos homens e mulheres sinceramente de esquerda que, por inexperiência, condicionamento da K7 pimba, ou preconceito ainda não viram "a colonização ... (do PS) ... pelo pensamento e pela própria linguagem do neoliberalismo"<sup>(2)</sup>, ou a "descaracterização e diluição ideológica e política do PS"<sup>(3)</sup> ou que "os socialistas ... converteram-se à gestão do sistema, cuja «injustiça inerente» deveriam combater"<sup>(4)</sup>, ainda não viram que "não há esquerda sem projecto de transformação da sociedade, ... não há esquerda contra a liberdade e contra a democracia"<sup>(5)</sup> e que é urgente "que as mudanças e as rupturas necessárias se façam segundo as regras democráticas da alternância com alternativa"<sup>(6)</sup>.

O que se estranha é que aqueles que como Manuel Alegre já o viram claramente visto, o afirmam em letra de forma e se assumem como homens de esquerda, não retirem as necessárias implicações para a sua intervenção política, dentro ou fora do PS.

O que se estranha é que depois de tudo isto insistam numa espécie de desgraçado "fado do ceguinho", numa lamúria de autocomiseração, - "... não é só porque não querem, que os socialistas, quando no poder, não fazem outra política. É porque não podem. Porque não há uma estratégia comum e concertada que permita contrapor ao modelo ultraliberal, que impera na construção europeia, o projecto de uma Europa mais democrática, mais social e mais participada"<sup>(7)</sup>.

É um sofisma inaceitável. O próprio Alegre já tinha respondido: "É preciso, aqui e em toda a Europa, ... assumir os projectos... próprios... e que a esquerda seja esquerda"<sup>(8)</sup>.

E por isso cabe perguntar, sem ofensa - o que faz Alegre concluir as suas corajosas afirmações de esquerda com uma descoroçada e envergonhada fuga pela direita baixa?

Será "apenas" um visceral preconceito anticomunista, ou será que a Direcção do PS lhe destinou o papel de diversão ideológica que Pacheco Pereira desempenhava no Cavaquismo?

Será que o fado do ceguinho é apenas mais uma música da K7 pimba do PS?

(\*)1, (\*)3, (\*)4, (\*)5, (\*)7 Manuel Alegre, "Um pouco mais de esquerda", Expresso 14.12.96

(\*)2, (\*)6, (\*)8 Manuel Alegre, "A nova cartilha", Expresso 26.10.96

## Contra encerramento de cursos nocturnos

O encerramento de cursos nocturnos em diversos estabelecimentos do ensino superior é questionado pelo grupo parlamentar de "Os Verdes", que consideram que tal medida vem prejudicar fortemente os trabalhadores estudantes.

Em requerimento à Assembleia da República, "Os Verdes" sublinham que "o Governo deve preocupar-se e ponderar sobre as razões que levam os estabelecimentos de ensino a decidir encerrar as aulas nocturnas, e saber que condições faltam para que esses cursos continuem a funcionar".

## Boletim Jovem

A JCP/Seixal promoveu, sexta e sábado passado, uma série de acções de propaganda junto da população, que se enquadram numa iniciativa que consiste no lançamento de um boletim mensal - o "Boletim Jovem" - no qual se fará a reflexão sobre os diversos assuntos da política nacional e problemas sociais.

No 1º "Boletim Jovem", o tema é - as prendas de Natal do Governo PS - com desemprego, polivalência e flexibilidade, (des)educação e trabalho infantil, entre "outras prendas".

## Bragança protesta

A Assembleia Municipal de Bragança aprovou, por maioria, uma Moção, apresentada pela CDU, de protesto - junto do Partido Socialista, do CDS/PP e em particular dos 2 deputados do PS eleitos pelo círculo eleitoral de Bragança - pelo seu voto negativo a propostas para Bragança, a constar no PIDDAC'97, no valor de 400.000 contos. Em causa está a execução de uma série de infra-estruturas, nomeadamente de carácter social e cultural, "que a cidade urgentemente necessita para que Bragança se afirme como uma verdadeira capital do Nordeste Transmontano".

## Grândola aprova Plano de Actividades

O Plano possível, não o desejável - como se considera na introdução - foi agora aprovado pela Câmara Municipal de Grândola. Segundo o documento, o crescimento do FEF para este Município não chegará sequer "para cobrir os encargos inerentes ao crescimento dos vencimentos e à progressão de carreiras dos funcionários municipais", sendo, portanto, um valor "claramente insuficiente e redutor de uma política que se deseja de promoção da melhoria das condições de vida da população e do desenvolvimento necessário ao crescimento económico concelhio".

Apesar destas limitações, a Câmara tem consciência de que "as perspectivas que se abrem de futuros investimentos poderão trazer um outro olhar, menos marcado pelos índices negativos de pobreza e desertificação".



## INTERNACIONAL

# França exporta resíduos para o Japão

Um documento confidencial francês publicado a semana passada, em Paris, pelo Greenpeace, revela que um navio britânico deverá deixar Cherbourg (Mancha) a 16 de Janeiro, com 40 contentores de «resíduos radioactivos vitrificados» com destino ao porto japonês de Mutsu-Ogawara, passando pelo cabo da Boa Esperança, leste da Austrália e Pacífico Sul.

Segundo o documento, enviado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros aos embaixadores da França em Tóquio, Londres e Washington, a carga de resíduos processados em França será transportada pelo navio «Pacific Teal», da frota do PNTL (Pacífico Nuclear Transport Limited).

A organização ecologista apelou aos países ribeirinhos do Pacífico para se oporem ao transporte, tendo Stephanie Mills, directora da campanha

lançada pelo Greenpeace, sublinhado que os países ribeirinhos do Pacífico devem manifestar firmeza contra os países nucleares a fim de que o maior oceano do mundo não se transforme na rota prioritária do transporte de detritos nucleares.

«Tendo em vista o número crescente destas cargas, o Pacífico poderá vir a tornar-se na auto-estrada do nuclear a menos que uma mensagem firme seja lançada aos países

nucleares», declarou Mills à imprensa.

O Greenpeace receia que uma falha no sistema estanque dos contentores possa levar a fugas de radioactividade e provoque uma catástrofe ecológica no Pacífico.

## ... e aprova decreto sobre horário dos camionistas

Bem mais pacífico é o decreto do Governo francês que vem regular o remanescente do conflito dos camionistas.

Forçado a arbitrar as negociações entre o patronato e os sindicatos dos camionistas, o executivo francês apresentou a semana passada um decreto que regula a questão do tempo de trabalho, uma das principais reivindicações dos camionistas que



A menos que sejam tomadas medidas, o Pacífico corre o risco de se tornar na auto-estrada do nuclear

no fim de Novembro bloquearam as estradas do país.

Segundo o decreto, o patronato é obrigado a limitar a um quarto do horário total de trabalho o número de horas não

remuneradas, correspondentes ao tempo que os camionistas não estão ao volante.

O total do tempo não remunerado não pode ultrapassar três horas por dia.

O diploma abrange apenas os camionistas de longo curso. Prosseguem entretanto as negociações sobre a mesma questão para os motoristas de pequeno curso.

## Ulster Negociações recomeçam em Janeiro

As negociações sobre o futuro do Ulster estão suspensas até ao fim do ano, devendo recomeçar em meados de Janeiro. O anúncio foi feito pelo antigo senador norte-americano George Mitchell, co-presidente das negociações juntamente com o general canadiano John Chastelain e o antigo Primeiro-Ministro finlandês Harri Holkeri.

Em declarações à imprensa, citadas pela Lusa, Mitchell admitiu que a procura de um compromisso tem sido muito lenta, mas reafirmou a convicção «de que este processo constitui a melhor na verdade a única - via para avançar».

As negociações - iniciadas em Junho entre nove partidos e os Governos britânico e irlandês, e

destinadas a acordar uma nova forma de governo para a Irlanda do Norte - recomeçam a 13 de Janeiro, com a primeira sessão de todas as partes em 27 de Janeiro, refere um comunicado conjunto.

O Governo do Primeiro-Ministro irlandês, John Bruton, espera que o Sinn Fein possa juntar-se às negociações em Janeiro - admitindo que os seus aliados

do Exército Republicano Irlandês (IRA) proclamem outro cessar-fogo. Idêntica esperança manifestou o Presidente norte-americano, Bill Clinton, após um encontro com Bruton, a semana passada, em Washington. Os comentários de Clinton mereceram observações diferentes do Primeiro-Ministro britânico, John Major, e do líder do Sinn Fein, Gerry Adams.

Comentando as declarações de Clinton, o líder do Sinn Fein, Gerry Adams disse que o Presidente dos EUA «deixou claro que o Sinn Fein deve ser incluído nas conversações», sublinhando no entanto que «infelizmente o Presidente Clinton não é o Primeiro-Ministro britânico, o problema é John Major».

Para Major, as palavras de Clinton foram interpretadas como uma concordância «com Londres de que o IRA deve passar das palavras aos actos - como o desarmamento - além do cessar-fogo».

## Colômbia Novos assassinatos

O dirigente sindical colombiano Isidro Gil, secretário-geral da Sinaltrainal, foi assassinado no passado dia 10, na sede daquela organização. Num comunicado em que denuncia e condena o assassinato, a Federação Sindical Mundial (FSM) recorda que Gil trabalhava na multinacional Coca-Cola, sendo membro da comissão de negociação das reivindicações apresentadas recentemente à empresa.

A FSM repudia ainda o atentado criminoso contra outro sindicalista, Gilberto Carreño, funcionário da União Sindical Operária (USO), que se encontra gravemente ferido.

O comunicado da FSM alerta igualmente para a prisão de numerosos sindicalistas, que se encontram impedidos de se defenderem, responsabilizando as autoridades

colombianas pela situação e exigindo o respeito pela integridade física dos sindicalistas presos e sua imediata libertação.

O mesmo documento denuncia e condena o recente massacre de 32 camponeses no município de Coloso.

Expressando a sua solidariedade com a CUT colombiana, que luta em condições muito difíceis pela defesa dos direitos dos trabalhadores, a Federação Sindical Mundial apela à solidariedade internacional e à defesa dos direitos humanos na Colômbia. A FSM solicitou já à Comissão dos Direitos Humanos da ONU e à Organização Internacional de Trabalho (OIT) que denunciem estes acontecimentos e enviem uma delegação especial à Colômbia para apuramento de responsabilidades.

## Terror em Argel

A violência volta a estar na ordem do dia, em Argel, com sucessivos assassinios no Casbah, bairro antigo no centro da capital argelina, atribuídos a fundamentalistas islâmicos armados.

A acalmia que se seguiu à eliminação, há alguns meses, do grupo armado dirigido por Amara Yacine, parece ter chegado ao fim: várias pessoas foram assassinadas nos últimos dias, e no Casbah voltaram a aparecer afixadas ameaças de morte contra as mulheres que não usem véu e os fumadores, sentindo-se os habitantes impotentes face aos grupos armados.

Segundo a imprensa argelina, depois da eliminação do grupo de Yacine, os sobreviventes refugiaram-se na floresta de Bainem, onde se encontram grupos armados que actuam no centro da capital argelina. Entretanto, a população do Casbah

receia colaborar com as forças de segurança com medo de represálias dos fundamentalistas, tanto mais que alguns deles são jovens originários do próprio bairro.

Segundo a Lusa, um inquérito recentemente divulgado pelo jornal diário «Liberté» sobre as mesquitas e a sua utilização para fins políticos, revela que os bairros da capital mais afectados pelo terrorismo urbano coincidem com os que têm maior número de mesquitas. As mesquitas são muitas vezes utilizadas por grupos islâmicos armados para preparar e, por vezes, executar actividades terroristas, criar redes de apoio e fazer recolha de fundos entre os fiéis.

O jornal adianta que das 216 mesquitas existentes em Argel apenas 71 estão enquadradas por responsáveis religiosos islâmicos oficialmente designados.



O fundamentalismo Islâmico quer transformar as mulheres em fantasmas da humanidade

## Gregos endurecem bloqueio

Milhares de agricultores gregos manifestaram-se no fim da semana passada, em Atenas, exigindo ser recebidos pelo Primeiro-ministro Costa Simitis. A manifestação contou com a solidariedade de trabalhadores e estudantes, o que deixou ainda mais isolado o chefe do Governo e a sua recusa em dialogar com os agricultores enquanto se mantiver o bloqueio das estradas que há cerca de um mês paralisa o centro da Grécia.

A Coordenadora dos Agricultores de Tessália apelou entretanto ao endurecimento do movimento.

«A luta continua, nós lançamos um apelo a todos os agricultores para reforçarem as barreiras nas estradas e fazerem outras», disse Yannis Patakis, um dos dirigentes da Coordenadora, reagindo ao facto de o Governo ter respondido nega-

tivamente a todas as reivindicações do movimento.

Também Vaguélis Boutas, deputado comunista eleito pelo círculo de Tessália e membro da Coordenadora, qualificou de «migalhas» o anúncio feito dia 19 pelo ministro da Agricultura, Stéphanos Tzoumakas, de uma ajuda comunitária de 41 milhões de dólares para os camponeses que foram este ano vítimas de intempéries em diversas regiões do país.

«O Governo nada disse sobre as dívidas, nem sobre o reenvio do IVA aos agricultores, nem sobre os custos de produção, nem sobre a baixa dos preços do gasóleo para os agricultores», disse ainda Boutas.

«Eles querem quebrar o nosso movimento, devemos responder com um reforço dos bloqueios», frisou o deputado.



# Um ano perdido no turismo

**O** TURISMO como actividade económica tem vindo progressivamente a assumir um crescente peso na economia do País. Sendo certo que tal importância também não pode ser desinserida da destruição provocada noutras áreas da actividade produtiva em virtude das políticas ultraliberais, enfeudadas a Bruxelas, praticadas pelo PSD, políticas e orientações seguidas e ampliadas agora pelo Governo PS.

Valorizando a importância da actividade turística, num País que tem excepcionais aptidões para o seu desenvolvimento, sempre foi por nós afirmado que dadas as vulnerabilidades e dependências a que esta actividade está sujeita, nunca poderia, por si só, constituir base para sustentar projectos e propostas de desenvolvimento económico à escala de uma região e muito menos do País.

O exemplo do Algarve como principal região turística atesta à exaustão tal facto. A sistemática liquidação da actividade produtiva na indústria, na agricultura e nas pescas, aprofundaram não só assimetrias inter-regionais como agravaram brutalmente os problemas sociais já que, como hoje dolorosamente se constata, a actividade turística, mesmo na transversalidade que comporta, não absorve nem abre qualquer perspectiva sólida para garantir trabalho e muito menos emprego certo, seguro e qualificado.

Mas, apesar dos condicionalismos a que esta actividade está sujeita é um facto que não se pode ignorar que toda a actividade turística representa 7% do PIB, emprega directamente mais de 300.000 trabalhadores e gera uma receita perto de 800 milhões de contos/ano. Qualquer que seja o Governo não pode ignorar tal facto.

O Governo PS na retórica que o tem caracterizado para iludir as opções de fundo que tem vindo a concretizar, começou por considerar a actividade turística como um sector estratégico da economia nacional, tecendo sobre a mesma um rol imenso de considerações a partir das quais apresentou um conjunto de medidas no Programa do Governo e nas Grandes Opções do Plano, medidas tais que, pelo carácter genérico que tinham, eram largamente consensuais, somadas a outras que, mais em concreto, respondiam de facto a enfrentar alguns dos graves problemas e estrangulamentos presentes nesta actividade.

Em complemento desta operação de propaganda o Primeiro-Ministro tira da cartola, num golpe de magia, em fins de Novembro de 1995, por ocasião do Congresso da APAVT, a decisão do seu Governo de considerar o ano seguinte como o ANO NACIONAL DO TURISMO.

Mais incisivo ainda, dias depois na Madeira, o após demitido Secretário de Estado do Turismo afirmava convicto que em matéria de turismo se estava perante um «modelo esgotado». Reafirmando então a vontade do Governo em promover «um crescimento turístico equilibrado» visando a «correção dos desequilí-

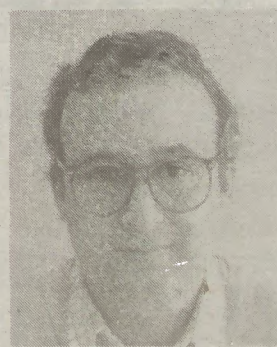
brios estruturais de forma a desconcentrar a oferta e a combater a economia paralela», a «progredir na qualidade dos serviços» e a combater «a excessiva centralização da comercialização dos nossos produtos pelos grandes operadores internacionais», a «diminuir a sazonalidade, a aumentar a procura interna» ... etc., etc., visando tudo isto o objectivo supremo de alcançar «um desenvolvimento sustentado ou sustentável do turismo». Num acerto de calendário, marcava então a data do Ano Nacional do Turismo, de Maio de 1996 a 30 de Abril de 1997.

As expectativas mantinham-se, tanto mais que o diálogo corria num estilo simpático, de consenso fácil e promessas a rodos. Eis senão quando todo o sector confirma o que desde há algum tempo se sussurrava nos corredores. O então Secretário de Estado, o tal que tinha pedido emprego no PSD, era também ele demitido por desavenças internas, arrastado com a demissão do então Ministro da Economia. Um longo silêncio se seguiu, só interrompido pelo desarrumar das cadeiras e o assomo dos que então se encarrapitavam para melhor serem vistos como potenciais candidatos de substituição.

Andou e desandou a Lei Hoteleira com os prazos a esfumarem-se. A taxa do IVA recuou para uns modestos 12%. Reviram-se os incentivos financeiros sem um balanço real acerca dos efeitos produzidos e de quem no fundamental deles beneficiou. A promoção externa entrou em colapso, sem estratégia nem objectivos mesmo de curto prazo. As Regiões de Turismo continuaram com a mesma Lei Quadro a regê-las, tendo como novidade o facto de terem sido esbulhadas de 800.000 contos de receitas provenientes do Bingo, entregues pelo Governo aos clubes de futebol.

O que fica então de todo este tempo é uma sensação de inércia, de tempo perdido, agravado, sem dúvida, pela ausência de medidas estruturais, mais uma vez sacrificadas ao curto prazo e à protecção de interesses instalados. Porque para além dos atrasos na legislação, tarda a implementação de uma política nacional de turismo a qual não pode estar dissociada da justa ocupação e gestão do solo, da definição de regras para o crescimento da oferta, do avanço de medidas que rentabilizem os gastos com a promoção interna e externa dos nossos produtos turísticos, de medidas que permitam, duradouramente, diversificar mercados e minimizar a extraordinária dependência da nossa oferta de alojamento em relação aos grandes operadores.

Mas, significativamente, o que realmente se verifica é que enquanto o Plano Regional de Turismo não avança, o Governo descobre no recurso aos chamados «Projectos Estruturantes» um mecanismo para ignorar os existentes Planos Regionais de Ordenamento e os Planos Directores Municipais, decidindo por cima aprovar projectos de crescimento da oferta e de ocupação de solos até aqui pro-



**CARLOS LUÍS FIGUEIRA**  
Membro da Comissão Política

O que fica então de todo este tempo é uma sensação de inércia, de tempo perdido, agravado, sem dúvida, pela ausência de medidas estruturais

tegidos pela Reserva Agrícola e Ecológica Nacional como é exemplo o escandaloso empreendimento Vilamoura Século XXI. Ou ainda concertar com a SONAE a venda da Torralta em Tróia a troco daquela empresa não respeitar as regras impostas pelo PROTALI.

É de novo, pela mão deste Governo PS, a promoção da defesa dos grandes interesses económicos instalados a comandar a política de turismo assentes, mais uma vez, na especulação imobiliária e no lucro fácil e rápido.

Dos projectos de intenções aos actos vai mais uma vez, uma enorme distância. Visíveis também no Orçamento de Estado para o próximo ano no qual de facto se verifica uma redução de verbas para as Regiões de Turismo e para a promoção externa, bem como para as acções de formação profissional do sector.

Na elaboração da legislação e nas alterações já introduzidas o Governo tem sistematicamente ignorado os Sindicatos e as suas Federações, num tratamento claramente privilegiado das associações patronais. Exaltando a importância dos serviços prestados e da própria formação profissional do patronato, com as costas quentes deste Governo, prossegue e acentua a precarização e a desvalorização da mão-de-obra qualificada.

Culminando este extenso rol contraditório, entre proclamação de intenções e políticas praticadas, este Governo acaba de apresentar à Confederação do Turismo, um extenso documento contendo, mais uma vez, mais de 40 medidas envolvidas na mais gongórica retórica sobre a importância do Turismo, repetindo pela enésima vez a intenção de concretizar medidas anunciadas ao longo deste ano. Nada disto é credível.

Mas, significativamente, desaparecem, entre outras, das intenções agora, mais uma vez, proclamadas, a integração da oferta paralela na actividade regular, as medidas tendentes a disciplinar o crescimento da oferta e a valorização das estruturas regionais de turismo. Mais, o que se avança sobre estas estruturas é um conjunto de propostas das quais ressaltam a sua clara desvalorização.

As orientações, a política deste Governo para o turismo não poderiam, como é óbvio, ser dissonantes da que pratica noutros sectores da vida nacional. Com a agravante de associar a uma clara política de classe a mais escandalosa incompetência, acompanhada da mais sinuosa cumplicidade com os grandes interesses económicos instalados.





## EM FOCO

Até onde têm que ir as formas de luta?

# Petrogal cedeu à greve da fome

**A** administração da Petrogal comprometeu-se quinta-feira a dar trabalho ao dirigente sindical que entrou dia 17 em greve de fome, na Refinaria de Sines. Para o dia seguinte, contudo, foi marcada greve na Refinaria de Cabo Ruivo. É que, na situação de «disponibilizado» em que a Petrogal colocou Manuel Baltazar encontram-se dezenas de trabalhadores.

A experiência dos «disponibilizados» - denuncia o Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Centro, Sul e Ilhas - mostra que tal situação funciona como uma rampa para o desemprego.

A greve de fome foi suspensa, uma vez que a empresa se comprometeu a atribuir funções e trabalho a Manuel Baltazar a partir de 2 de Janeiro, sem pôr em causa a classificação profissi-

onal nem diminuir direitos e regalias. Mas a luta vai continuar para que sejam colocados em funções efectivas todos os trabalhadores que estão «disponibilizados».

Na Refinaria de Cabo Ruivo muitos trabalhadores estão preocupados com a indefinição quanto ao seu futuro - alertava recentemente a federação sindical do sector. A FEQUIFA/CGTP, anunciando uma concentração no dia 10 de Dezembro, explicava que a Petrogal terá que cessar ali toda a sua actividade até final do ano (conforme compromissos relacionados com a realização da Expo'98) mas, «apesar dos insistentes esforços que têm sido feitos pela federação junto dos responsáveis da empresa, a única coisa concreta dita até agora é que não haverá possibilidade de recolocar todos os trabalhadores noutros postos de trabalho».

«várias dezenas de trabalhadores», entre os quais estão outros dois dirigentes sindicais, notando que, do que tem sucedido com casos anteriores, «as hipóteses de virem a ser recolocados são praticamente nulas».

O direito ao trabalho, tal como está consignado no sistema jurídico português, pressupõe a ocupação efectiva de funções (remetendo o SINQUIFA para os artigos 59º e 60º da Constituição e para vários acórdãos da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça, designadamente os datados de 5 de Junho e 12 de Julho de 1985, 14 de Outubro de 1987 e 29 de Janeiro e 25 de Novembro de 1988).

«É hoje ponto assente que as entidades patronais não podem colocar trabalhadores em inactividade e sem funções distribuídas, ainda que lhes continuem a pagar as retribuições», afirma o sindicato, «pois, como consideram alguns acórdãos, trata-se de uma situação vexatória e atentatória da dignidade do trabalhador.»

A Petrogal, não estando impedida de proceder a reestruturações, tem porém que assegurar que de tais reestruturações não resultam quaisquer prejuízos para os trabalhadores, ou seja, «está obrigada a recolocar em cargos equivalentes aos que vinham exercendo, sem perdas de quaisquer direitos ou regalias, aqueles que eventualmente sejam excluídos das suas funções habituais».

## Trabalhadores da XAVI admitem pedir a falência

Os sindicatos dos Químicos do Norte e do Calçado do Minho e Trás-os-Montes escreveram à administração da «António Xavier, Filhos», exigindo propostas concretas para resolução dos problemas dos trabalhadores até final do ano.

Desta intenção deram nota à Comunicação Social, recordando que a tolerância dos trabalhadores e dos sindicatos vem já de 1975, altura em que o pagamento dos salários começou a não ser cumprido conforme a Lei. Daí para cá têm sido vários os atropelos. Uma empresa que já teve cerca de 800 trabalhadores foi reduzindo o seu número até que, em finais de 1992, tinha apenas 474. Nesta altura a rotura mais se acentuou, tendo recorrido então ao Processo Especial de Recuperação de Empresas.

Em 3 de Novembro de 1994, e quando já elaborava apenas com 50 trabalhadores, o Tribunal viabilizou a proposta apresentada pela empresa, na qual se contemplava a reintegração de mais 75 trabalhadores e o pagamento dos salários em atraso, sendo 50% a pagar até Dezembro de 1995 e o restante até ao final do corrente ano, montante este que ascendia em média por trabalhador a 350 000\$00.

Conforme previsão e denúncia feita na altura pelos Sindicatos, o acordo não foi cumprido quer no que toca ao pagamento dos salários em atraso, quer no que toca à reintegração dos trabalhadores. Assim, trabalhadores e sindicatos tiram toda a

confiança à administração e, por isso, caso a situação se mantenha até final do corrente ano, será requerida a declaração de falência da XAVI.

De referir ainda o não cumprimento dos acordos de rescisão que entretanto foram feitos por mútuo acordo com cerca de 90 trabalhadores, que se prontificaram a aceitar receber uma quantia mensal referente aos salários em atraso que oscilava entre 15 e 25 contos.

Igualmente não foi cumprida a proposta da administração, aceite por alguns trabalhadores, que era o pagamento do montante vencido em Dezembro de 1995 em prestações de 20 000\$00 pagas de 4 em 4 meses.

Em Novembro de 1994, foi a empresa condenada pelo Tribunal do Trabalho de Guimarães a pagar a 42 trabalhadores as indemnizações, cuja média rondava os 2 mil contos. Tendo a firma, por mera artimanha, recorrido para o Tribunal de Relação do Porto e este, lamentavelmente, ainda não se pronunciou.

«Por todos estes motivos e por outros que aqui não são mencionados, deixamos de acreditar e não podemos continuar a ser tolerantes», conclui a nota divulgada pelos sindicatos.

## História sem moral

Ao relatar o caso de Manuel Jacinto Baltazar - o trabalhador da Refinaria de Sines e dirigente do SINQUIFA que este em greve de fome, junto à portaria, desde as 8 horas do dia 17 de Dezembro até à manhã de dia 19 - o sindicato mostra que problemas podem levar a tão drásticas formas de luta.

Por carta datada de 29 de Novembro, a Petrogal comunicou ao sindicalista que foi «disponibilizado do seu actual sector, no seguimento do processo de reorganização da empresa, de que resultou um excesso de efectivos» e «dispensado temporariamente de comparecer na Petrogal até à sua recolocação».

O sindicato lembra que semelhante procedimento fora já adoptado relativamente a

## Circunstâncias agravantes

Contornos ainda mais graves assume o comportamento da Petrogal, por três motivos apontados pelo sindicato:

- as reestruturações em curso são essencialmente viradas para a disponibilização de pessoal, o que está a provocar desmesuradas e desnecessárias sobrecargas de trabalho para outros trabalhadores;

- um dirigente sindical, nos termos da lei, não pode ser transferido sem o acordo do próprio;

- enquanto está a empurrar para o desemprego trabalhadores permanentes, a Petrogal mantém ao seu serviço várias dezenas de trabalhadores contratados a terceiros, muitos deles de forma ilegal.

Classificando esta situação como «perfeitamente absurda e inaceitável», o sindicato conclui: «O tipo de gestão, cada vez mais virado para a desumanização das relações de trabalho e para o lucro fácil, que está a ser seguido na Petrogal não pode ser dissociado do processo de privatização da empresa e só vem comprovar a denúncia que o SINQUIFA tem feito acerca das nefastas consequências daí resultantes para os trabalhadores e para o País.»

## A «lei da selva» na Sommer Alibert

O sindicato dos Químicos do Centro, Sul e Ilhas afirma estar disposto a tudo fazer «para que seja respeitada a legalidade e se acabe com a "lei da selva" na Sommer Alibert», uma empresa instalada no Parque Auto Europa, em Palmela.

Uma nota de imprensa da direcção do Sindicato refere que, dos mais de 540 trabalhadores que ali laboram, 65% são contratados e em trabalho temporário, situação esta já considerada pela Inspeção Geral do Trabalho de Setúbal como verdadeira ilegalidade praticada por esta multinacional, e que é necessário regularizar.

«Os representantes da empresa entre outros, dizem que existe "Paz Social", que o absentismo é de 2,2%, que não existem ameaças ou repressão sobre os trabalhadores», mas para o SINQUIFA «não existem dúvidas que se pratica exactamente o contrário, isto é, as ilegalidades são muitas, o trabalho clandestino é escandalosamente elevado e a repressão sobre os trabalhadores é intensa».

O Sindicato concretiza: há duas empresas

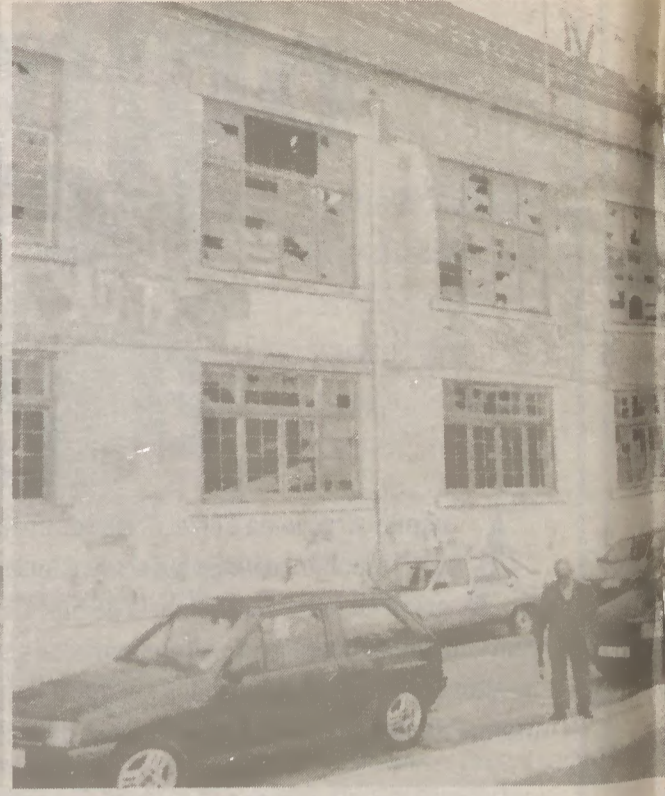
alugadoras de mão-de-obra, sendo a Fill Serviços a que mais trabalhadores utiliza. Estes trabalhadores assinam contratos ao mês, alguns deles já há cerca de um ano, e poucos são os que têm cópia do contrato (porque a Fill Serviços lhes nega). Dão-lhes simultaneamente cartas de despedimento quando assinam os contratos, fazem-lhes assinar os despedimentos, despedem-nos quando estão doentes, mandam-nos para casa se pára a produção por falta de matéria-prima e não lhes pagam, e ainda por cima lhes marcam faltas injustificadas.

«Será que "paixão, razão e coração" são para os patrões e não para os trabalhadores?», pergunta o sindicato ao Governo, lembrando as declarações dos dirigentes socialistas em tempo de campanha eleitoral.



Sindicalistas levaram à residência oficial do Primeiro-Ministro (integrados na acção de dia 11 da CGTP) os problemas da XAVI





## Mundet do Seixal

# E dum fábrica se fará

**P**egar numa fábrica de 15 hectares e transformá-la num *campus* universitário acrescentado de um museu, ainda por cima nos arredores de Lisboa, parece uma ambição apenas sonhável pelo Poder Central. No passado dia 10 de Dezembro, o município do Seixal deu novo exemplo de como o Poder Local também pode meter mãos a projectos grandiosos, ao arrematar em leilão, por 621 mil contos, o espaço industrial da empresa corticeira Mundet, tendo por horizonte «a transformação daquele espaço num Museu e Campo Universitário», hipótese a que o Ministério da Educação já se mostrou favorável. É o que se chama uma grande prenda de Natal da Câmara aos seus munícipes. Entretanto, o município tomou posse das instalações, ficando o pagamento aos credores a cargo do Tribunal.

O interesse da aquisição da Mundet do Seixal por parte da Câmara Municipal havia sido publicamente expresso nas páginas do Boletim Municipal da autarquia, em 15 de Novembro último, salientando-se então o objectivo da edilidade em «preservar a memória da Mundet do Seixal, preservar a arqueologia industrial e compatibilizá-la com o desenvolvimento, respeitando a história e os seus valores, num traço de união entre o passado e o futuro».

A 27 de Novembro, o presidente do município do Seixal, Eufrazio Filipe, apresentava a proposta de aquisição da Mundet ao executivo camarário, que a aprovou por unanimidade, seguindo-se a 9 de Dezembro a ratificação pela Assembleia Municipal, também por unanimidade. Nessa proposta explicava-se:

«A aquisição do espaço físico da antiga fábrica Mundet pela Câmara Municipal do Seixal corresponde à vontade da população

e dos órgãos autárquicos, representa a municipalização de um espaço afectivo e de nobre localização no ordenamento do território do Concelho. É, em si mesmo, um esforço financeiro do orçamento municipal. Tem ainda como significado a credibilidade de uma boa gestão do interesse público em vésperas do 20º aniversário da institucionalização do Poder Local Democrático.»

E acrescentava:

«Sensível às memórias patrimoniais do quotidiano colectivo, a Câmara Municipal, em representação de todas as sensibilidades municipais, assumiu esta aquisição como um facto histórico que irá preservar memórias de interesse inquestionável e projectar, no mesmo espaço, para as gerações vindouras, a sua classificação.»

O presidente da edilidade seixalense recordou, igualmente, os objectivos concretos desta aquisição municipal, declarando que «a Câmara Municipal vai continuar os contactos institucionais com os ministérios do Planeamento e da Educação e com a Universidade Aberta, no sentido de transferir esta Universidade de Lisboa para o Seixal. Ao mesmo tempo, pretendemos criar um núcleo museológico neste espaço, que tem um grande significado para a população, para o Concelho e para a região.»

## Os agradecimentos de Xavier de Lima

A empresa Xavier de Lima, que se especializou em especulação de terrenos para chorudos negócios imobiliários, tem deixado atrás de si graves problemas urbanísticos com que depois as autarquias se têm de haver, apesar de não serem responsáveis pelos desmandos. Bairros inteiros sem infra-estruturas nem equipamentos, construção desordenada e clandestina, sempre foram prática vulgar nos «projectos» imobiliários saídos dos negócios de terrenos da empresa Xavier de Lima.

Exercendo com decisão o poder local democrático, são câmaras municipais como a do Seixal que têm travado estes desmandos, ao mesmo tempo que vão reordenando com esforço e grandes custos os estragos urbanísticos entretanto concretizados.

Foi neste pano de fundo que ocorreu a insólita intervenção da empresa Xavier de Lima no último leilão da Mundet, que teve como única consequência prejudicar a Câmara Municipal do Seixal em 36 mil contos.

Na verdade, a Mundet já tinha ida por três vezes a leilão, sem que aparecesse qualquer interessado. Entretanto, como informamos ao lado, a Câmara Municipal do Seixal aprovou por unanimidade a proposta de compra do complexo, apresentando-se no leilão realizado a 10 de Dezembro último. Para surpresa de toda a gente, surgiu também um representante da empresa Xavier de Lima, que nunca pusera os pés nos anteriores leilões, disputando a compra da Mundet em lances sucessivos com a Câmara Municipal do Seixal. Resultado: da base de licitação de 585 mil contos - em que ninguém se mostrara anteriormente interessado - chegou-se aos 621 mil contos, altura em que o representante da empresa Xavier de

Lima se retirou, obrigando assim a Câmara Municipal do Seixal a pagar mais 36 mil contos pela aquisição deste património.

Foi uma bela maneira de agradecer ao município e aos munícipes do Seixal os fartos lucros que, com eles, a empresa Xavier de Lima tem obtido ao longo dos anos...

Foi, igualmente, uma excelente demonstração do que vale o interesse público para estes senhores da «livre iniciativa», mesmo em locais onde tiveram e continuam a ter vastos interesses.



## Um pouco de história com perfume a futuro

A fábrica Mundet, que chegou a ocupar mais de três mil operários, constituiu um dos grandes pólos industriais da Margem Sul do

**Hasta pública de 10 de Dezembro último, quando a CM do Seixal adquiriu todo o património da Mundet**

Tejo e do País, trabalhando a cortiça como ninguém e dela extraindo produtos que seguiam para todo o mundo. Fundada no início do século, a sua importância para o Seixal mergulha em sucessivas gerações de operários, tornando-a indissociável da própria vida do Concelho.

Quem ouve os seixalenses, percebe que o ritmo da fábrica marcou o próprio desenvolvimento da vila. Os seus magníficos 15 hectares de perímetro ocupam uma colina privilegiada sobre o rio Tejo, com Lisboa à distância de um voo de gai-vota.

Arrastada para um processo de degradação que culminou com a declaração de falência, a sua recuperação foi sistematicamente torpedeada pelos seus responsáveis, perante a indiferença de sucessivos governos de direita.

Tudo isto, e à semelhança





Texto: Henrique Custódio  
Fotos: Jorge Caria

Presentemente a Mundet continua em ruínas, mas já não está ao abandono: a Câmara pretende transformar os seus magníficos 15 hectares, arborizados e com vista para o Tejo, num grande campus universitário

# universidade

do que ocorreu em tantos outros sectores estratégicos da economia nacional, no quadro da recuperação capitalista que desembestou após os primeiros anos da Revolução de Abril.

Para se ter uma ideia da deliberada asfixia a que sujeitaram a Mundet, basta referir que, na altura da assunção da crise, a fábrica continuava a ter uma invejável carteira de encomendas. A modernização do complexo e o desenvolvimento das instalações fabris reclamados pelos trabalhadores estranhamente não foi realizada, nem sequer com o recurso ao processo de recuperação de empresas, assistindo-se a um programa de alienação através de sucessivos leilões.

Os últimos realizados procuraram alienar todo o património, mas ficaram desertos, talvez porque a Câmara Municipal sempre avisou que não consentiria especulação imobiliária naquela vasta e privilegiada zona da cidade, advertindo que «o património da Mundet não pode ser transformado sem a participação activa da Câmara Municipal, em todas as suas fases» (ver caixa ao lado sobre «Os "agradecimentos" de Xavier de Lima»).

Isso mesmo foi recordado na proposta de aquisição da Mundet pelo Município, apresentada na reunião de Câmara de 27 de Novembro, onde se afirmava:

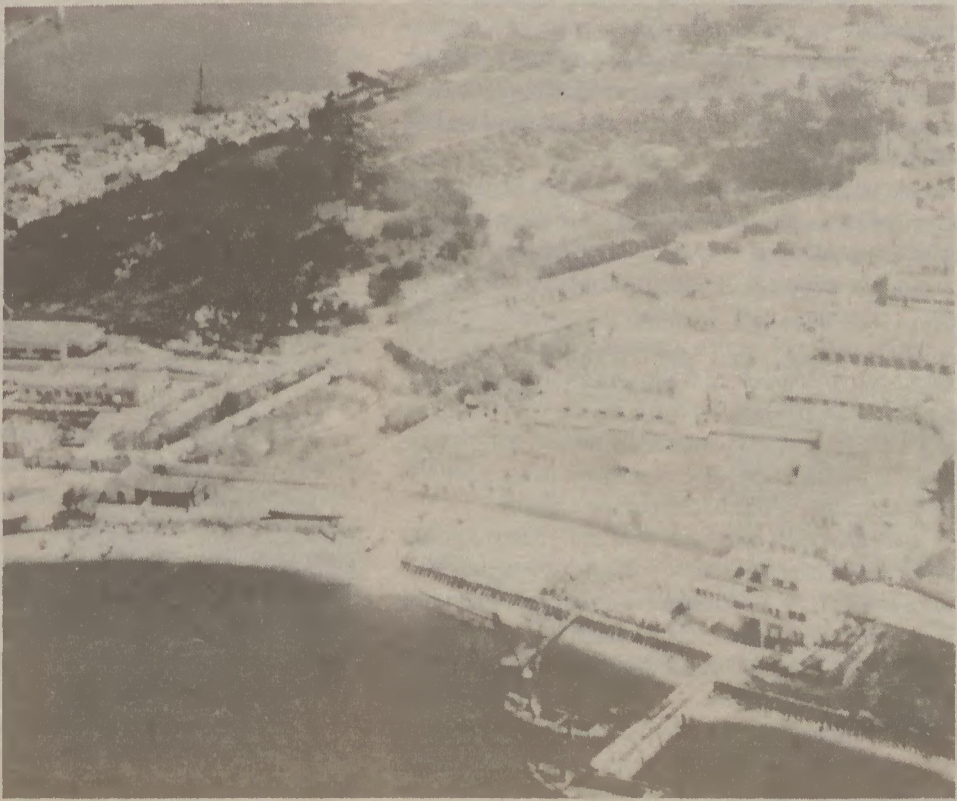
«Os órgãos municipais, aquando da elaboração dos instrumentos de ordenamento territorial, planearam o espaço da Mundet com vista à preservação do núcleo da fábrica enquadrada em espaços envolventes, também eles classificadas, de modo a retirar a gula aos interesses puramente, urbanísticos, habitualmente cerceados da preservação e da qualificação dos espaços para neles erigirem altas torres desumanizadas».

E acrescentava-se: «Urge agora responder, em sede de processo de falência, pela recuperação do espaço.»

É isso que se está a fazer, na perspectiva, «com algum grau de consistência», de se associar a Universidade Nova e o Ministério da Educação a este projecto de qualificação urbana, mudando inclusivamente esta Universidade para os magníficos e arborizados 15 hectares da Mundet à beira Tejo plantados.



Em cima, laboração da Mundet nos anos 50, onde se pode ver grandes pilhas de cortiça. Em baixo, vista área do magnífico perímetro de 15 hectares da fábrica (fotos Arquivo CM do Seixal)



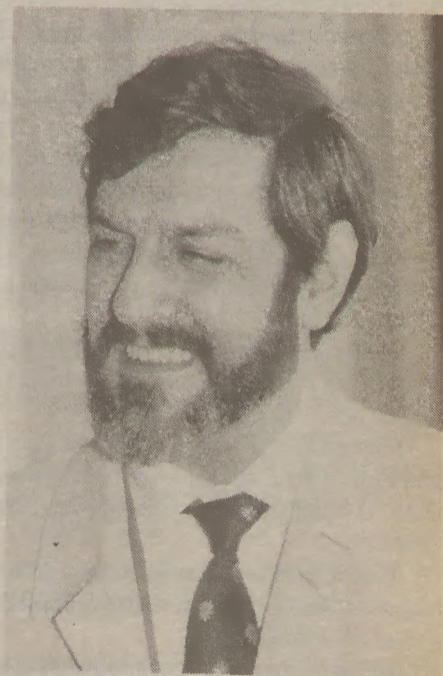
## Eufrázio Filipe Quando um município é casa do povo

«A Câmara vai continuar os contactos institucionais com os ministérios do Planeamento e da Educação e com a Universidade Aberta, no sentido de transferir esta última de Lisboa para o Seixal», disse-nos Eufrazio Filipe, presidente da Câmara Municipal do Seixal, acrescentando que «a Universidade Aberta, através do Reitor e seus assessores, já visitou as instalações da Mundet, estando tudo bem encaminhado no sentido, não de criar uma delegação desta Universidade no Seixal, mas da sua transferência integral para o Concelho».

Assinalando que «o património da Mundet é grande em termos materiais, mas constitui igualmente um património afectivo do Seixal», Eufrazio Filipe considerou que «será de grande importância para as próximas gerações uma Universidade sediada num espaço que foi, ele próprio, escola de resistência, de trabalho, de cultura e de luta».

Recordando que, na altura da compra, houve comoção e festejos entre a população, o presidente da edilidade seixalense frisou que «a Câmara do Seixal sempre se assumiu como a grande casa do povo do Concelho», tendo por isso particular significado que «tenha sido ela própria a suportar integralmente esta compra, cumprindo um desejo de gerações de operários».

Trata-se de um grande esforço financeiro, mas a Câmara já pagou 10% do total com que licitou a Mundet, contraindo um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, para 10 anos e à taxa variável de 6,5%. Eufrazio Filipe, entretanto, acrescenta: «Quando 10 instituições bancárias sediadas no Concelho estão disponíveis para financiar um projecto desta envergadura, estamos perante outro património do Concelho: a credibilidade, resultante de uma gestão saudável e participada.»





# Reforma agrária no centro das lutas no Brasil



**A** reforma agrária está no fulcro das lutas que se desenvolvem hoje no Brasil. Um movimento que em meados de Abril irá assumir a forma de uma grande jornada de solidariedade, a culminar uma marcha de dois meses, por todo o país, rumo a Brasília.

Esta a realidade que ressalta nas conversas registadas com camaradas do PCB e do Movimento dos Sem Terra, no XV Congresso do PCP.

## 12 anos de luta pela reforma agrária

Hoje, no Brasil, numa população de 150 milhões de brasileiros, nós temos 12 milhões de trabalhadores rurais sem terra. 1% dos proprietários detêm 46% de todas as terras do país. A concentração de terras é muito grande. E a concentração da renda é muito grande.

O presidente da República hoje, Fernando Henrique, não reconhece que existe um problema agrário no país, nem tão-pouco tem uma proposta de reforma agrária no Brasil e nem uma política agrícola.

Durante estes anos, depois que acabou a ditadura militar, têm acontecido diversas ocupações de terras no país e em 1984 nós criámos o Movimento dos Sem Terra. Com um objectivo simples e único - ter terra.

Terra para quê? Para que esses 12 milhões de pessoas sem terra se tornasse cidadão brasileiro. Que durante a história, eles foram excluídos da produção, foram excluídos de ser cidadão. Sem ter o direito nem sequer para se alimentar.

Então havia necessidade - por não ter emprego - a industrialização do país já ter sido implementada e não ter mais como encontrar emprego - a gente sentiu a necessidade de criar uma organização que reivindicasse os seus direitos.

De 1984, quando nós fizemos o nosso primeiro encontro - um encontro nacional para poder definir os objectivos e a linha do movimento - que temos como objectivo central a luta pela reforma agrária. Essa luta baseava-se na ocupação, para pressionar o governo a fazer a reforma agrária. Esse o objectivo central.

Realizámos o nosso primeiro congresso em 1985 - para poder reafirmar as nossas linhas e a partir daí a gente construiu essa organização a nível nacional.

De lá para cá se passaram 12 anos e nós cada vez mais vimos reafirmando a necessidade de reforma agrária no país. Apesar de que os governantes, até hoje, não se preocupam em ter um programa para fazer a reforma agrária.

Nós preocupamo-nos, nessa base social de 12 milhões de brasileiros, apresentar um programa para a sociedade. Durante esse período, a media brasileira sempre veio tentando denegrir a imagem do próprio movimento e tentando mostrar para a sociedade que não havia um problema social tão grande assim. Mas a sociedade, de um modo geral, quando passava nas capitais, percebia que a gente tinha aqueles grandes acampamentos na beira das estradas e cada mês ou cada dois/três meses, a gente estava nas capitais fazendo manifestação e colocando a necessidade de reforma agrária.

Há dois anos atrás (1995) aconteceu um facto, para nós, interessante - foi nós conseguirmos fazer o maior congresso na história do país - o Congresso Camponês.

Fizemos assim o Congresso do Movimento dos Sem Terra com mais de 5 mil delegados vindos de todos os Estados brasileiros. O Maior Congresso Camponês do Brasil e da América Latina.

Naquele momento fizemos uma pauta de reivindicação. Tivemos uma audiência com o presidente da República, apresentamos a nossa reivindicação.

Pela mobilização, ele assumiu muitos compromissos conosco. Que era de assentar 17 mil famílias que em 1995 a gente tinha acampado em todo o país. Era de agilizar leis que pudessem viabilizar a reforma agrária, já que tem na Constituição que tem que fazer a reforma agrária, mas as leis complementares para agilizar, não tinha.

Outra questão, era mudar a estrutura do instituto responsável pela reforma agrária no país - porque além de ter pouco pessoal para poder trabalhar, era uma estrutura muito atrasada, que só se preocupava com a colonização do país e não com a reforma agrária.

Ele assumiu diversos compromissos. Naquele momento aconteceu também um massacre, onde foram mortos dez companheiros.

A partir daí, a sociedade começou a assumir as questões da reforma agrária como uma bandeira de todo o povo brasileiro.

A 17 de Abril a gente tinha já marcado previamente mobilização em todo o país para trazer a reforma agrária para a cidade - que essa foi sempre a grande preocupação nossa. E nós sempre tivemos o lema de que a reforma agrária não se faz no campo, a reforma agrária faz-se também na cidade - quando os trabalha-

dores sentem necessidade de ter um produto mais barato na sua mesa, de melhor qualidade. E que a reforma agrária também vai acabar com o desemprego. A reforma agrária também é desenvolvimento para os municípios pequenos do país.

A partir desse entendimento nosso, nós também tínhamos o outro entendimento de que os partidos políticos e a sociedade de um modo geral, deveria assumir essa bandeira.

A partir disso nós marcamos uma grande jornada de luta para o meio de Abril de 1996. Fizemos mobilização em todo o país.

Temos diversas formas de luta - desde a ocupação às caminhadas.

Numa das nossas caminhadas houve o massacre de Carajás - que tudo o mundo ficou sabendo - onde 19 companheiros nossos foram assassinados pela polícia militar e a mando do governo do Pará. O ministro da Justiça sabia de tudo o que ia acontecer e não tomou nenhuma providência para impedir.

A sociedade brasileira ficou chocada com aquele acontecimento - o massacre. A partir daí, a sociedade fez manifestação - todas as categorias, de todo o país - para reivindicar do governo ele agilizar a reforma agrária, para acabar com os confrontos, com os conflitos existentes no campo.

Quando a sociedade começou a cobrar, o presidente da República criou o ministério extraordinário da Reforma Agrária. E foi uma satisfação dada - tanto a nós, os sem terra, como à sociedade brasileira.

Só que passou estes meses, de Maio até agora, e esse ministério não encaminhou nem uma política agrária para poder resolver o problema concreto.

No dia 2 de Maio de 96 tivemos uma audiência com o presidente da República. Colocamos para ele novamente as reivindicações que já tínhamos apresentado no meio de Julho, durante o período do nosso congresso.

Havia um facto novo - no meio de Maio ele tinha criado o ministério da Reforma Agrária. Mas nós já apresentávamos - não 17 mil famílias acampadas. Apresentávamos 32 mil famílias acampadas, para o presidente.

E o presidente assumiu novamente o compromisso de agilizar a reforma agrária. Assumir que as famílias acampadas fossem prioridade no assentamento. Naquele momento a gente não estava mais pedindo para ele cumprir o nosso programa - simplesmente estava querendo que ele cumprisse o programa dele. Que é - assentar 280 mil famílias durante o mandato de quatro anos. Nós temos uma demanda de 12 milhões sem terra, que dá um total de 4,8 milhões de famílias.

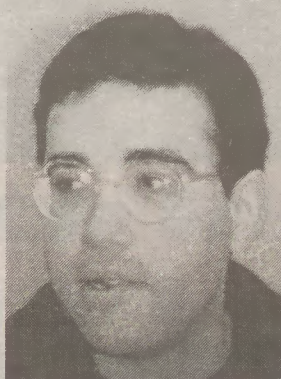
Só que, no primeiro ano de governo dele, tinha fixado a meta de assentar 40 mil - só assentou 12 mil. Para 96, fixou a meta de assentar 60 mil. Até agora só assentou 28 mil famílias.

E nós, com a demanda de assentar, no meio de Maio, 32 mil famílias - ele assumiu como prioridade assentar estas famílias. Hoje, nós temos 52 mil famílias acampadas em todo o país. E o presidente não encaminhou, nem uma proposta que possa viabilizar o assentamento dessas famílias. E as leis - que ele assumiu como prioridade - continuam emperradas, paradas no Congresso Nacional. O ministério que criou - para poder inovar, criar uma proposta alternativa - a estrutura mantém-se a mesma.

A partir daí, o Movimento dos Sem Terra, com o apoio da sociedade, com o apoio dos partidos políticos de esquerda no Brasil, criou também uma solidariedade maior no país, em prol da reforma agrária, em defesa da vida, em defesa dos sem terra.

Então nós definimos algumas actividades para o ano que vem - que para nós são importantes.

Vamos fazer uma marcha de mil quilómetros. Vai ser dois meses caminhando a pé - de cinco pontos no país. A sair no dia 17 de Fevereiro, a chegar no dia 17 de Abril.



**Carlos Gustavo Moreira**  
Membro do CC do Partido  
Comunista Brasileiro

## Um difícil caminho a construir

O Brasil tem neste momento um governo de um partido que seria social-democrata, mas que chegou ao poder numa aliança com a direita mais reaccionária e vai executando fielmente a política do FMI, o que tem consequências muito graves sobre a economia do país.

Está promovendo uma grande desnacionalização das empresas estratégicas, já acabou com o monopólio da Petrogaz e está planejando privatizar o mais rápido possível uma empresa estratégica - a companhia que cuida de toda a mineração do país.

No campo social, todas as conquistas históricas dos trabalhadores estão sendo atacadas. O serviço público sofreu um golpe muito duro, com um programa de demissões e eliminação de estabilidade. O serviço público vem sendo desmantelado nos sectores mais estratégicos. Há uma política de flexibilização e de terceirização dos serviços de Estado.

Em relação aos trabalhadores do sector privado, há o mesmo fenómeno de perda sistemática de direitos. A tendência é acabar com o emprego fixo.

O governo tinha um discurso de desnacionalizar as empresas estatais, de tirar o Estado da produção, para se dedicar aos sectores sociais. Mas não é isso que tem acontecido - muito pelo contrário. O governo criou mesmo um fundo social de emergência - que tirou dinheiros da educação e da saúde - e na verdade servia para sanear bancos privados...

O movimento dos trabalhadores tem crescido. No Brasil, a principal força de reacção social continua sendo o Movimento dos Sem Terra, que é o movimento social mais importante nos últimos anos e tem conseguido vitórias não triviais na luta pela reforma agrária.

Os massacres acabaram servindo para colocar a opinião pública a favor dos Sem Terra. Não é um movimento controlado por nenhum partido, mas as lideranças têm uma base ideológica bastante sólida - dão muita importância à propriedade social da terra, ao movimento cooperativo - é um movimento anticapitalista. Têm conseguido também resultados económicos importantes.

O problema agrário no Brasil tem consequências bastante directas sobre a vida das metrópoles. O Brasil sempre teve muito êxodo rural. O latifúndio inchou as favelas nas cidades, que não têm estrutura económica para suportar tanta gente.

Seria preciso construir uma aliança socialmente ampla. Como os próprios Sem Terra admitem que não é possível avançar muito sem a solidariedade dos trabalhadores da cidade, sem os operários.

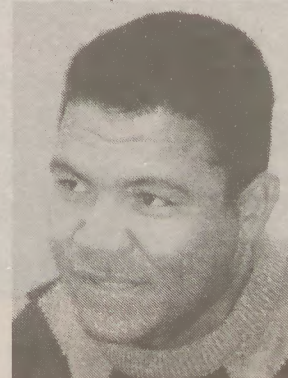
Eu diria que a mobilização popular no Brasil está um pouco tardia, depois que perderam quase todos os direitos. Mas, de qualquer modo, há uma reacção da população em geral cada vez maior, e a tendência é que este movimento vá crescendo.

A verdade é que, quando das últimas eleições, municipais, o partido do governo perdeu na maioria dos grandes centros. Nem sempre perdeu para a esquerda - mas perdeu.

Penso que a esquerda ganhou um lugar importante nessas eleições e a tendência é que cresça. Temos um caminho difícil a construir, mas a esquerda está mais unida e se conseguir lançar um candidato unitário deverá ter bastantes chances de competir.

Falando um pouco do movimento comunista e da crise do leste europeu. Havia uma campanha anticomunista muito grande e as pessoas diziam que os partidos comunistas não tinham chance de sobreviver. O meu partido, em particular, o PCB, sofreu uma crise interna muito séria. Mas conseguimos evitar que o partido fosse destruído. A maior parte da militância ficou com a gente. Fomos tratados, até às últimas eleições, como partido extinto. As últimas eleições serviram também para mostrar que o PCB não acabou.

Lutamos pela criação de uma frente de esquerda nacional que se caracterize como frente anticapitalista. A esquerda brasileira carece de orientações políticas e ideológicas claras.



**Valmir Carlos Assunção**  
Movimento dos Sem Terra





# A Tribuna do Congresso

## Intervenções das organizações regionais

### LISBOA

#### Reforço orgânico

(...) Na 3ª Assembleia da ORL, definiram-se 5 linhas prioritárias de intervenção: a acção junto da classe operária e dos trabalhadores; das populações; dos intelectuais e quadros técnicos; da juventude e dos reformados. Linhas orientadas para uma mais estreita ligação do Partido às massas e para o desenvolvimento da luta assentes numa intensa e regular afirmação própria, no aprofundamento do conhecimento dos problemas e da realidade do distrito e no indispensável reforço orgânico.

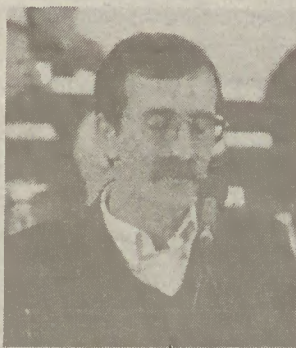
(...) Tem sido dada particular atenção às medidas que permitam um melhor conhecimento do Partido que temos. Sabemos que dos mais de 34.000 militantes no distrito, contados no último Balanço, apenas um segmento - significativo mais insuficiente (cerca de 7.000) - exerce uma militância activa na base da qual assenta a actividade diária do Partido.

Três preocupações imediatas resultam desta verificação.

A primeira, a que se prende com a necessidade de enquadrar este núcleo activo, potenciando a disponibilidade e o empenhamento destes quadros. Neste sentido, foram adoptadas medidas para adequar o trabalho nas empresas às novas condições existentes através da criação de sectores de empresas e da manutenção do contacto com este núcleo de militantes através de plenários mensais em dia certo.

A segunda, a que resulta da necessidade de se ampliar este núcleo activo, ganhando mais camaradas para uma militância regular e alargando o número dos que têm responsabilidades atribuídas, nomeadamente para áreas onde as debilidades são mais significativas: novas empresas e sectores que, entretanto, foram surgindo ou ampliando-se, Universidade, movimento associativo popular.

Particularmente importante para a concretização deste



**António Andrez**  
Membro da DORL  
e do Comité Central

objectivo se tem revelado o trabalho dirigido ao recrutamento. Pelo rejuvenescimento que ele tem permitido. Este ano, dos 765 recrutamentos verificados, 48% têm menos de 30 anos.

(...) A terceira preocupação tem-se fixado na necessidade de manter um contacto regular com todos os inscritos. Na base de um trabalho, hoje praticamente concluído, é possível uma ligação regular com todos os membros do Partido através do contacto postal.

(...) É no desenvolvimento destas direcções de trabalho, que estamos a construir os resultados das próximas eleições autárquicas. As importantes posições que o PCP e a CDU dispõem nas autarquias do distrito despertam a cobiça política dos nossos adversários que concentram desde já atenções e meios nesta batalha eleitoral. Travamos esta batalha conscientes da sua complexidade e exigências, mas confiantes nas possibilidades de confirmar as maiorias que dispomos na Amadora, Loures, Sobral, V. F. Xira e em Lisboa, no quadro da Coligação «Com Lisboa», e em 60 freguesias do distrito, e de obter novas posições e novas autarquias, designadamente o município de Sintra.

Na preparação do Congresso, apesar de algumas insuficiências verificadas em alguns aspectos, aliámos o debate das Teses à intervenção política diária e ao trabalho de reforço do Partido. (...)

mento tecnologicamente ultrapassado, pelo recurso à mão-de-obra barata e pouco qualificada e por um baixo índice de produtividade. O sector de serviços é deficitário e concentrado na capital do distrito. A par disto regista-se um enorme atraso nas condições de habitação e higiene, nas condições de saúde e assistência, nos níveis de ensino e de instrução e nos meios de transporte e comunicação. O censo de 1991 regista um decréscimo na população do distrito de 2,6%, afastando-o da média nacional.

Contudo, o Alto-Minho é uma região com importantes potencialidades de desenvolvimento endógeno, suportado em substanciais recursos naturais e humanos onde se salienta o potencial da juventude, já que 24% da população global do distrito tem idade inferior a 15 anos, em dissonância, positiva, com o resto do País.

Neste contexto assume primordial importância a intervenção do nosso partido na análise e denúncia esta realidade, procurando, no diálogo com as populações, ganhá-las para a luta e propondo nas autarquias locais e na Assembleia da República soluções e medidas que elevem o nível de desenvol-

vimento desta região e a retirem da cauda da Europa. Para garantir esta intervenção é essencial reforçar a organização do partido, renovando e rejuvenescendo as organizações e estrutura partidárias, estando este objectivo a ser conseguido no distrito pelo crescente número de jovens que aderem à JCP e ao PCP (desde o ano passado aderiram à JCP 80 militantes e das adesões ao PCP 57,5% têm idade inferior a 30 anos), pela assunção de tarefas e de responsabilidades por quadros jovens e pela compreensão por parte da organização que este é o caminho certo para reforçar o partido que, conforme é referido nas teses «quer ganhar o presente e garantir o futuro».

Dos desafios que temos pela frente, as eleições autárquicas do próximo ano exigem do partido e de todos os seus militantes um elevado sentido de responsabilidade política e determinação na concretização do objectivo essencial que é o reforço da capacidade de intervenção dos comunistas nos órgãos autárquicos e nos diversos sectores da sociedade de modo a que se concretizem as legítimas aspirações do povo português e em particular do Alto-Minho.

têm que dar uma maior atenção ao desenvolvimento da luta.

(...) A preparação do Congresso foi também motivo de dinamização da vida das estruturas do Partido. Temos dificuldades de ligação a alguns membros do Partido mas estamos animados e a desenvolver esforços para melhorar o trabalho de ligação e funcionamento das estruturas de base do Partido.

No presente ano verificam-se 159 novas adesões ao Partido.

Também a JCP tem vindo a desenvolver um trabalho muito positivo de dinamização e crescimento de influência ao nível do Distrito, conseguindo 300 novas adesões já este ano.

Verifica-se assim que há condições objectivas para o crescimento, renovação e reforço do Partido e estas condições são fundamentais para estarmos à altura das responsabilidades que nos esperam. Reforçar as posições da CDU nas próximas eleições autárquicas e lutar por uma alteração qualitativa no Alentejo que passe pela instituição da Regionalização, pela liquidação do latifúndio e pela afirmação do projecto político regional e nacional do Partido Comunista Português, por uma nova política em defesa dos interesses do País e que sirva os reais interesses do Povo Português.

### ALGARVE

#### Aumentam os problemas

(...) Quanto à principal actividade económica do Algarve, a turística, confirma-se como um dos mais importantes sectores da economia nacional, representando cerca de 6% do PIB com receitas anuais na ordem do bilião de contos e empregando mais de 300.000 pessoas, isto é, cerca de 6% da população activa do país.

A este peso na economia do país, não têm correspondido por parte dos sucessivos governos, a adopção de políticas para a sua melhoria, muito pelo contrário, têm-se intensificado os problemas existentes, as fragilidades e contradições.

(...) Quanto à actividade do Partido neste sector, realizou-se um Seminário Nacional sobre Turismo, cujas conclusões foram amplamente divulgadas;

Intervimos na Assembleia da República solicitando a ratificação da Lei sobre os Empreendimentos Turísticos, a chamada Lei Hoteleira, provocando a sua discussão a nível nacional por todas as estruturas envolvidas;

Propôs-se, embora sem sucesso, a redução da taxa do IVA para 7% a fim de equiparar com os níveis praticados pelos nossos principais concorrentes;

Desenvolveu-se um amplo e diversificado trabalho ao nível das Regiões de Turismo.

(...) O Algarve, enquanto destino turístico por excelência, tem que se afirmar pela qualidade da sua oferta e pela valorização crescente dos seus diversos produtos turísticos.

Está implícito nesta afirmação um conjunto de factores sem os quais todo o futuro turístico do Algarve estará comprometido.

Refiro-me à qualificação dos profissionais do sector, à qualidade das infra-estruturas, à qualidade do meio ambiente e necessariamente às acessibilidades.



**Carlos Boto**  
Membro da Comissão  
Executiva da Região  
de Turismo do Algarve  
e da DORAL

Que qualidade será possível sem trabalhadores qualificados, com ordenados em atraso e de miséria, coabitando com empresários ricos que usufruem do esforço daqueles que exploram?

Que qualidade será possível sem infra-estruturas fundamentais para o normal funcionamento da actividade turística?

Que qualidade será possível sem a protecção e preservação do meio ambiente, oferecendo lixeiras a céu aberto, com a orla marítima a degradar-se, correndo riscos permanentes de derrocadas?

Como se compreende, que um Plano (PRTA), que levou alguns anos e alguns milhares de contos para ser elaborado, esteja a marcar passo e não seja aplicado?

Como se compreende que ao Barlavento Algarvio, entre Albufeira e Sagres, lhe seja negada a conclusão da via do infante, infra-estrutura rodoviária essencial para o seu desenvolvimento e eliminação dos seu principal problema quanto à acessibilidade?

E a auto-estrada que liga o Algarve ao resto do país fica adiada para o final do século?

A luta dos trabalhadores do sector e de todos os que, de uma ou outra forma lhe estão ligados, deverá incidir fundamentalmente na defesa destes princípios.

### ÉVORA

#### CDU - Uma obra notável

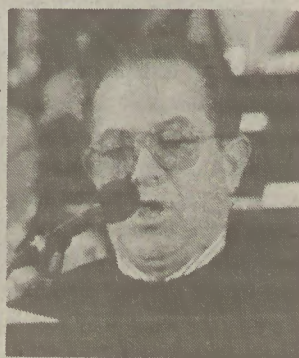
(...) A realidade económica e social do distrito de Évora, caracteriza-se pela situação de grave crise resultante da política de direita, implementada nos últimos 15 anos pelo PSD e continuada pelo PS.

(...) Se algumas dúvidas ainda restavam o OE/97 veio clarificar que o PS traiu o sentido de voto do eleitorado, não cumpre as suas promessas eleitorais e dá continuidade à política de direita gravosa para a nossa região.

Em vez do apregoado Plano de Emergência para o Alentejo, agrava-se a situação laboral e social como são exemplo: o encerramento da empresa Melka, as ameaças de encerramento da Portucel e os anunciados despedimentos na Lee e na Universidade de Évora. O desemprego atinge a taxa de 18% a mais elevada do País, reina a precariedade do trabalho, a exclusão social e a pobreza.

No OE/97 não há um único projecto estruturante novo para o nosso Distrito e a percentagem de 0,8% do total nacional previsto no PIDDAC é igual à percentagem cabimentada em 95 pelo PSD.

Veja-se o contra-senso - o PIDDAC para os três distritos alentejanos é contemplado com apenas 22 milhões de contos,



**António Foito**  
Membro da DOREV

enquanto os grandes agrários são contemplados com 60 milhões de contos por alegadas indemnizações.

Os resultados desta política adiam o desenvolvimento e estão a arrastar a nossa região para uma crise sem precedentes.

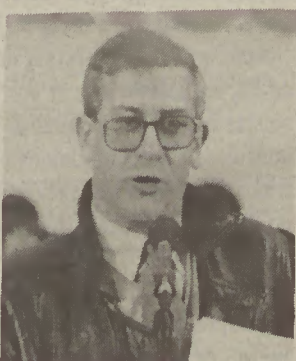
Em contrapartida as autarquias CDU têm desenvolvido uma obra notável, em benefício das populações, contribuindo decididamente para que a nossa região tenha maiores índices de população servida de serviços básicos, construíram-se espaços de lazer de apoio à 3ª idade e são estas as maiores empregadoras da região.

Esta dura realidade indicamos a necessidade de intensificar a luta por um lado a estrutura do Partido, mas também os comunistas que actuam no movimento sindical, nas autarquias e em outros movimentos

### VIANA DO CASTELO

#### Sentido de responsabilidade

O Alto-Minho apresenta uma estrutura e uma dimensão social que padecem de graves deficiências a que não é estranha a política calamitosa dos sucessivos governos do PSD a que o PS não dá sinais de querer inverter. Assiste-se à prática de uma agricultura predominantemente tradicional, pouco rentável e por isso altamente intensiva. O sector industrial é caracterizado por uma forte especialização sectorial, pela reduzida dimensão dos estabelecimentos industriais (2/3 das empresas



**Alberto Midões**  
Membro do Executivo  
da DORVIC

têm menos de 10 trabalhadores), pela utilização de equipa-





# A Tribuna do Congresso

## CASTELO BRANCO Progressos entre a juventude

O sector têxtil no Distrito constitui a pedra de toque para aferir se a políticas dos Governos vão no sentido do desenvolvimento, ou se optam pela desindustrialização e desertificação. Foram necessários poucos meses para se comprovar que o Governo PS decidiu seguir as políticas de Cavaco Silva e do PSD para o sector.

Desde 1989 encerraram 56 empresas de lanifícios e confecções abrangendo 957 trabalhadores. As dívidas aos trabalhadores ascendem a mais de 413 mil contos. Tendo em conta que os salários são na sua maioria de 50/60 contos, podem-se avaliar os problemas sociais gravíssimos de tais dívidas. O desemprego registado atinge cerca de 9.000 trabalhadores e cresceu 15% no último ano. Actualmente 16 empresas de lanifícios e confecções estão em situação preocupante. O Plano Mateus não teve qualquer aplicação no Distrito.

A liberalização dos produtos da lã a países terceiros, como pretende a Comissão Europeia, e em relação à qual o Governo PS mantém uma atitude complacente, a concretizar-se porá em risco a sobrevivência das empresas das zonas de mono-indústria, como é o caso da Covilhã e Cebolais de Cima. Só os Deputados comunistas na A.R. e no P.E. tomaram posições enérgicas de salvaguarda do sector.

Há muito que o Partido luta pela defesa do sector têxtil, defendendo a modernização das empresas e crescimento real dos salários. Há muito que lutamos por uma Operação Integrada de Desenvolvimento para o Distrito, instrumento indispensável para inverter a actual situação e promover o desenvolvimento. Guterres e o PS, que na oposição se comprometeram a apoiar a O.I.D., agora no poder, falam de um Plano Integrado de Desenvolvimento, que ninguém sabe o que é, abrangendo apenas dois Concelhos. Mais uma vez o PS não cumpre com o prometido.

## LEIRIA Lutas exemplares

(...) A situação económica e social no distrito de Leiria tem registado um sucessivo agravamento, fruto das políticas dos governos do PSD que o actual governo PS prossegue.

A agricultura regional continua mergulhada numa das suas mais graves crises com pesadas consequências para a vida dos agricultores e o mundo rural. Nas pescas a situação é igualmente de grave crise não resultando a situação só da redução de alguns dos recursos pesqueiros, mas e essencialmente em consequência do abate forçado de embarcações e da política de pescas tanto do anterior governo



**Armando Morais**  
Membro da DORCB  
e do Comité Central

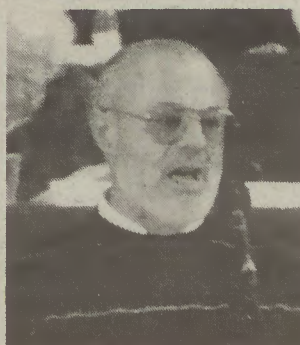
O trabalho dos jovens comunistas no Distrito teve progressos sensíveis, especialmente em Belmonte, Covilhã e Castelo Branco, com crescimento da actividade e consolidação dos núcleos e evolução dos quadros da JCP e do Partido.

Hoje, os jovens comunistas com outros jovens, estão à frente de Associações de Estudantes do Secundário e Superior, com destaque para a U.B.I., com uma notável actividade desenvolvida por estas estruturas e envolvimento de milhares de estudantes em lutas e actividades diversas.

O mérito destes sucessos cabe inteiramente aos jovens comunistas, que souberam construir à sua volta o ambiente propício à adesão de outros jovens com preocupações de justiça social, apontar a luta como factor da sua própria emancipação e formação política, prestigiando-se junto das camadas juvenis.

Para o sucesso desta actividade, tem contribuído a grande abertura e o respeito pela posição e postura dos jovens que, não querendo assumir um maior compromisso político, participam livremente e sem constrangimentos em toda actividade política e de massas.

(...) A responsabilização política dalguns destes quadros como membros da Direcção Regional do Partido, das Comissões Concelhias e no exercício de cargos autárquicos, está a possibilitar uma renovação do Partido ao nível dos seus quadros mais responsáveis.



**Saul Fragata**  
Membro da DORLEI  
e do Comité Central

como do actual governo PS. A luta dos pescadores e do povo de Peniche em 1992 tornou possível a aplicação de algumas

medidas de emergência. No entanto, os problemas de fundo continuam por resolver e as promessas do PS por cumprir.

Na indústria os problemas também se têm feito sentir e agravado. Encerraram nos últimos anos importantes unidades industriais.

Muitas outras empresas continuam ameaçadas de encerramento, verificando-se também despedimentos colectivos o que avoluma o desemprego no distrito, ao contrário do que apregoa o governo do PS.

A situação seria certamente bem pior não fossem as múltiplas lutas desenvolvidas: em 93, foi a resistência ao encerramento da Stephens, impedindo-se o desmantelamento da empresa e a venda do seu equipamento. Na IVIMA, foi a luta tenaz com greves, cortes de estrada e via férrea que constituíram um forte obstáculo a mais uma séria ameaça de encerramento da empresa. Contudo, camaradas, em 1994 e 95 a luta social atingiu na região e particularmente na M. Grande um dos seus pontos mais altos dos últimos anos. Os trabalhadores da M.P. Roldão travaram uma exemplar e heróica luta pela sobrevivência da empresa. Nesta luta, por diversas vezes a M.P. Roldão teve a morte anunciada, mas a determinação dos trabalhadores entre os quais os membros do

## VEISEU A vontade das populações

O distrito de Viseu continua a caracterizar-se como um distrito do interior, fortemente rural, onde predomina a pequena e média propriedade agrícola. A industrialização tem crescido significativamente, embora de uma forma desarmoniosa e sofrendo os efeitos das várias políticas sectoriais; o sector mineiro (minas de urânio, entre outras), outrora de grande pujança, encontra-se hoje abandonado e o comércio é ainda predominantemente tradicional, mas as médias e grandes superfícies comerciais vão ganhando progressivo impacto.

Há mais de 25000 desempregados a que se devem juntar os milhares de jovens à procura do primeiro emprego e os empregados de longa duração.

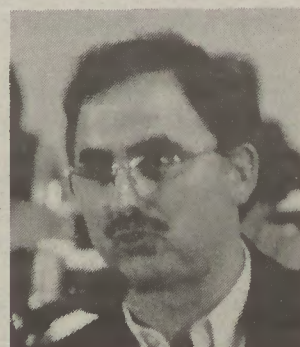
Votado ao abandono pelas políticas centralistas de direita que, ao longo dos últimos anos, nos vêm desgovernando, o distrito de Viseu é daqueles que mais se tem ressentido com o fenómeno da desertificação humana do interior rural e a agricultura – uma das principais actividades económicas das populações deste distrito – mergulha numa profunda e estrutural crise.

É neste complexo quadro económico e social, que, apesar da dificuldade de quadros, o Partido procura responder de uma forma cada vez mais organizada.

Ao nível da agricultura e

Partido, tiveram um papel preponderante, cerraram fileiras em torno do seu Sindicato e da organização do Partido. Sofreram as brutais cargas policiais que o país pôde presenciar, ganharam a solidariedade da generalidade do povo da M. Grande e do país, contaram com a participação activa e solidária de centenas e centenas de jovens. Para aqueles que pensavam que as lutas tinham passado à história e, ainda porque outros desejavam que assim fosse, a luta da MPR foi uma importante contribuição para o derrube do cavaquismo e um exemplo de luta com repercussões no país.

Temos consciência das nossas debilidades orgânicas e dos estrangulamentos que persistem na nossa intervenção partidária. Temos menor militância, mais dificuldades financeiras, menos funcionários. Pelas nossas prioridades e em função das nossas responsabilidades políticas principais não conseguimos responder de igual forma em todo o território da região. Redobrados esforços terão que ser feitos para um Partido mais forte com mais e melhor organização nas células de empresa, mais capacidade de atracção da juventude, melhor intervenção virada para a acção institucional com vista ao reforço das nossas posições nas autarquias do distrito e à reconquista da Câmara Municipal da M. Grande. (...)



**Manuel Rodrigues**  
Membro do Secretariado  
dos Baldios do Distrito  
de Viseu  
Membro do Secretariado  
da DORV

defesa e desenvolvimento do mundo rural, o trabalho do Partido, tem-se dirigido para a organização e dinamização das estruturas unitárias e simultaneamente, para a organização do Partido no mundo rural. Por exemplo, ao nível da defesa dos baldios o papel do Partido e dos seus militantes nas estruturas unitárias de apoio aos compartos e povos dos baldios é um papel relevante de destacada intervenção combativa.

Assiste-se também ao rejuvenescimento do Partido. A JCP intervém neste distrito como uma estrutura organizada e dinâmica, atraindo cada vez mais jovens dinamizando a intervenção e luta em defesa dos seus interesses.

Na grande parte das autarquias em que a CDU tem eleitos,

o trabalho do Partido é um trabalho dinâmico na denúncia de irregularidades, na fiscalização do funcionamento dos órgãos autárquicos e na apresentação e defesa de propostas para o desenvolvimento do apoio às populações.

Impõe-se, no entanto, para os próximos tempos, um grande esforço para melhorar o trabalho organizativo do Partido neste distrito. Este Partido que é e se pretende que continue a ser um Partido nacional tem que dedicar uma maior e efectiva atenção aos distritos onde o trabalho assume particulares dificuldades: São, no fundamental, precisos mais meios e quadros.

É imperioso que a regionalização, avance como questão central para o processo de desenvolvimento. É fundamental que, no desenvolvimento deste tão importante processo, se tenham em conta as vontades e sentimentos das populações.

(...) O Partido Comunista Português, também em Viseu, vai continuar a agir para tornar real aquilo que, hoje ainda, não passa de sonho e de projecto:

## PORTALEGRE Aumentar a influência

Do distrito de Portalegre, trazemos a voz do protesto, da esperança e da luta por soluções que promovam o desenvolvimento e contemplem medidas que fixem o Homem à terra e invertam a tendência para a desertificação e o isolamento.

O desemprego no distrito regista uma das maiores taxas do país, e radica essencialmente numa agricultura subsidiada para não produzir, de acordo com a PAC que premeia, com fundos, os agrários absentistas.

O tecido industrial, fragilizado pela integração no espaço económico europeu, contribui de forma significativa para o aumento do desemprego, quer com os despedimentos que têm abolido centenas de postos de trabalho, quer pela ameaça permanente de falência, na grande maioria fraudulenta.

As grandes superfícies comerciais proliferam, arruinando o pequeno e médio comércio, explorando a mão de obra em clara violação da legislação laboral e transferindo para outras regiões os lucros avultados realizados na região.

Após um ano de governação do PS, registamos que as promessas eleitorais foram abandonadas e a atestá-lo temos o ridículo investimento previsto no PIDDAC, no Orçamento de Estado para 1997.

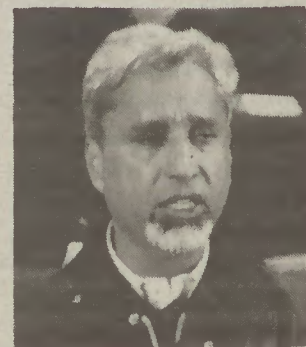
Aos jovens afectados pelo desemprego e pelos elevados índices de abandono e insucesso escolar, não resta outra alternativa – abandonar o distrito – contribuindo para aumentar a desertificação da região.

Os idosos constituem a



O século XXI será nosso!  
O século XXI há-de ser, verdadeiramente, o século do povo português!

E, com ele, a acção revolucionária que do passado nos trouxe até aqui e daqui nos há-de levar ao futuro!



**Casimiro Menezes**  
Membro da DORPOR

camada social mais numerosa. Desprovidos de qualquer apoio social eficaz e satisfatório, estão abandonados à sua sorte e condenados ao isolamento. São o alvo preferencial da acção demagógica dos Governos do PSD e do PS que continuam a negar-lhes a dignidade e o respeito a que têm direito.

É neste contexto social e económico que se desenvolve a actividade do Partido, que tem procurado dar resposta nas situações em que estão em causa os direitos dos trabalhadores. Tem realizado debates, jornadas e encontros com os representantes dos trabalhadores e dos agentes económicos, com o objectivo de expor as nossas propostas para o desenvolvimento do distrito. Esta linha de actuação permitiu-nos divulgar as nossas soluções, através da comunicação social local e regional e também afirmar o PCP como uma força política responsável, respeitada e construtiva.

Da actividade desenvolvida pelos eleitos da CDU no Poder Local, onde presidimos a 3 das 15 Câmaras, os resultados obti-





dos no saneamento básico, equipamento social e urbano são qualitativamente superiores aos das outras forças políticas.

A campanha de recrutamento a decorrer, em que estamos aquém da meta proposta, representa uma actividade interessante, porque nos permite trazer ao Partido homens e mulheres jovens e foi uma forma de

retomar o funcionamento de algumas organizações e garantir uma melhor ligação do Partido aos militantes e às populações.

Acreditamos que com o trabalho a desenvolver, com persistência e luta, contribuiremos para um futuro melhor e deste modo aumentar a influência do Partido no Distrito.

PCP – temos toda a legitimidade e utilidade de o fazer sempre que entendamos. Mas a questão merece reflexão.

Grandes organizações sociais onde há forte presença ou influência de membros do PCP (sindicatos, associações de estudantes, colectividades, outras estruturas do movimento popular) podem ou não intervir mais no debate público? E ajudar a contrariar a opinião de que muitos assuntos

são para elites. Por exemplo a Regionalização, não ficou até aqui muito no círculo político-autárquico?

Regista-se em Coimbra um surto de associações cívicas cuja forma principal de acção é o debate sobre problemas locais. Qual o nosso papel? Desconfiar, esperar para ver o que dá? Pensamos que é preferível participar e intervir de acordo com as nossas opiniões sobre os problemas e as nossas propostas para a sua solução. (...)

## COIMBRA Debater os problemas

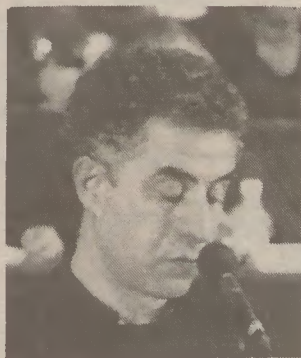
A situação de que partíamos, em Outubro 95: grande debilidade orgânica; um difícil calendário, já com muitas iniciativas partidárias (...) e duas eleições gerais pela frente; a necessidade imperiosa de travar, à esquerda, um grande combate de ideias.

A solução organizativa que encontramos: grupo de trabalho geral com camaradas mais motivados para o debate. Propostas muito audaciosas à DORC sobre os temas, convidados, calendário denso do «ciclo de debates»; grupos de trabalho específicos para cada iniciativa; ganhar a organização e os militantes pelo interesse das iniciativas e a actualidade dos temas, pela qualidade dos intervenientes, pelo êxito de umas iniciativas repercutindo sobre as seguintes.

Resultados obtidos: grande participação, incluindo não-militantes, militantes há muito arredados das nossas iniciativas e ex-militantes; melhor conhecimento da realidade em que agimos, das ideias de outras pessoas; maior confiança de militantes e amigos em que é possível crescer, fazer iniciativas arrojadas, debater com outros sectores da esquerda; incidência social dos debates sobretudo em sectores urbanos e camadas médias e intelectuais.

(...) Iniciativas do próprio Partido:

Aproveitar as grandes oportunidades políticas no plano nacional. As iniciativas potenciam a sua força de atracção quando



**Jorge Gouveia Monteiro**  
Membro do Comité Central

inseridas em «campanhas» nacionais do tipo dos Debates com o País. Há opiniões de que o deveríamos ter feito com vista à elaboração das Teses. Há que pensar já no período após o Congresso, divulgar as nossas resoluções, melhorar a nossa acção com outras opiniões e sugestões de trabalho; generalizar o debate como forma de acção política e descentralizar a iniciativa, aproximando-a dos problemas concretos. (...) Iniciativas do jornal «Avante!»:

Pensamos que é um campo a explorar. O órgão central do PCP pode promover mais o debate, dinamizá-lo através dos seus leitores, acolhê-lo nas suas páginas. Ganha o jornal, ganha o Partido. Fica a sugestão.

Iniciativas de outras instituições e organizações:

Puseram-nos uma questão. Se cada partido organiza debates para os seus, onde é que participam as pessoas sem partido ou não muito próximas de nenhum deles? Claro que – enquanto

## AVEIRO Novidades animadoras

O Distrito de Aveiro, um dos mais industrializados do País e onde não pára de crescer o número de trabalhadores, continua a ser uma região agro-pecuária com enormes potencialidades, contrariadas pelos poderes de Lisboa e de Bruxelas.

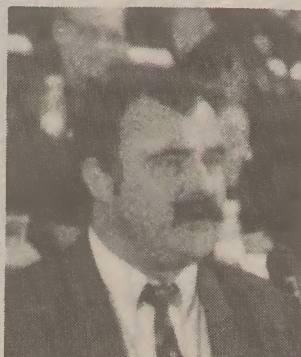
Os últimos anos foram desastrosos. Na nossa vida temos que contar com as calamidades naturais. Mas os piores desastres são os que resultam da política de direita e deste malfadado processo de construção europeia, que levam de enxurrada a produção nacional.

Dizem as Teses que diminuiram os rendimentos dos agricultores, o que é verdade.

Enquanto os mercados são invadidos por produtos estrangeiros, ficam por vender os frutos do nosso trabalho – a batata, a carne, o vinho. Gastamos couro e cabelo em máquinas, sementes e adubos para poder produzir e quando se vende alguma coisa é por dez réis de mel coado. Vejam, por exemplo, o leite, que antes era o ouro branco da nossa região, e que é pago, na maioria dos casos, a preço semelhante ou mesmo inferior, ao de há quatro anos.

Sem rendimentos para sobreviver e para voltar a investir, o que é que se pode fazer?

Alguns abandonam a lavoura aumentando o deserto humano



**Albino Silva**  
Presidente da Associação da Lavoura do Distrito de Aveiro  
Da Direcção da CNA  
Membro da DORAV

em que se está a transformar o mundo rural. Outros ficam resignados ao que chamam «a sua sorte». Mas outros – felizmente cada vez mais – fazem ouvir o seu protesto.

Também no Distrito de Aveiro, estes anos foram os do «ascenso da luta dos pequenos e médios agricultores contra a política agrícola de direita, pela defesa dos seus interesses e pelo desenvolvimento da agricultura nacional».

Abaixo-assinados, delegações, concentrações, manifestações, desfiles de tractores, cortes de estrada e de via férrea. Fizemos de tudo para que a lavoura se fizesse ouvir.

Desta luta, desenvolvida quase sempre a partir das estruturas que estão integradas na CNA, resultou maior prestígio desta importante organiza-

ção unitária, e das suas associadas.

Podemos afirmar que os agricultores do Distrito de Aveiro tiveram o seu quinhão no movimento que conduziu ao fim do cavaquismo. E isso deveu-se, em grande parte, à acção do nosso Partido.

(...) Até agora falámos de agricultores, mas enquanto membro da DORAV, tenho a acrescentar que actuamos num Distrito que tem cada vez mais gente, mais jovens, mais empresas e importantes núcleos de classe operária, mas onde é reduzida a influência política do PCP e baixos os resultados eleitorais.

A alteração desta situação, coloca-nos um molho de problemas que tentamos resolver, pro-

curando soluções de direcção e organização, de maior responsabilização de quadros, de promoção da militância e outras medidas que possam levar a maior iniciativa política do Partido, ao desenvolvimento do movimento de massas, ao reforço da organização e da influência dos comunistas.

Os resultados não são ainda os que desejamos, muito longe disso. Mas há novidades animadoras: Uma é a JCP, hoje presente nos principais concelhos, com largas dezenas de activistas entusiastas. Outra é o recrutamento, com meia centena de novos militantes do PCP este ano, não tantos quanto queremos ou precisamos, mas já o dobro do ano anterior. (...)

## AÇORES Uma nova fase

(...) Nos últimos Congressos do nosso Partido, analisámos nesta tribuna o crescimento que o descontentamento social e político estava a ter nos Açores e afirmámos ser necessário e possível transformar esse descontentamento em força de mudança.

A evolução política específica foi, nos últimos anos, muito determinada, quer por expressões diversas desse descontentamento, quer pelo resultado negativo de políticas económicas e sociais realizadas, no quadro da autonomia, mas sem ter em conta as verdadeiras especificidades regionais.

De 92 a 95 foram muitas e muito sérias as expressões de luta de massa em repúdio pelas políticas praticadas. As lutas dos lavradores em 93, contra o baixo preço de leite, e a luta dos pescadores em 95 por garantias salariais assumiram uma dimensão e um significado muito claros.

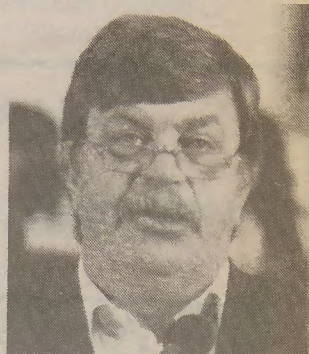
A autodemissão de Mota Amaral em 95 foi consequência de toda a evolução anterior mas criou, ela própria, uma situação nova de decompressão social e de acentuação do enfraquecimento do PSD/A.

Em 13/11 caiu o PSD depois de 20 anos de poder regional absoluto e com ele caíram velhas teias de domínio, de pressão e de constrangimento que muito dificultaram e condicionaram a evolução política própria da Região Autónoma dos Açores.

O PS venceu as eleições regionais, com maioria relativa e, à excepção do PSD, os restantes partidos, incluindo a CDU, subiram a sua votação.

O programa do novo Governo Regional do PS consagra uma política económica desadequada e embora traga algumas inovações no plano social, aponta para um elevado grau de desresponsabilização do sector público em relação às políticas sociais.

A modificação operada nos Açores é profunda e muito importante, não tanto porque seja de esperar uma mudança séria e imediata de política governativa mas antes porque o afastamento do PSD está a motivar uma profunda mudança do comporta-



**José Decq Mota**  
Membro da DORAA  
e do Comité Central

mento político da sociedade açoriana.

Abriu-se um período novo, no qual os trabalhadores e as populações podem adquirir um protagonismo também ele novo.

Nas eleições regionais a CDU não atingiu todos os seus objectivos mas atingiu alguns absolutamente fundamentais. Subimos de votação significativamente, saindo da expressão muito pequena obtida em 92; mantivemos a Representação Parlamentar e, pela primeira vez, ganhámos num círculo eleitoral – o da Ilha das Flores – onde reelegemos o camarada Paulo Valadão. Na Ilha de São Miguel, onde não conseguimos a eleição, subimos cerca de mil votos. A CDU e o Partido saíram destas eleições globalmente aptos a enfrentar os desafios que a nova situação social e política regional colocam.

Temos, nos Açores, a noção muito rigorosa de que o trabalho do Partido, feito com muita persistência e superando inúmeras dificuldades, contribuiu num elevado grau, para a criação das condições que levaram à derrota política e eleitoral do PSD.

A ORAA, consciente de que as alterações verificadas na situação regional são alterações de fundo, irá realizar em 97 o VI Congresso Regional, que se apresenta como indispensável nesta nova fase política. (...)





## Na paz dos senhores

A paz natalícia não chegou aos partidos da política de direita, por muito cristãos que se afirmem. A quadra vai ficar marcada pelas lutas internas, que parecem ir deixar sementeira farta. Do lado do PP, a cena burlesca do delegado que queria candidatar-se e foi levado espemeando para fora do congresso, há-de ficar como emblema da "coesão" monteirista. No PSD, após a demissão de um senhor Amorim, cuja identidade era quase desconhecida, marca o aprofundamento das hostilidades contra o líder que, para além das operações

mediáticas a fingir oposição, mais não tem feito do que gerir a crise. Ainda por cima, Cavaco veio deitar cavacos nas várias fogueiras, metendo a colherada nas questões europeias. Habitado aos tabus, o ex-governante não se conforma com a apagada e vil tristeza de quem abandonou o palco, empurrado pela multidão dos que estavam fartos do espectáculo. Mas a crise também chega ao PS, com os deputados a recusarem o papel de "embrulho" a que o Governo os quer remeter. Pela boca de Manuel Alegre, mostraram não estarem dispostos a ser "governamentalizados" por Guterres. Quanto ao PCP, as lutas são

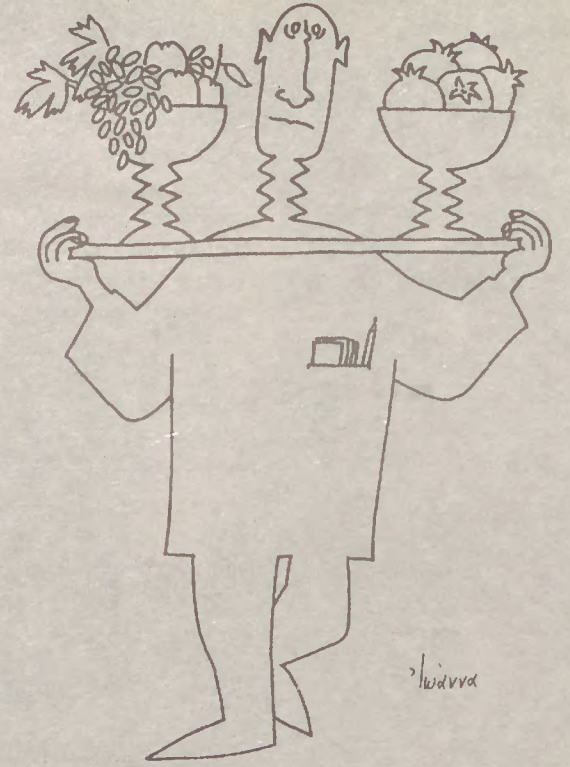
# PONTOS CARDEAIS

outras - são as lutas pelos direitos dos trabalhadores, que não admitem tréguas. A paz, essa, é só interior. E quem mais se pode gabar dessa?

## Os milhões desaparecidos

Às vezes são precisos muitos anos para que a verdade do que se suspeita venha ao de cima, e é preciso que o acesso aos documentos ou o testemunho inconfidente de alguém venha dizer a todos o que toda a gente já sabia.

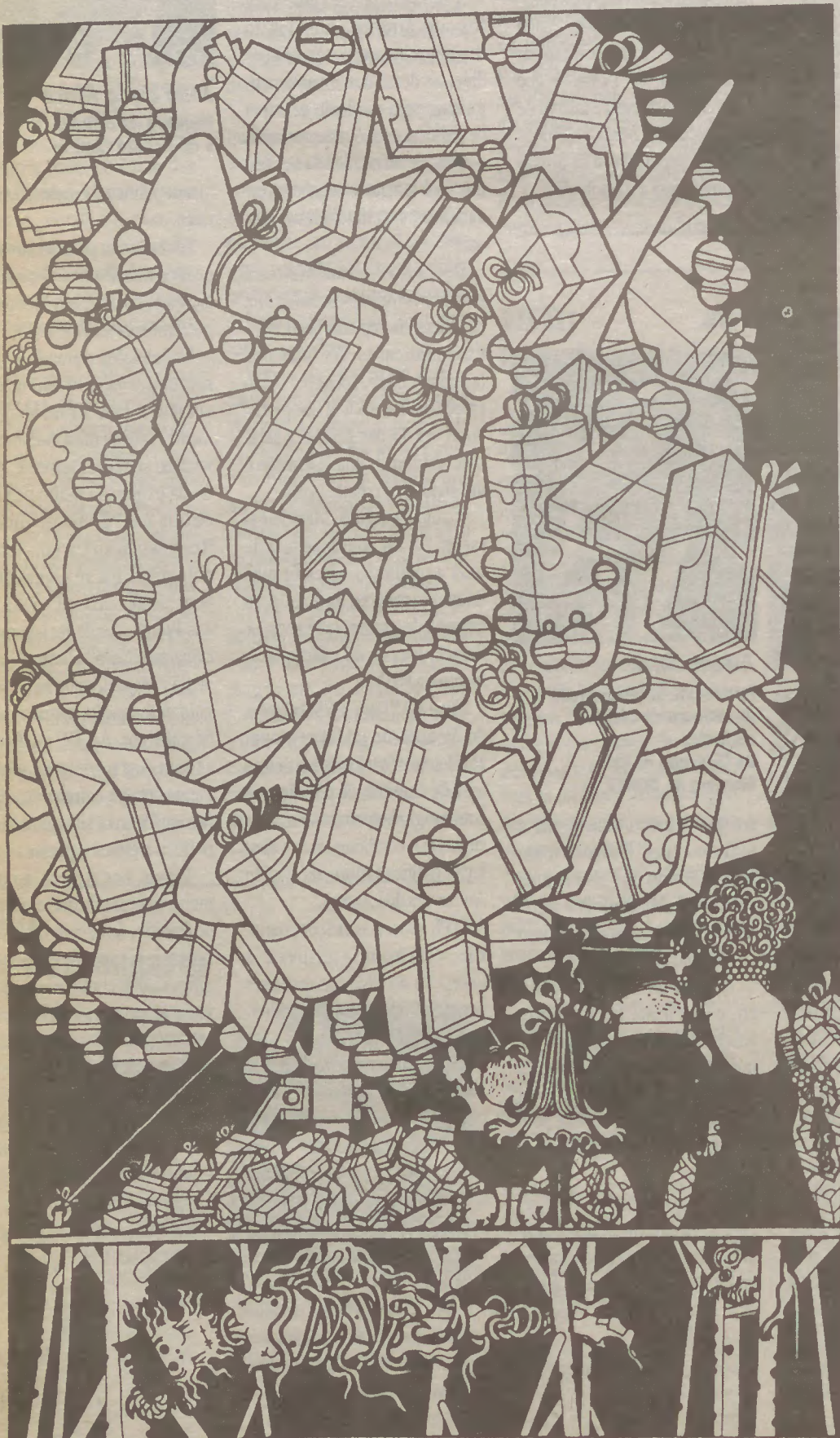
Outras vezes, pouco tempo decorre entre os factos e o saber deles. É o caso dos milhões das privatizações arrecadados pelo cavaquismo. Já se sabia que não tinham sido os trabalhadores e beneficiar de tais operações. Mas vem agora o Tribunal de Contas a dizer que "desapareceram" 94 milhões de contos de receitas "resultantes de privatizações feitas em 1994", conforme reza o "Expresso". Mas diz mais o Tribunal de Contas. Diz que estas privatizações, "respeitantes a



# PONTOS NATURAIS

Mário Castro

## À conversa



NATAL 1969

Certo. Falemos de amanhã. De que outra coisa vale a pena falar?

Não como de um cabide para os nossos fatos de hoje. Já não nos serviriam.

Ninguém mais ia usá-los. Há que colher o linho para as próximas horas.

A cara no espelho já nada tem connosco. Ficámos deste lado.

Falemos das florestas e dos rios lavados longos, entre as escarpas.

Falemos do amor sem promessas tudo tão repartido para além dos dedos.

Falemos da escola onde se aprende que os astros estão próximos.

Falemos das fábricas sem dono flores vermelhas, castas.

Falemos das noites dormidas no embalado dos olhos.

Falemos do pão gostoso das suas pétalas.

Falemos das áleas nos jardins que o sonho não esqueceu.

Falemos dos aloendros que brilham perto da nossa casa.

Falemos do sofrimento repartido.

Falemos da dança a poesia do corpo.

Falemos das crianças património comum.

Falemos dos velhos tranquilos passeando entre searas.

Sim, falemos de amanhã. Falemos do nosso material.

Desenho de João Abel Manta

participações não directas detidas pelo Estado, desenvolveram-se à margem das regras expressamente previstas na lei". Afinal não ficam sós os comunistas, que afirmaram que o Governo de Cavaco violava a Constituição e as leis. Quanto aos 94 milhões de contos, desconhece-se-lhes o destino. O que se sabe é que nem sequer tiveram "expressão orçamental", o que quer dizer que se evaporaram. Para onde?

## Desconfiar do bodo

Quando o bodo é anunciado, a gente desconfia. Mesmo que tenha sido objecto de reclamação e de exigência, quando se conhece a "generosidade" do ofertante e o costumado sentido das suas ofertas, a desconfiança impõe-se. Quem dá 60 milhões de contos a latifundiários não alarga os cordões à bolsa para beneficiar o povo. E quando o "generoso" Governo de Guterres faz anunciar que vai "transferir" para as juntas de freguesia 20 milhões de contos - o que representaria um aumento substancial em relação ao ano passado -, não se fica a pensar na diferença entre Guterres e Cavaco, mas em outras preocupações deste Governo do PS, tão igual na política ao Governo do PSD. Tratar-se-á de um "investimento" nas próximas eleições autárquicas? Ou será já o orçamentar das benesses às autarquias dirigidas pelo PP, objecto, segundo se diz, do acordo entre o PS e o partido de Monteiro?



## AGENDA

**6ª FEIRA**  
**dia 27**

**TEMPO DE ANTENA**  
com Carlos Carvalhas

**PCP**

**RTP - Canal 1**

(Após o Telejornal das 20.00 h)

**PASSAGEM  
DE ANO  
EM  
SETÚBAL**

**Divergência-  
-Bar**

(Edifício Arrábida)

*Música e animação  
Serviço de Bar*

Informações para:

☎ 065 52 22 73

**FESTA DE FIM DE ANO**  
**Solidariedade com Cuba**

**Na CURIFA**

(Calçada da Ajuda, 226)

organizada pela Com. de Freguesia de Ajuda do PCP,  
com a presença da Embaixadora de Cuba

*Música ao vivo com os "3 de Abril"*

*Com a ceia que cada um queira levar  
e também um serviço de bar com petiscos, bebidas e bolo-rei*

Inscrições:

CT Vitória durante o dia - 3522715

CT Ajuda, 4ª à noite - 3645566

CT Alcântara, 3ª à noite - 3638512



Associação de Amizade Portugal-Cuba

**FIM DO ANO EM CUBA**

*Faça turismo e conheça a Revolução Cubana*

27 de Dezembro a 5 de Janeiro

Havana - Pilar del Rio - Playas del Este

e possibilidade de visita a Varadero, Cayo Largo, Santiago de Cuba, Trinidad

Informações:

Rua Rodrigo da Fonseca, 107, r/c, esq. - Lisboa

Tel/Fax: 385 73 05 (das 14h30 às 19h)



**Banca de Natal no Barreiro**

(no CT Concelhio do PCP)

Até 30 de Dezembro, das 10 às 22h

Vidros da Marinha Grande - Barros de Setúbal - Peles de Grândola -  
Artesanato de outras regiões - Livros - Discos

**Banca de Natal em Lisboa**

(no CT Vitória)

Cerâmica / Faiança / Porcelana - Têxteis - Bijuteria - Cana - Vimes -  
Madeiras - Bordados e Rendas - Bolo de Mel e Vinho da Madeira

De 3 a 31 de Dezembro

**Banca de Natal da Festa do Avante**

(na Quinta da Atalaia - Edifício Direcção)

Todos os dias úteis das 10.00 às 18.00 horas

Artesanato chinês - Rum cubano - Copos de solidariedade com Cuba -  
Bonecos de cerâmica do Fagundes - materiais diversos de Festas do Avante  
(camisolos, cinzeiros, etc.).

**Banca de Natal de Agualva-Cacém**

(no CT do PCP)

Aberta todo o dia até ao fim do ano

Livros - artesanato - bebidas

**Banca de Natal Agualva-Mem Martins**

(no CT do PCP)

Aberta todo o dia até ao fim do ano

Livros - artesanato - bebidas

**Mercado de Natal em Setúbal**

(no Edifício Arrábida - 1º andar)

Materiais diversos

**CT da Boavista**

Exposição-venda de Artes Plásticas com obras de:

Acácio Carvalho; Alberto Pêssimo; Américo Moura; Ângelo de Sousa; António  
Fernando; Elsa César; Fernando Oliveira; Gémeo Luís; Henrique Silva; Henrique do  
Vale; Jaime Isidoro; José Emídio; José Rodrigues; Júlia Pintão; Manuel Dias;  
Manuela Bronze; Margarida Coelho; Paulo Hernâni; Roberto Machado; Zaida Moss.



**Em qualquer  
época do ano  
ofereça livros**

edições  
**Avante!**



## TELEVISÃO

## Quinta, 26

## RTP 1

09.00 Notícias  
09.10 Infantil  
11.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Em Jogo  
14.00 Malha de Intrigas  
14.35 Praça da Alegria  
15.00 Seleção RTP  
15.40 Espaço Juvenil  
17.00 Notícias  
17.15 Canal Aberto  
18.10 O Campeão  
19.00 País Real  
20.00 Telejornal  
20.45 Vidas de Sal  
22.15 Tudo às Escuras  
22.35 Loucos por Anúncio  
24.00 24 Horas  
00.20 RTP/Financial Times  
00.35 Vagueando por Manhattan  
(de Amir Naderi, EUA-1993, com John Wojda, Branislav Tomich. Ver Destaque)

## RTP 2

16.00 Informação Gestual  
16.50 Euronews  
17.30 Infantil  
19.30 Notícias 2  
19.35 Missão Impossível  
20.30 Absolutamente Fabulosas  
21.00 Acontece  
21.30 RTP/Financial Times  
21.40 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.50 Um Natal em Connecticut  
(de Arnold Schwarzenegger, EUA-1992, com Dyan Cannon, Kris Kristofferson, Tony Curtis. Telefilme / Comédia Romântica)  
00.25 A Sombra da Lei

## SIC

09.10 Buêrére  
11.50 As Receitas do Dia  
12.15 Vira Lata  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.00 Os Donos do Jogo  
14.30 A Lei de Land  
15.40 Buêrére  
17.50 Portugal Radical  
18.00 De Corpo e Alma  
19.00 Anjo de Mim  
20.00 Jornal da Noite  
20.45 O Rei do Gado  
22.00 Casos de Polícia  
23.00 O Século do Povo  
00.15 Último Jornal  
00.35 Canais no CCB  
01.35 Vibrações

## TVI

12.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.00 Laços de Amor  
15.00 SOS Urgências  
15.50 Adultos à Força  
16.45 Animação  
18.20 Rua Jump, 21  
19.00 7 Ponto 15  
19.30 TVI Jornal  
20.15 Xica da Silva  
21.15 Uma Família às Direitas  
21.40 Notícia Escaldante  
22.40 Carlos Cruz  
23.45 TVI Jornal  
00.20 Alfred Hitchcock Apresenta...

## Sexta, 27

## RTP 1

09.00 Notícias  
09.10 Infantil  
11.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Em Jogo  
14.00 Malha de Intrigas  
14.35 Praça da Alegria  
15.00 Seleção RTP  
15.40 Espaço Juvenil  
17.00 Notícias  
17.15 Canal Aberto  
18.10 O Campeão  
19.00 País País  
20.00 Telejornal  
20.45 Vidas de Sal  
21.25 Quiz Show  
(de Robert Redford, EUA-1994, com John Turturro, Rob Morlow, Ralph Fiennes, Paul Scofield, Martin Scorsese. Ver Destaque)  
24.00 24 Horas  
00.30 RTP/Financial Times  
00.45 Nove Ninjas e Meio  
(de Aaron Worth, EUA/1991, com Michael Phenice, Andee Gray, Robert Fieldsteel. Comédia)

## RTP 2

16.00 Informação Gestual  
16.40 Euronews  
17.15 Infantil  
19.30 Notícias 2  
19.35 Missão Impossível  
20.30 100 Melhores Vídeos  
21.00 Acontece  
21.30 RTP/Financial Times  
21.40 Remate  
22.00 Jornal 2  
22.50 Aventura num Natal  
(de Robert Lieberman, EUA-1991, com Harley Jane Kozak, James Sheridan, Ethan Randall. Comédia)  
00.25 A Sombra da Lei

## SIC

09.10 Buêrére  
11.50 As Receitas do Dia  
12.15 Vira Lata  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.00 Os Donos do Jogo  
14.30 A Lei de Land  
15.30 Buêrére  
18.00 De Corpo e Alma  
18.50 Anjo de Mim  
20.00 Jornal da Noite  
20.55 O Rei do Gado  
21.25 Malucos do Riso  
22.15 Agora ou Nunca  
23.20 Os Donos da Bola  
01.30 Último Jornal  
01.45 Playboy

## TVI

12.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.00 Laços de Amor  
15.00 SOS Urgências  
15.50 Adultos à Força  
16.45 Animação  
18.20 Rua Jump, 21  
19.00 7 Ponto 15  
19.30 TVI Jornal  
20.15 Xica da Silva  
21.15 Lar Louco Lar  
21.45 Ficheiros Secretos  
23.30 TVI Jornal  
24.00 Alfred Hitchcock Apresenta...  
00.40 Jennifer, a Babysitter  
(de Guy Ferland, EUA-1995, com Alivcia Silverstone, Jeremy London, J. T. Walsh. Melodrama)

## Sábado, 28

## RTP 1

08.00 Sempre a Abrir  
11.30 Cybermaster  
12.05 Cuidados com o Cão  
13.00 Jornal da Tarde  
13.20 Top +  
14.30 Jornal Jovem  
15.05 Beverly Hills 90210  
16.15 Magazine  
16.45 Três Ninjas  
(de John Turturro, EUA-1992, com Victor Wong, Miachel Treanor, Chad Power. Aventuras / Artes Marciais)  
18.25 Super Bébés  
18.55 Há Horas Felizes  
20.00 Telejornal  
20.45 Os Imparáveis  
21.25 Miss Mundo 96  
23.25 Serviço de Urgência  
00.30 24 Horas  
00.50 A Morta Voltou  
(de Tim Kincaid, EUA/1989, com Carrie Fisher, Robert Joy, Matthew Cowlers)  
02.30 Febre de Matar  
(de Mark L. Lester, EUA/1993, com Lou Diamond Phillips, Scott Glenn, Chelsea Field. Policial / Acção)

## RTP 2

13.00 A Ver Vamos  
13.30 Onda Curta: «O Rapaz do Tambor»  
14.00 A Caça  
15.00 Desporto 2  
18.00 Vidas do Século - «Hitler»  
19.05 Spray  
19.30 2001  
20.05 Foyer - «Hollywood Kids»  
21.00 Semana ao Sábado  
22.00 Horizontes da Memória  
22.30 Sem Sombra de Pecado  
(de José Fonseca e Costa, Port.-1982, com Victoria Abril, Mário Viegas, Lia Gama, Henrique Viana. Ver Destaque)  
00.25 Sinais do Tempo  
01.20 Jaina

## SIC

08.30 Buêrére  
12.00 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Tostões e Milhões  
14.10 Passo a Passo  
14.50 Malhação  
16.00 Raven  
17.00 Demónio de Saias  
(de Susan Seidelman, EUA/1989, com Meryl Streep, Roseanna Bar, Ed Begley. Comédia)  
19.00 Marina, Dona Revista  
20.00 Jornal da Noite  
20.45 Clube VIP  
21.20 O Fim do Mundo  
22.20 Pensão Estrela  
22.50 Big Show Sic  
01.35 Último Jornal  
01.55 Vidas em Jogo  
(de Taylor Hackford, EUA/1984, com Jeff Bridges, Rachel Ward, James Woods, Richard Widmark. Ver Destaque)

## TVI

09.30 Animação  
11.30 Novos Ventos  
12.00 Notícias  
12.35 O Mundo Natural de Mitsuaki Iwago  
13.40 Contra-Ataque  
15.00 O Caminho do Sucesso  
(de Sidney Poitier, EUA-1985, com John Scott Clough, Don Franklin, Tamara Mark)  
17.00 Top of The Pops  
18.00 Cybernet  
18.35 Os Mistérios de Bill Cosby  
19.45 Telejornal  
20.30 A Balada de Hill Street  
22.30 Competente e Descarada  
23.30 Um Rosto na Multidão  
(de Elia Kazan, EUA/1957, com Andy Griffith, Patricia Neil, Walter Matthau, Lee Remick. Ver Destaque)  
01.25 Notícias  
01.40 Longa-Metragem

## Domingo, 29

## RTP 1

08.00 Sempre a Abrir  
11.55 Sem Limites  
12.25 Wallace e Gromit  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Made in Portugal  
14.40 Alta Voltagem  
15.15 86-60-86  
16.00 100% Natural  
16.45 Avós e Netos  
17.50 Caixa Mágica  
18.30 Casa Cheia  
19.20 Jet 7  
20.00 Telejornal  
20.50 Os Principais  
22.15 A Mulher do Sr. Ministro  
22.50 Jet 7 Especial  
23.50 24 Horas  
00.10 Ameaça Potencial  
(de George Laitner, Fr-1989, com Michael Brandon, Sophie Duez, Robert Mitchum, Marie Laforêt. Espionagem)

## RTP 2

09.00 Caminhos  
09.30 Novos Horizontes  
10.00 70 x 7  
10.30 Missa  
11.30 Rumo à Lua  
12.00 A Última Fronteira  
12.30 O Dinheiro Não Dorme  
12.50 Máquinas  
13.20 Desporto 2  
17.50 O Costa do Castelo  
(de Artur Duarte, Port.1943, com António Silva, Maria Matos, Milú, Curado Ribeiro. Comédia)  
20.05 Bom Bordo  
20.35 Artes e Letras - «Balthus»  
21.30 Diário Rural de Uma Senhora  
22.40 O Lugar da História  
23.30 Teatro: «Os Abençoados»  
00.55 Notas de Música

## SIC

08.30 Buêrére  
12.00 BBC - Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
13.40 Internacional SIC  
14.10 Assuntos de Família  
14.40 Malhação  
15.30 Balada de Nova Iorque  
16.20 Os Imortais  
17.10 All That Jazz - O Espectáculo Vai Começar  
(de Bob Fosse, EUA/1979, com Roy Scheider, Jessica Lange, Ann Reinking. Ver Destaque)  
20.00 Jornal da Noite  
21.10 O Fim do Mundo  
22.20 Pai, Filho e Sarilho  
(de Howard Deutsch, EUA-1994, com McCaully Calkin, Ted Danson, Glenn Headly. Comédia)  
00.20 Encontro com o Amor  
(de Ulu Grosbard, EUA-1984, com Robert De Niro, Meryl Streep, Harvey Keitel. Melodrama)  
02.35 Último Jornal  
02.55 Portugal Radical

## TVI

09.30 Animação  
11.00 Angelus  
11.15 Missa  
12.30 O 8º Dia  
13.00 Notícias  
13.30 Portugal Português  
14.30 A Odisseia Submarina  
15.30 Desafios  
16.00 Fuga Vertiginosa  
(de Duncan McLachlan, EUA/1987, com Kenneth David Gilman, Brenda Bakke, Ken Gampu. «Thriller»)  
18.00 I West Waikiki  
19.00 O Detetive das Mil Caras  
20.00 Telejornal  
20.45 Sim, Senhor Ministro  
21.30 Doças  
22.35 O Último Dia  
23.05 A Encruzilhada  
(de Walter Hill, EUA-1986, com Ralph Macchio, Joe Seneca, Jami Gertz, Joe Morton. Ver Destaque)

## Segunda, 30

## RTP 1

09.00 Notícias  
09.10 Infantil  
11.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Em Jogo  
14.00 Malha de Intrigas  
14.45 Praça da Alegria  
15.10 Seleção RTP  
16.05 Espaço Juvenil  
17.00 Notícias  
17.15 Canal Aberto  
18.15 O Campeão  
19.15 País País  
20.00 Telejornal  
20.45 Vidas de Sal  
22.20 A Máscara  
(de Charles Russel, EUA-1994, com Jim Carey, Cameron Diaz. Ver Destaque)  
00.15 24 Horas  
00.45 RTP/Financial Times

## RTP 2

16.00 Informação Gestual  
16.45 Infantil  
19.05 Nas Nossas Mãos  
19.40 Missão Impossível  
20.30 Murphy Brown  
21.00 Acontece  
21.30 RTP/Financial Times  
22.00 Jornal 2  
22.50 Os Marx no Far-West  
(de Edward Buzzell, EUA/1940, com Groucho, Chico e Harpo Marx. Comédia)  
00.20 Falatório

## SIC

09.15 Buêrére  
11.50 As Receitas do Dia  
12.15 Vira Lata  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.00 Os Donos do Jogo  
14.30 A Lei de Land  
15.30 Buêrére  
17.50 Portugal Radical  
18.00 De Corpo e Alma  
19.00 Anjo de Mim  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 O Rei do Gado  
22.00 Ponto de Encontro  
23.00 O Voo da Bomba  
(de Steve Railsback, EUA-1994, com Scott Glenn, Theresa Russel. Espionagem)  
01.05 Último Jornal  
01.25 Conversas Secretas  
02.25 Naomi Campbell  
03.25 Hiroshima  
05.50 Longa-Metragem

## TVI

12.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.00 Laços de Amor  
15.00 Quase Modelo, Quase Detective  
15.45 Adultos à Força  
16.45 Animação  
18.00 Rua Jump, 21  
19.00 7 Ponto 15  
19.30 TVI Jornal  
20.15 Xica da Silva  
21.10 Em Resumo (Desporto)  
21.55 VR5, Realidade Virtual  
22.50 PSI Factor  
23.40 TVI Jornal  
00.10 Alfred Hitchcock Apresenta...

## Terça, 31

## RTP 1

09.00 Notícias  
09.10 Infantil  
11.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Em Jogo  
14.00 Malha de Intrigas  
14.45 Praça da Alegria  
15.10 Seleção RTP  
15.45 Espaço Juvenil  
17.00 Notícias  
17.15 Canal Aberto  
18.15 O Campeão  
19.00 País País  
20.00 Telejornal  
20.50 Mensagem de Ano Novo  
21.00 Vidas de Sal  
21.55 Nós, os Ricos  
22.40 De Par em Par  
23.10 Pavarotti  
23.20 Espectáculo de Filipe La Féria  
00.30 Crazy Horse  
01.40 Espectáculo do Lido de Paris  
02.35 Delta de Vénus  
(de Zalman King. Erótica)

## RTP 2

16.00 Informação Gestual  
16.15 Circo  
17.15 Infantil  
19.30 Missão Impossível  
20.30 Cybill  
21.00 Cliff Richard  
22.00 Jornal 2  
22.50 «The Big Store»  
(de Charles Riesner, EUA/1941, com Groucho, Chico e Harpo Marx. Comédia)  
23.35 Espectáculo de Fim de Ano (do Terreiro do Paço)  
00.30 Ela Nunca se Nega  
(de Bob Rafelson, EUA-1992, com Jock Nicholson, Ellen Barkin, Harry Dean Stanton. Comédia)

## SIC

07.50 O Nosso Mundo  
09.10 Buêrére  
12.15 Vira Lata  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 O Juiz Decide  
14.00 Os Donos do Jogo  
14.30 A Lei de Land  
15.30 Buêrére  
17.50 Portugal Radical  
18.00 De Corpo e Alma  
19.00 Anjo de Mim  
20.00 Jornal da Noite  
20.40 O Rei do Gado  
21.35 Ai os Homens!  
23.15 Gala de Fim de Ano  
01.00 Concerto dos Delfins em Cascais  
02.30 O Meu Pequeno Bikini  
03.30 Pin-Up's  
04.30 Prémios Blitz  
07.00 Peço Perdão  
(de Robert Bierman, EUA-1986, com Lesley Ann Warren, Peter Weller. Telefilme)

## TVI

12.00 Animação  
13.30 TVI Jornal  
14.00 Laços de Amor  
14.50 Quase Modelo, Quase Detective  
15.45 Adultos à Força  
16.45 Animação  
18.00 Rua Jump, 21  
19.00 7 Ponto 15  
19.30 TVI Jornal  
20.30 Xica da Silva  
21.15 Pontos nos ii  
22.00 Gigi  
(de Vicente Minnelli, EUA/Jap.1992, com Andie McDowell, Liam Neeson, Vigo Mortensen, Jack Thompson. Drama)  
00.15 Alfred Hitchcock Apresenta...

## Quarta, 1

## RTP 1

09.00 Notícias  
09.10 Infantil  
13.00 Jornal da Tarde  
13.45 Tina Turner na Holanda  
14.45 Circo  
17.00 Doidos à Solta  
18.30 Moda Itália  
19.30 Totobola  
20.00 Telejornal  
20.45 Lições do Tonicas  
21.15 Gospel  
22.35 Ilusões  
23.40 24 Horas  
00.30 Agentes (Pouco) Secretos  
(de Rafael Ziellinski, EUA-1989, com Corey Feldman. Comédia)

## RTP 2

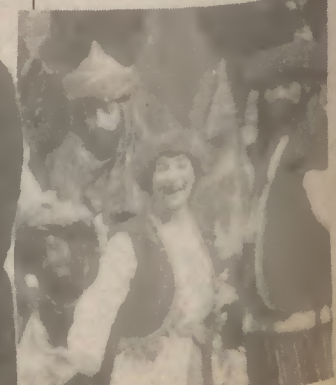
10.00 Missa  
12.30 Gala do Prémio Nobel  
13.20 Desporto  
14.30 Circo  
15.00 Os Estudantes  
(de John Die. Comédia)  
16.40 Concerto de Ano Novo  
17.30 Infantil  
19.40 Ópera - «As Bodas de Figaro»  
22.00 Jornal 2  
22.50 Uma Noite na Ópera  
(de Sam Wood, EUA-1935, com Groucho, Chico e Harpo Marx. Ver Destaque)  
00.30 Os Abba em Concerto

## SIC

08.40 Buêrére  
11.50 Animais Selvagens  
13.00 Primeiro Jornal  
13.30 André  
(de George Miller, EUA-1994, com Keith Carradine, Tina Majorino. Infantil)  
15.30 Circo de Monte Carlo  
16.40 Uau! É Incrível!  
17.30 O Caça Polícias II  
19.00 Anjo de Mim  
20.00 Jornal da Noite  
20.55 O Rei do Gado  
22.00 Surprise Show  
23.30 A Noite da Má Língua  
00.45 Último Jornal  
00.55 Os Reis da Noite  
(de Eddie Murphy, EUA-1989, com Eddie Murphy, Richard Pryor. Comédia Policial)

## TVI

10.00 Animação  
11.00 Missa  
13.30 TVI Jornal  
14.00 Laços de Amor  
14.50 Quase Modelo, Quase Detective  
15.50 Animação  
16.30 Eles e Elas  
(de Joseph L. Mankiewicz, EUA-1955, com Marlon Brando, Jean Simmons, Frank Sinatra. Ver Destaque)  
19.00 7 Ponto 15  
19.30 TVI Jornal  
20.15 Xica da Silva  
21.10 Frasier  
21.45 Tombstone  
(de George Pan Cosmatos, EUA/1993, com Kurt Russel, Val Kilmer, Michael Biehn. «Western»)  
00.25 Alfred Hitchcock Apresenta...





## TELEVISÃO

# Por isto e por aquilo...

## Vagueando por Manhattan

(Quinta, 00.35, RTP1)

Um jornalista nova-iorquino está desempregado e a única solução que vê é fazer com que a mulher e os filhos vão viver para casa dos sogros enquanto procura encontrar um velho amigo que o possa auxiliar. Mas, por entre a floresta de cimento que é Nova Iorque, o nosso jornalista vagueia, vagueia, até que em Wall Street lhe surge uma solução inesperada... Um filme interessante realizado por Amir Naderi, um realizador iraniano há anos radicado nos EUA, que se mostra capaz de observar com ironia, simultaneamente por dentro e de fora, uma sociedade complexa e implacável.

## Quiz Show

(Sexta, 21.25, RTP1)

Baseado em factos reais, este novo filme de Robert Redford conta-nos a história de um célebre concurso de televisão que em meados dos anos 50 era produzido por uma das principais cadeias norte-americanas, a NBC, cujos produtores resolvem arranjar um estratagemma utilizando fraudulentamente a participação de um concorrente para afastar um outro que sistematicamente ganhava o concurso. Redford, ao encenar esta história verdadeira, como que a utiliza como um símbolo da corrupção do Poder, de todos os poderes, como é o da TV que, na época, se apresentava aos olhos da opinião pública como a imagem da seriedade. Nos principais papéis, duas interpretações brilhantes de John Turturro e Ralph Fiennes.

## O Rapaz do Tambor (Sábado, 13.30, RTP2)

Este filme, datado de 1990, é mais uma curta-metragem realizada por Vítor Silva para a série televisiva *O Fosso e o Pêndulo*. Adaptando um conto de Fernando Namora, o realizador foca os anos 50 e as condições de vida de uma pequena vila, debruçando-se sobre um caso de resistência ao fascismo corporizada na figura do pai de um rapaz que tocava tambor e vê um dia a PIDE levá-lo.

## Sem Sombra de Pecado

(Sábado, 22.30, RTP2)

Eis um dos filmes mais conseguidos do cineasta português José Fonseca e Costa - e, do ponto de vista técnico, um dos que demonstram a generalizada qualidade dos profissionais de cinema nacionais, aqui nomeadamente no campo da fotografia (Eduardo Serra) e da cenografia (Jasmim e Hernâni Lopes). Com argumento que retrata os anos salazarentos de 40, o filme - misto de ironia e de amargura - é uma sátira frequentemente virulenta, bem servida por Mário Viagas, José Gomes, Victória Abril ou Lia Gama (entre outros), em alguns dos seus melhores papéis no cinema.

## Um Rosto na Multidão

(Sábado, 23.00, TVI)

A sobrinha do proprietário da estação de televisão de uma pequena cidade realiza uma reportagem junto de vários sectores da população para o programa *Um Homem na Multidão* e, ao preparar uma das emissões, descobre na prisão local um sujeito, meio vagabundo meio poeta, encarcerado por falsos motivos. O certo é que ao fazer deste prisioneiro o fulcro do seu programa de televisão, ela o transporta para o primeiro plano da popularidade, sendo contratado pela estação e transformando-se gradualmente num indivíduo ainda mais corrupto, que os seus próprios captores de ontem e, de escada em escada, acabando por formar um corpo de elite reaccionário. Elia Kazan assina aqui talvez o seu melhor filme de sempre, agora denunciando o poder da *media*, o mito do êxito a qualquer preço, o embuste da publicidade, o elogio das aparências, o estatuto de privilégio das vedetas. O facto é que hoje, quatro décadas mais tarde, nada parece mais actual...

## Selva de Asfalto (Sábado, 01.40, TVI)

Outro filme virado para a denúncia de uma sociedade onde reina o compromisso, a corrupção e a violência. Jonathan Kaplan, o realizador, «discípulo» da escola de Roger Corman (e talvez por isso este filme datado de meados dos anos 70 tem um certo sabor a filme de *série B*), debruça-se sobre o caso de um homem que, após o serviço

sável frescura e sentido de tempo de que os grandes «clássicos» do género jamais abusaram.

## A Encruzilhada (Domingo, 23.05, TVI)

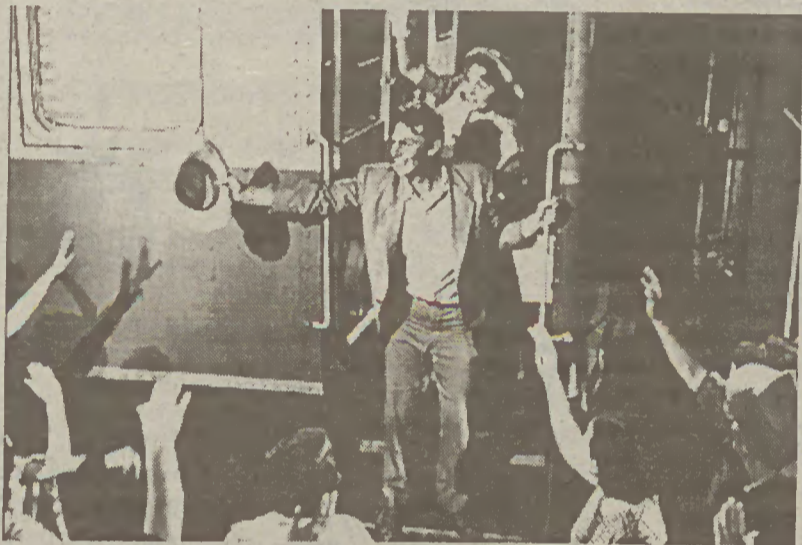
Um adolescente que estuda guitarra na Juilliard School adora positivamente os grandes guitarristas e cantores de *blues* dos anos 30



Um momento de «Quiz Show», de Robert Redford



Louis Jourdan e Leslie Caron, em «Gigi», de Vincent Minnelli



Um fotograma de «Um Rosto na Multidão», de Elia Kazan



A célebre cena da cabina em «Uma Noite na Ópera» dos Irmãos Marx

militar, adquire a crédito um camião para exercer a actividade de transportador independente. Mas cedo é apontado pelos senhores detentores deste ramo como um inimigo a abater... Um *thriller* que, ao mesmo tempo, é um *road movie*, a não perder.

## Vidas em Jogo

(Sábado, 01.55, SIC)

Um jogador de futebol americano entra em declínio e procura encontrar uma antiga colega, agora rica, que acaba por roubar a um amante cínico e à sua família que não o é menos. Bem feito! Trata-se de uma nova adaptação de uma mesma história encenada com muito maior fôlego por Jacques Tourneur em *Out of the Past*, embora esta nova versão não deixe de ter alguns condimentos interessantes, em particular as interpretações de Jeff Bridges e James Woods.

## O Espectáculo Vai Começar

(Domingo, 17.10, SIC)

Trata-se de um filme-espectáculo sobre os bastidores do *music-hall*

espectáculo e, nesse aspecto, sem dúvida que traz a primeiro plano o fervilhar de uma profissão absorvente que acaba por liquidar um dos seus principais criadores - um encenador e coreógrafo que se debate entre as exigências do seu trabalho e as solicitações amorosas que, à sua volta, despertam as suas conquistas femininas. Como seria de esperar num filme proveniente desta origem, o lado espectacular de alguns dos números e bailados encenados - em particular, o arranque do filme ao som da versão de George Benson para o tema «*On Broadway*» - está bem presente; mas o longo e quase ruminante final, para não dizer o mau-gosto que dele se desprende, vem roubar a indispen-

e 40 e, um dia, ao encontrar num hospital de Harlem um tocador de harmónica, velho sobrevivente dessa era e companheiro de Robert Johnson, o mais célebre e lendário cantor de blues de todos os tempos, acaba por dali o retirar com a promessa de que ambos partirão para o Sul em busca de uns temas de blues há muito perdidos no esquecimento. Um filme extremamente interessante, embora irregular no desenvolvimento e escrita do argumento, com uma excelente banda sonora de Ry Cooder e uma bela interpretação de Joe Seneca.

## A Máscara (Segunda, 21.45, RTP1)

Um empregado de banco encontra um dia uma máscara abandonada que, ao colocar no rosto, o transforma por completo e o mete nas mais desvairadas aventuras. Inspirado numa célebre *Banda Desenhada*, este filme de Charles Russell tem Jim Carrey e Cameron Diaz nos principais papéis e destina-se a puro divertimento.

## Gigi (Terça, 22.00, TVI)

Este filme inicialmente previsto para a semana passada, mas foi adiado para hoje. É, como se sabe, mais uma das presenças garantidas e habituais nas quadras festivas das televisões. Um filme dos tais que não custa nada rever, já que este *musical*, livremente baseado no romance homónimo de Collette e passado na Paris-do-*virar-do-século*, é uma encenação brilhante de Vincent Minnelli e um desfilar de canções e de interpretações bem adequadas à temática da história e premiadas com uma mão-cheia de Óscares.

## Eles e Elas (Quarta, 16.30, TVI)

Excelente adaptação de um musical da Broadway (por sua vez partindo de uma história com personagens criadas por Damon Runyon) eis um bom filme de Joseph Mankiewicz que tem a particularidade de constituir uma estreia no cinema musical de... Marlon Brando, bem à vontade ao lado de Frank Sinatra e de Jean Simmons. Na banda sonora, o destaque vai para grandes canções como *If I Were a Bell* ou *Luck Be a Lady*, do inesgotável Frank Loesser.

## Uma Noite na Ópera (Quarta, 22.50, RTP2)

Depois dos dois primeiros e muito fracos filmes deste ciclo dedicado aos Irmãos Marx, *Uma Noite na Ópera* é uma das comédias-chave da carreira dessa imparável parilha de cómicos. Embora sobejamente conhecido, não vamos aqui desvendar, aos mais novos que o não tenham visto, o enredo deste clássico da farsa cinematográfica. Destaque, apenas, para algumas cenas irresistíveis: a da cabina do barco, a dos falsos aviadores, e a constante mutação de cenários durante a perseguição na Ópera de Nova Iorque. A não perder.



«A Máscara», de Charles Russell



■ Correia  
da Fonseca

# De Dezembro a Dezembro

**M**ais dia menos dia, tem um ano de exercício a actual direcção de programas da Radiotelevisão Portuguesa, quase coincidindo o aniversário com o termo do ano civil, o que quase sempre convida a balanços. Aparentemente foi, pois, um ano de poder, embora não deva ser esquecido que muitas vezes o poder é menos poderoso do que parece. De qualquer modo, é certo que surgiu como um poder novo e um poder longamente desejado pelos que se indignavam perante a funda mediocridade para que resvalara a Televisão que é de capitais públicos, isto é, do Estado, por mais que um estranho pudor muitas vezes pareça tolher a ajustada designação de estatal.

Se nos lembrarmos que o Estado deve ser não apenas pessoa de bem, como tantas vezes se ouve repetir, mas também pessoa civilizada, com asseio mental e ético, que não transpire analfabetismo militante por todos os poros, perceberemos por que é que a RTP suscitava então arrepios de indignação em muita gente, não direi que sempre, mas decerto vezes de mais.

Passou, pois, um ano, e as expectativas sucessivamente adia-

das vieram a ser sucessivamente frustradas, como é bem sabido. Antes do Outono de 95, a programação da RTP era medíocre porque, dizia-se, era preciso gastar muito dinheiro na compra e transmissão de mediocridades que de outro modo iriam parar às mãos da concorrência e potenciar-lhe a capacidade de seduzir audiências. Depois do Outono de 95, a programação é medíocre porque, sendo preciso não gastar muito dinheiro, não será viável uma drástica mudança de rumo que, de resto, podia desencadear uma desertificação do auditório. De qualquer forma, não haverá grande exagero em adaptar o velho estribilho publicitário e dizer que a RTP «está cada vez mais na mesma». Há dúvidas? Veja-se o «Tudo às escuras», o «De par em par», o «Made in Portugal», o «Jet 7», o «Superbebés», o «86-60-86», o «Top +», «Os Principais», a terrificante animação supostamente infantil. E é claro que este rol alinhado de cor é meramente exemplificativo e está longe de estar completo.

## Cinema em vez de TV

Mas, perguntar-se-á, não haverá nada de bom? Há, sim senhores. Porém, sucede que aquele que é talvez o melhor programa da RTP já estava no ar antes de Outubro de 95, embora porventura com a sobrevivência em risco, hipótese que de qualquer modo não é possível confirmar: trata-se do «Acontece», rubrica diária de informação acerca da vida cultural. Está, naturalmente, na TV2, território audiovisual onde estão a ser agrupados os dinossauros residuais que, a contracorrente, ainda se interessam por essas coisas da cultura. Mas será, então, que a TV2 é o canal onde o telespectador anacrónico pode encontrar boa TV à sua espera? Talvez sim, mas não tanto nem tão facilmente quanto possa imaginar-se de longe. Durante seis dias por semana, e isto já desde há alguns meses, o melhor tempo dos serões, para lá dos serviços informativos, é ocupado pela transmissão de filmes dos circuitos comerciais. Bons filmes, dos que vale a pena ver? Digamos que sim e esqueçamos as excepções à regra, que são muitas. Mas aquilo não é televisão, é cinema no televisor, que é coisa muito diferente até porque, bem se vê, aquelas obras não foram concebidas para serem olhadas em formato miniaturizado. Toda a gente sabe isto, é claro, trata-se de um lugar-comum, mas a verdade é que a RTP parece ignorá-lo. E por essa aparente ignorância se gasta uma boa parte do melhor tempo em princípio reservado para que, pelo menos no segundo canal, pudesse ser vista a melhor TV.

É certo que a TV2 não pode resumir-se à transmissão de filmes e à informação. O que fica depois do minicinema e do arquipélago informativo, porém, é por vezes desconcertante e até comprometedor. No canal da qualidade, da cultura, do serviço público assumido embora só nebulosamente, está agora a ser transmitida, em repetição, a famigerada «Missão Impossível» dos bons velhos tempos em que a livre América desencadeava uma arrasadora «guerra fria» contra o Império do Mal. Dir-se-ia que na 5 de Outubro ainda se confunde cultura com lavagem de cérebros, equívoco além do mais inútil porque, não sei se por lá já consta, o Muro já caiu e o comunismo está completamente defunto. E não se alegue que a equipa de Jim Phelps não se ocupa só de comunistas: talvez a maior parte das vezes se encarrigue de negros, de latinos e de outras raças inferiores, mas facilmente se adivinha, e por vezes até é explícito, que essa gente feia e má leu a cartilha marxista-leninista. O caso é que a grande produção norte-americana para a TV não tinha, como ainda hoje não tem, a ingenuidade de perder pitada.

Ao escrever-se isto, não se esquece que em matéria de repetições a TV2 nos tem dado coisas excelentes e outras simplesmente boas. Essas, porém, não podem motivar anotação especial: é normal que a qualidade mereça reposição, o que é surpreendente é que o lixo (mesmo se cromado, como é de uso nos Estados Unidos) seja tratado de igual modo. Tal como

surpreende, se porventura não indigna, que a única rubrica regular com informações acerca da grande Música tenha sido exilada para lá da fronteira da meia-noite. É mais um caso, entre muitos, em que a RTP não se contenta com o internamento em gueto dos que se obstinam em buscar a qualidade (é mesmo de crer que, para esses, esteja em estudo o uso obrigatório de uma estrela amarela de seis bicos em lugar bem visível do vestuário, se não de uma



estrela vermelha de cinco pontas porque, como bem se sabe, toda a cultura é comunizante). Não, a RTP também castiga, obrigando essa minoria incómoda a deitar-se tarde, a chegar ao emprego a cair de sono, a ter conflitos com a chefia por eventu-

ais atrasos. E esta estratégia tem até utilidade social porque, excluindo esses atrasados do grupo de empregados susceptíveis de boa informação para possíveis promoções, contribui para que aos postos de comando não acedam sujeitos cultos, e portanto suspeitos, abrindo-se caminho para que tais lugares sejam exclusivamente preenchidos por analfabetos culturais, como indiscutivelmente convém à sociedade pragmática e desinibida que continua em animada construção.

## A verdadeira democracia

Espero que ninguém se lembre de alegar, mesmo só por hipótese, que o sector informativo da RTP está, desde há um ano, decisivamente mais aberto ao pluralismo e à isenção. Talvez, isso sim, as brasas da Informação estejam agora um pouco mais chegadas à sardinha cor-de-rosa e um pouco menos à sardinha cor-da-laranja, mas confesso que essas pequeninas diferenças entre primos me interessam pouco, ainda que interessem muito legitimamente a quem é da família. Por mim, não esqueço que há maneiras de ver a vida e o mundo que não passam pela prostração perante o deus Mercado, a veneração da sociedade capitalista como única forma de respirar e a estrita observância do único mandamento entregue por Jeovah, no alto do Sinai, aos senhores do mundo para ali convocados: «Amái o dólar sobre todas as coisas e o lucro como a vós mesmos.» Ora, é mais que evidente que na RTP continuam a ser malditos, e por isso proscritos ou queimados em autos-de-fé onde a falsificação queima como labaredas, os dados que impliquem contradição herética e sacrilégio de tão sagrados princípios. Há excepções? Claro que sim. Parafrazeando o Herman, dir-se-á que a verdadeira democracia modelo USA é a democracia onde as verdades são estranguladas o bastante para que ninguém dê por elas, mas não tanto que morram asfixiadas e no estrebuchar da agonia provoquem algum inconveniente escândalo. A RTP, por enquanto (sublinho: por enquanto, o que é um indicio de esperança e até de alguma ingénua confiança), está nessa. Já não me lembro se a RTP laranja era melhor ou pior, mas suspeito que a questão é tonta e irrelevante.



## CIRCO

## O Circo desce às cidades

Como é habitual nesta altura do ano, multiplicam-se por todo o país vários espectáculos de Circo, um divertimento que agrada tanto aos miúdos como aos graúdos. Hoje temos para vos aconselhar, entre outros, os espectáculos que animam duas salas onde sempre foi tradição apresentar Circo: os Coliseus de Lisboa e do Porto. No Coliseu dos Recreios, em Lisboa, actua nestes dias uma Companhia Internacional de Circo constituída por artistas de várias nacionalidades com equilibristas, trapezistas, palhaços e, naturalmente, números de animais amestrados; entretanto no Coliseu do Porto, agora já parcialmente restaurado após o último incêndio, os espectáculos estão a cargo de um Monumental Circo Soviético. É também sabido que o nome Cardinali está intimamente ligado ao Circo. Pois é de outras duas companhias com ele relacionadas que agora vos falamos: o Circo Victor Hugo Cardinali que, numa tenda erguida nos terrenos da Feira Popular de Lisboa, não apenas apresentará números tradicionais de circo como realizará especiais exhibições de patinagem sobre o gelo; por outro lado, na outra margem do rio Tejo, concretamente no Terreiro da Feira em Setúbal, o Circo Roberto Cardinali apresenta especialmente números com animais amestrados - leões, tigres e ursos - sem faltarem trupes de palhaços. Ainda em Lisboa, um outro espaço - que se tornou de habitual interesse para os amantes do Circo é a Praça de Touros do Campo Pequeno. Ali está a actuar neste momento, numa tenda especialmente construída para o efeito, uma outra companhia prestigiada: a do Circo Chen. É entrar, meninos e meninas!



## ESCAPARATE

## A Festa, a Cidade e o Rio

Subordinadas a esta temática e organizadas pelo Pelouro de Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, decorrerão no Passeio Marítimo de Alcântara, a partir das 22 horas de 31 de Dezembro entrando pela madrugada dentro de 1 de Janeiro, as festas de passagem de ano intituladas «Fim do Ano nas Docas». Nesta série de espectáculos que animarão não apenas o exterior como vários locais da noite lisboeta ali situados, haverá muitas surpresas, fogo de artifício e actuações musicais para todos os gostos com a participação de algumas das bandas de mais nomeada na moderna música popular. Entre outros, actuarão: os Xutos & Pontapés, Paulo Gonzo, Alex e os Putos do Bairro, Meninos d'Avó, Clã e, ainda, Da Weasel, Primitive Reason, Whieghfield e Tabanka Djaz.

## Fim de Ano no Trindade

Mas se o leitor lisboeta prefere um réveillon mais pacato - embora sem dúvida animado - poderá dançar até altas horas no Teatro da Trindade. Ali poderá assistir a um Concerto e

Baile de Fim de Ano com a participação do K.A.F - Quinteto de António Ferro e, ainda, de João Bengala e Amigos.



Xutos &amp; Pontapés

## RÁDIO

## Alguns programas especiais

Se no seu plano de férias escolheu esta quadra festiva para passar alguns dias de justo descanso, então talvez tenha mais tempo e oportunidade para ouvir boa rádio. Por isso lhe aconselhamos algumas emissões especiais que poderá ouvir na Antena 2, o canal clássico da RDP-Radiodifusão Portuguesa. Assim, por exemplo, hoje a partir das 19.05 até às 24 horas, na rubrica «Noite de Ópera», haverá uma transmissão a não perder: a ópera «O Crepúsculo dos Deuses», de Richard Wagner, integrada no Festival de Bayreuth deste ano, numa gravação da Rádio da Baviera. Interpretarão os principais papéis os cantores Wolfgang Schmidt, Deborah Polaski, Hanna Sewarz, Ulla Sippolla e Joyce Guyer, com o Coro e a Orquestra do Festival de Bayreuth. A direcção musical será do maestro James Levine.

A propósito de Wagner e falando agora de um outro compositor extremamente influenciado por ele, o destaque vai tam-



Richard Wagner

bém para a Antena 2. No próximo sábado 28 e agora integrada no programa de intercâmbio radiofónico «Erorádio», uma outra conhecida obra do teatro musical é levada à cena entre as 18.30 e as 23 horas: a ópera «Hansel e Gretel», de Engelbert Humperdinck, um maravilhoso conto de fadas para crianças posto em música. Trata-se de uma transmissão em directo, a partir do Metropolitan Theatre de Nova Iorque, de uma das récitas integradas na presente temporada de



Hansel e Gretel, de Humperdinck

96/97. Principais intérpretes: Dawn Upshaw, Jennifer Larmore, Marilyn Zschau, Ruth Falcon e Timothy Noble. A direcção musical será de Andrew Dadis.

Também no sábado, às 23 horas, logo a seguir a esta transmissão directa e no programa «Auditório» de Romeu Pinto da Silva e José Manuel Gonçalves, será a vez de se comemorar o 90º aniversário do nascimento do grande compositor português Fernando Lopes-Graça. Num programa especial que poderá ser ouvido em repetição na 2ª feira 30 pelas 16.10, serão ouvidas as obras «Em Louvor da Paz» pela Orquestra da Radiodifusão Polaca sob a direcção de Szymon Kavalla e, ainda, Três Odes de

## TEATRO



Alfredo Cortez (desenho de Mário Eloy)

## Uma peça de Alfredo Cortez

Numa encenação de Artur Ramos, continua em cartaz no Teatro Nacional D. Maria II até ao próximo dia 5 de Janeiro a peça «Gladiadores», de Alfredo Cortez. A cenografia desta montagem é de António Alfredo, os figurinos de Juan Sotullo, a música de António Victorino de Almeida, a coreografia de Fernando Lima, a iluminação de J. Carlos Nascimento e a sonoplastia de Leonel Ferreira. Do elenco residente, os principais intérpretes são, entre outros, Carlos Cabral, Catarina Avelar, Fernando Luís, Lourdes Norberto, Lúcia Maria e Maria Amélia Matta e, entre os actores convidados, contam-se Carlos Quintas, Francisco Nicholson ou Julie Sargent. Os espectáculos realizam-se de 3ª a sábado às 21.30 e aos domingos às 16 horas.

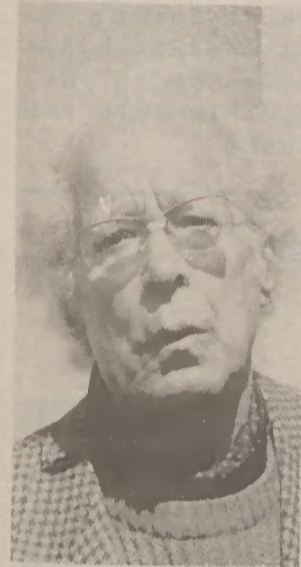
Carlos Paredes (Comício do PCP, Beja, 31.09.74)

## DISCO

## Obras inéditas de Carlos Paredes

Foi agora publicado pela EMI/VC um conjunto de gravações até agora inéditas realizadas em estúdio entre 1969 e 1973 pelo grande guitarrista Carlos Paredes. Intitulado «Na Corrente», o disco contém

uma versão da suite «O Oiro e o Trigo» gravada num concerto público realizado em Erfurt, na antiga República Democrática Alemã. Também interpretações de dois temas do seu pai Artur Paredes são incluídos no disco, «Balada de Coimbra» e «Canção de Alcipe». Interessante e curiosa é a audição, pela primeira vez em disco, de uma longa improvisação de Carlos Paredes para um documentário realizado para a RTP pelo grande fotógrafo e director de fotografia Augusto Cabrita, com a particularidade de Paredes aqui tocar viola e não guitarra portuguesa. Um disco a não perder.

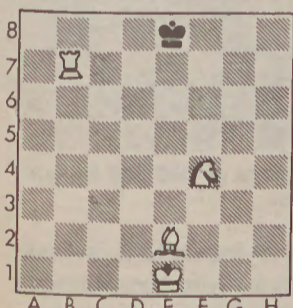


Fernando Lopes-Graça

## XADREZ

DXCI - 26 DE DEZEMBRO DE 1996  
PROPOSIÇÃO Nº 1996X052  
Por: PIETER THEODOR LOEWIJK  
HELVETIUS VAN DEN BERGH  
Sissa, 1852

Pr.: Rex Solus: R68  
Br.: [4]: C14-B62-Tb7-R61



Mate em 4 lances

\*\*\*

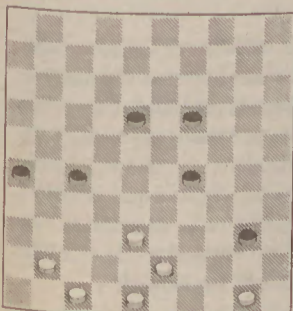
## SOLUÇÕES DO Nº DXCI

Nº 1996X052 [P. Th. L. H. van den B.]: 1. B3! R8; 2. C6+ R8; 3. Ta7 R8; 4. Ta8 #. L. ..., Rf8; 2. C6+ R8; 3. B64 R8; 4. Tb8 #. A. de M. M.

## DAMAS

DXCI - 26 DE DEZEMBRO DE 1996  
PROPOSIÇÃO Nº 1996D052  
Por: PAUL DEGUEE - Bélgica, 1970

Pr.: [6]: 18-19-26-27-29-40  
Br.: [6]: 38-41-43-47-48-50



Branças jogam e ganham

\*\*\*

## SOLUÇÕES DO Nº DXCI

Nº 1996D052 [P. D.]: 1. 50-44!, (40x49-D); 2. 38-33 (49x46); 3. 33x31, (26x37); 4. 47-41, (-); 5. 48x37+ A. de M. M.

## LIVROS



## Ninguém dá prendas ao Pai Natal

Se o Natal já passou, a quadra ainda não se foi, e é ainda tempo de lembrar alguns livros a propósito. Sobretudo não esquecendo que as crianças também têm direito à fantasia e ao gosto da leitura. *Ninguém dá prendas ao Pai Natal* é um livrinho, da autoria de Ana Saldanha, com ilustrações de Joana Quental, que a Campo das Letras lançou recentemente na sua colecção *Palmo e Meio*.

## Animais &amp; C.ª

Também de Ana Saldanha, desta vez com ilustrações de Fernando Oliveira, este livro dirigido ainda a crianças mas que tenham ultrapassado o palmo e meio. A colecção chama-se *Vamos Viajar* e a editora é a Campo das Letras. A autora convida os leitores a passarem um fim-de-semana de campismo por terras de Ribatejo, no meio de aventuras e bicharada. Touros e cavalos, pois claro, que é esse o imaginário associado às campinas, e outros animais a compor um ramalhete para divertir e viajar através da leitura.

## Os Materiais do Amor seguido de O Desafio à Tristeza

Mas os adultos não ficam de fora, seja qual for a quadra. E as quadras quaisquer que sejam, estão sempre abertas à leitura de poesia. A Caminho propõe este livrinho da sua colecção *Poesia*. O autor, Eduardo White, nasceu em Quelimane, Moçambique, e publicou já três outros livros - *Amar sobre o Índico*, em 1984, *O País de Mim*, em 1989, e *Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de Ser Ave*, em 1992, que foi Prémio Nacional de Poesia em Moçambique.



## ATALHE DE FOICE (des)Encontros

«Fazer um filme é como ir jogar uma partida de bilhar; vamos lá porque os nossos amigos nos esperam, e se não fossem eles não nos apeteceria ir jogar.» As palavras de Marcello Mastroianni ecoam ainda nos nossos ouvidos quando chega a notícia da sua morte.

Uma morte inesperada, como todas as mortes dos que souberam criar nos outros a ilusão da eternidade.

Sinto a morte de Mastroianni como a de um amigo. A casa enche-se de súbito de uma nostalgia estranha, a sensação de perda provoca um nó na garganta. O mundo parece um pouco mais triste, mais pobre.

Pode parecer ridículo, mas a verdade é que Marcello fez parte de toda a minha vida. Como o cinema, de resto. Desde que me recordo que ambos me povoam o imaginário. Com eles me comovi até às lágrimas, senti a exaltação da causas justas, ri de puro divertimento, sorri, reflecti, experimentei quase toda a gama de sentimentos. Só nunca fiquei indiferente. Conhecendo o homem apenas através do actor, gerações inteiras compareceram ao encontro da arte de representar de que foi mestre, aguardaram cada novo título com expectativa, assistiram à incessante criação de personagens, ao aparecimento de cada ruga, de cada cabelo branco, à decrepitude do corpo, como se de um truque de mágica se tratasse, porque de cada vez era como se fosse a primeira do prazer da descoberta de uma arte sempre nova.

A admiração e o respeito por Mastroianni, tanto maior quanto a integralidade do homem nunca deixou o actor cair na tentação do vedetismo espúrio tão comuns do tempo e do meio em que viveu, só tem paralelo noutros nomes a que o dele ficará para sempre associado e cuja perda para a história do cinema é igualmente grande.

Como fazer, então, de conta que esta morte não me diz nada, não nos diz nada?

Quantos milhões de pessoas como eu, que nunca viram o actor a não ser numa tela de cinema, não sentirão o mesmo?

E quantas pessoas como eu não terão sentido um profundo desgosto, naquela quinta-feira, 19 de Dezembro, em que Mastroianni morreu, ao verificar que a morte deste nome grande da sétima arte não mereceu uma alteração de programação, penosamente arrastada pela noite dentro com séries de pacotilha que são um autêntico atentado à sanidade mental dos cidadãos?

Do estripador de prostitutas do canal 1 ao chafurdar da SIC nas infidelidades e vícios da princesa Fergie, sem esquecer os escaldantes assuntos privados numa pseudo-redacção na TVI, a pobreza televisiva ficou nesse dia mais exposta do que nunca. Como se fosse impensável sacrificar o mau e o medíocre para prestar uma homenagem, simbólica que fosse, a um actor que protagonizou uma centena de filmes, e cuja única dificuldade poderia ser a da escolha! Marcello Mastroianni morreu e não é nenhuma figura de retórica dizer que o cinema ficou de facto mais pobre.

Felizmente para todos nós que a arte sobrevive aos homens. Mastroianni não voltará a jogar bilhar, mas nada nos impedirá de continuar a comparecer ao encontro de amigos que cada filme seu representa. De preferência, no aconchego de uma boa sala de cinema.

■ AF

## ÚLTIMAS

# Reafirmado por João Amaral no Parlamento "Há um projecto alternativo de esquerda"

Fortes críticas ao Governo PS pelo seu enfeudamento às políticas de Maastricht, ao neoliberalismo monetarista e aos interesses do grande capital voltaram a soar da tribuna do Parlamento. Proveniente da bancada comunista, pela voz do seu deputado João Amaral, o libelo acusatório contra uma política que prossegue no essencial a política de direita do PSD subiu mesmo de tom quando foi lembrado que as consequências desastrosas de tal opção aí estão, iniludíveis, no entrave ao desenvolvimento do País, no acentuar das desigualdades sociais, no agravar das assimetrias regionais, no aumento do desemprego, no enfraquecimento do estatuto dos trabalhadores e na degradação das prestações sociais e das condições de vida da população.

Na sua intervenção, sob a forma de declaração política, destinada a dar a conhecer as principais conclusões políticas do XV Congresso do PCP, João Amaral desenvolveu ainda com algum detalhe as linhas de uma política alternativa à política de direita, considerando que o seu "eixo central", do ponto de vista do PCP, passa pela "resposta aos problemas do País e do povo português numa assumida perspectiva de esquerda".

Foi aliás nesta perspectiva que o deputado comunista se colocou, desenvolvendo a partir daí uma linha de argumentação que o levaria a concluir, numa farpa directa ao Governo, que uma política de esquerda não pode subordinar o País a "critérios de matriz neoliberal e monetarista como são os critérios de Maastricht", do mesmo

modo que não lhe pode negar, frisou, "o direito de debater livremente e com profundidade o caminho imposto pela moeda única e o direito de se pronunciar em referendo sobre a matéria".

Lembrando que o "PCP assume-se sem complexos com um Partido portador de um projecto alternativo de esquerda e como um grande polo aglutinador das vontades e aspirações de esquerda existentes na sociedade portuguesa", João Amaral, estabelecendo sempre a comparação entre este ideário e a prática governativa do PS, assinalou por outro lado que "uma política de esquerda tem de pôr em primeiro lugar os portugueses, o mundo do trabalho, os sectores produtivos".

"Uma política de esquerda assume todas as consequências

da defesa do primado da vontade democrática dos portugueses sobre a vontade dos grupos económicos", realçou ainda o parlamentar comunista, antes de concluir que uma tal política "assume a força dos trabalhadores e das suas organizações de classe como uma componente essencial do seu próprio projecto político e da sua base social de apoio".

Verberado por João Amaral foi ainda o que apelidou de "chorrilho de inqualificáveis insultos" produzido pelo deputado socialista e dirigente partidário Francisco Assis, nomeado para comentar o Congresso do PCP, declarações que em sua opinião revelam bem a "compreensão da direcção do PS por estas questões" e a "exacta medida do tipo de debate" por si defendido.

## Parlamento aprova iniciativa do PCP Em defesa da olivicultura nacional

A Assembleia da República aprovou por unanimidade um projecto de resolução apresentado pelo Grupo Parlamentar do PCP preconizando um conjunto de medidas em defesa da olivicultura nacional. Esta iniciativa do Grupo comunista, que mereceu o apoio de todas as restantes formações parlamentares, surge na sequência de uma proposta da Comissão Europeia visando a reforma do sector do azeite. Correspondendo às pressões e interesses de países que pretendem a substituição do consumo de azeite por outros óleos vegetais, nos termos em que foi redigida, esta proposta dos Serviços da Comissão penalizaria duramente o nosso país - o sétimo produtor mundial -, podendo vir a significar a ruína para muitos dos cerca de 80.000 produtores portugueses.

Em causa está concretamente a proposta que, a pretexto do combate à fraude registada em alguns países comunitários (designadamente em Itália que tem sido acusada de emitir declarações de produção de azeite puro que mais não é do que misturas com outros óleos vegetais), pretende substituir a ajuda à produção por uma ajuda à árvore, abandonando o regime de intervenção e a ajuda ao consumo.

Ora sucede que substituir a ajuda à produção por uma ajuda à árvore, como sublinhou no debate o deputado comunista Lino de Carvalho, levaria inevitavelmente "ao abandono dos olivais e da preocupação com a produção e a qualidade do azei-

te", uma vez que, observou, "o produtor receberia sempre o mesmo apoio por árvores, independentemente da produção obtida", assim prejudicando os pequenos produtores, para além das consequências negativas sobre o meio ambiente que adviriam da extensificação da cultura do olival.

A par da rejeição do modelo de reforma do sector do azeite, no texto da resolução subscrita pelos deputados comunista, defende-se que o representante português no Colégio de Comissários assumia idêntica posição de recusa, sendo igualmente proposta a manutenção das ajudas à produção e ao consumo, garantindo o rendimento dos agricultores portugueses.

A defesa do actual regime de intervenção a preços remuneradores, o reforço dos mecanismos de fiscalização e de combate à fraude, a proibição da mistura de azeite com outros óleos vegetais e a promoção de campanhas que incentivem o consumo de azeite, constituem outras tantas propostas do projecto de resolução aprovado pelo Parlamento.

Reiteradas por Lino de Carvalho foram ainda as críticas da sua bancada às orientações dominantes da Política Agrícola Comum, cujas consequências, alertou, estão a ser desastrosas para a agricultura e os agricultores portugueses. Por si lembra-



A superfície olivícola ocupa no nosso país cerca de 340.000 hectares abrangendo um universo de 80.000 produtores

das foram, concretamente, em defesa do seu ponto de vista, as fragilidades da nossa agricultura sem condições para o embate decorrente da PAC e da liberalização dos mercados, bem como, noutra plano, o facto de não

serem respeitadas as diversidades das agriculturas europeias, em particular as de base familiar, e de se privilegiarem as produções dominantes nos países setentrionais e do Norte da Europa.

## Portucel Viana em luta

Os trabalhadores da Portucel Viana iniciaram segunda-feira um processo de luta em apoio da sua reivindicação de um aumento de seis mil escudos para o subsídio de turno. Esta paralisação, por períodos de quatro horas para os diferentes turnos de laboração contínua, prolongar-se-á nos próximos dias 30 de Dezembro e 6, 13 e 20 de Janeiro, caso se mantenha a intransigência da administração em satisfazer esta reivindicação dos trabalhadores. Na sua origem, de acordo com uma nota do Sindicato dos Trabalhadores

das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa, está o agravamento da penosidade e das condições de trabalho impostas aos trabalhadores dos turnos, situação esta em relação à qual, acusam, a administração da empresa e do Grupo Portucel revela uma total "falta de sensibilidade".



5603199000445